



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC – CAMPUS XI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTERVENÇÃO
EDUCATIVA SOCIAL- MPIES

PAULA VALENTINE SOARES DE FREITAS

PERCURSOS DAS MULHERES COTISTAS TRANSEXUAIS NA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* DA UNEB: UMA SISTEMATIZAÇÃO DIALÓGICA NO ÂMBITO EDUCATIVO E SOCIAL

LINHA 1 – Novos contextos de aprendizagem

Serrinha - BA
2022



PAULA VALENTINE SOARES DE FREITAS

PERCURSOS DAS MULHERES COTISTAS TRANSEXUAIS NA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* DA UNEB: UMA SISTEMATIZAÇÃO DIALÓGICA NO ÂMBITO EDUCATIVO E SOCIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social da Universidade do Estado da Bahia Campus XI, no âmbito da Linha 01 de Pesquisa Novos Contextos de Aprendizagem, como requisito para obtenção do título de Mestre em Intervenção Educativa e Social na Área de Concentração Educação, Sociedade e Intervenção.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Célia Coelho G. da Silva.

Serrinha - BA
2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Maria Claudete Marques Barbosa Estrêla CRB 5/806

F866 Freitas, Paula Valentine Soares de

Percursos das mulheres cotistas transexuais na pós-graduação stricto sensu da UNEB; uma sistematização dialógica no âmbito educativo social. / Paula Valentine Soares de Freitas. - Serrinha, 2022. 113fls. : il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Célia Coelho G. Da Silva.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós Graduação em Intervenção Educativa e Social - MPIES, Campus XI. 2022.

1. Transexuais - Programas de ação afirmativa. 2. Identidade de gênero - UNEB. 3. Mulheres - Transexuais. I. Silva, Sandra Célia Coelho G da Silva. II. Universidade do Estado da Bahia.

CDD 344.0419

FOLHA DE APROVAÇÃO

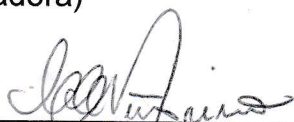
"PERCURSOS DAS MULHERES COTISTAS TRANSEXUAIS NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU DA UNEB: UMA SISTEMATIZAÇÃO DIÁLOGICA NO ÂMBITO EDUCATIVO E SOCIAL"

PAULA VALENTINE SOARES DE FREITAS

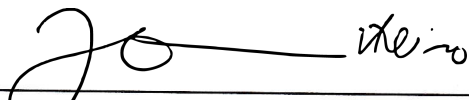
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social – MPIES, em 7 de outubro de 2022, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Intervenção Educativa e Social pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Sandra Célia Coelho Gomes da Silva
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Ciências da Religião
Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás
(Orientadora)



Prof.^a Dr.^a César Costa Vitorino
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Pós-graduação em Letras
Pontifícia Universidade Católica – PUCRS
(Examinador Interno)



Prof.^a Dr.^a José Reinaldo de Araújo Quinteiro
Universidade de Rio Verde – UNIRV
Doutorado em Ciências da Religião
Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás
(Examinador Externo)

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Deus por ter me dado a vida, saúde e sabedoria para chegar nesta etapa da minha vida acadêmica, também quero agradecer a minha ancestralidade: Minhas bisavós Chica e Izaura, minhas avós Terezinha e Valdete, e especialmente aos meus pais por acreditarem na importância da educação como ferramenta de transformação, no meu potencial e por sempre motivarem os meus estudos. Também estou imensamente grata a minha orientadora, que além de professora, orientadora também foi terapeuta e uma amiga nessa minha caminhada que teve vários percalços, no entanto passamos juntas. Sou feliz também pelos conhecimentos que os professores/as do MPIES que me forneceram, além das atividades, projetos e eventos promovidos pelo programa que contribuíram para minha formação. E não poderia deixar de agradecer a minha colega de turma e amiga, Ana Maria Batista, que esteve ao meu lado em todos os momentos que precisávamos uma da outra, compartilhando referências, diálogos enriquecedores e risos também; Sou grata a minha irmã travesti Thiffany Odara por compartilhar do mesmo percurso que o meu e por ser uma amiga pra todas as horas. Por fim, agradeço a UNEB que me contemplou com a Bolsa Progesq, pois me possibilitou recursos financeiros para que fosse possível realizar a pesquisa e chegar até aqui, realizando meu sonho. Ainda bem que a gente tem a gente!

EPÍGRAFE

Linn da Quebrada

Eu determino que termine aqui e agora
Eu determino que termine em mim, mas não acabe comigo
Determino que termine em nós e desate
E que amanhã, que amanhã possa ser diferente pra elas
Que tenham outros problemas e encontrem novas soluções
E que eu possa viver nelas, através delas e em suas memórias

[...]

Não queimem as bruxas
Mas que amém as bixas
Mas que amém
Que amém
Clamem
Que amém
Que amém as travas também

Amém.

RESUMO

É visível na sociedade brasileira as gritantes violências que as mulheres transexuais sofrem tanto no seu percurso de vida quanto no âmbito da sua formação acadêmica. A política nacional de cotas para transexuais foi instituída no ano 2018 por diversas universidades brasileiras, o que reverberou na sua implementação na UNEB por meio da RESOLUÇÃO Nº 1.339/2018/UNEB. Dessa forma, o presente estudo teve como questão de pesquisa: como se dá o percurso das mulheres cotistas transexuais nos últimos quatro anos (2018-2022) nos PPGSS da UNEB e como essas mulheres vivenciam e sistematizam ações dialógicas a partir dos documentos institucionais? Tendo como objetivo analisar o percurso das mulheres cotistas transexuais nos últimos quatro anos na Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB e elaborar coletivamente um perfil na plataforma digital Instagram que expresse a partir das vivências e dos documentos institucionais as sistematizações dialógicas no âmbito educativo e social. Para isso, inicialmente é apresentada a UNEB e seus embasamentos legais concernentes a política de cotas para pessoas transexuais, na sequência, houve uma contextualização do percurso acadêmico das mulheres transexuais nos últimos quatro anos. A participante da pesquisa é uma estudante cotista transexual em um PPGSS da UNEB e o cenário o Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) do Departamento de Educação – UNEB/Salvador – Campus I. No que se trata da metodologia da pesquisa, utilizou-se as Narrativas de vida, como propõem Haguette (1997) e Josso (2006) a partir de entrevistas orais. E para análise de dados, optou-se pela autobiografia proposta por Souza (2014) e Ferrarotti (2010), uma vez que a participante pertence a um grupo social específico. A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética da UNEB, sob o parecer nº 5.080.636, tendo como resultado o produto da pesquisa um perfil na plataforma digital *Instagram* intitulado @TransInformAÇÃO para subsidiar as mulheres transexuais provenientes da política de cotas da UNEB partindo das sistematizações educativas e sociais.

Palavras-chave: política de cotas; mulheres transexuais; ensino superior; UNEB.

RESUMEN

Es visible en la sociedad brasileña la flagrante violencia que sufren las mujeres transexuales tanto en su curso de vida como en el contexto de su formación académica. La política nacional de cuotas para transexuales fue instituida en 2018 por varias universidades brasileñas, lo que repercutió en su implementación en la UNEB a través de la Resolución N° 1.339/2018/UNEB. De esta forma, el presente estudio tuvo como cuestión de investigación: cómo transcurre la trayectoria de las mujeres transexuales tenedoras de cupos de los últimos cuatro años (2018-2022) en el PPGSS de la UNEB y cómo estas mujeres experimentan y sistematizan acciones dialógicas a partir de documentos institucionales? Con el objetivo de analizar la trayectoria de las mujeres transexuales titulares de cupos en los últimos cuatro años en el Programa de Posgrado *Stricto-Sensu* de la UNEB. Para ello, se presenta inicialmente la UNEB y sus bases legales en torno a la política de cuotas para personas transexuales, luego se contextualizó la trayectoria académica de las mujeres transexuales en los últimos cuatro años. La participante es una estudiante transexual tenedoras de cupos en PPGSS en la UNEB y el escenario es el Programa de Posgrado *Stricto-Sensu* en Educación y Contemporaneidad (PPGEduC) en el Departamento de Educación – UNEB/Salvador – Campus I. En cuanto a la metodología de la investigación, utilizo las Narrativas de Vida, como propuesta por Haguette (1997) y Josso (2006) a partir de entrevistas orales. Y para el análisis de los datos, se optó por la autobiografía propuesta por Souza (2014) y Ferrarotti (2010), ya que la participante pertenece a un grupo social específico. La investigación fue aprobada por el Comité de Ética, bajo el dictamen n° 5.080.636 y con el resultado de la investigación fue creado colectivamente un perfil en la plataforma digital Instagram titulado @TransInformAÇÃO para subsidiar a mujeres transexuales procedente de la política de cuotas de la UNEB con base en sistematizaciones educativas y sociales.

Palabras clave: política de cuotas; mujeres transexuales; enseñanza superior; UNEB.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Avatar do perfil TransInformAÇÃO	78
Figura 2 – Perfil do Instagram TransInformAÇÃO	78
Figura 3 – Destaques do Instagram TransInformAÇÃO	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dissertações encontradas no Banco de Dados da Capes	22
Quadro 2 –Estrutura do Trabalho de Conclusão de Curso	26-27
Quadro 3 – Territórios e Departamentos da UNEB	32-33
Quadro 4 – Programas de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> : Mestrados	34-35
Quadro 5 – Programas de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> : Doutorado	35-36
Quadro 6 – Grupos Contemplados pela Resolução Nº 1.339/2018	41
Quadro 7 – Pergunta 01 e Resposta da participante E1	57-58
Quadro 8 – Pergunta 02 e Resposta da participante E1	58
Quadro 9 – Planejamento da Roda de Conversa	72-73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNEB	Universidade do Estado da Bahia
PPGSS	Pós-Graduação <i>Stricto-Sensu</i>
PPGEduC	Programa de Pós-Graduação <i>Stricto-Sensu</i> em Educação e Contemporaneidade
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, <i>Queer</i> , Intersexo, Assexual +
UERJ	Universidade do Rio de Janeiro
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
IC	Iniciação Científica
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência
DCH	Departamento de Ciências Humanas
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
OMS	Organização Mundial de Saúde
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
MPIES	Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
CETEB	Centro de Educação Técnica da Bahia
PPG	Pró-Reitoria de Pesquisa, Ensino e Pós-Graduação
EaD	Educação à Distância
UNEAD	Unidade Acadêmica de Educação à Distância
CONSU	Conselho Universitário
PROAF	Pró-Reitoria de Ações Afirmativas
ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
MEC	Ministério da Educação
GEPERCS	Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde

SUMÁRIO

1. CAPÍTULO I- LABUTANDO DAS CALÇADAS À ACADÊMIA: INTRODUZINDO O OBJETO DE ESTUDO.....	13
1.1. INTRODUÇÃO	13
1.2. QUESTÃO DE PESQUISA	15
1.3. OBJETIVO GERAL	15
1.4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
1.5. IMPLICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL	16
1.6. PARTICIPANTES E CENÁRIO DE PESQUISA	20
1.7. ASPECTOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DA PESQUISA.....	21
1.8. RISCOS DA PESQUISA	21
1.9. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
1.10. PRODUTO DE PESQUISA: PERFIL NA PÁGINA DA PLATAFORMA DO INSTAGRAM	27
1.11. ESTRUTURA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: FORMATO DA DISSERTAÇÃO.....	28
2. CAPÍTULO II – AQUI O BABADO É FORTE: A UNEB E OS SEUS EMBASAMENTOS LEGAIS E AS POLÍTICAS DE COTAS PARA PESSOAS TRANSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSGÊNEROS.....	30
2.1. SEÇÃO 01: A UNEB E OS SEUS EMBASAMENTOS LEGAIS: TESSITURAS DISCURSIVAS.....	31
2.2. SEÇÃO 02: A POLÍTICA DE COTAS PARA PESSOAS TRANSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSGÊNEROS: DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR.....	42
3. CAPÍTULO III - ACEITA QUE DÓI MENOS: VIVÊNCIAS E ANÁLISES DO CAMPO EMPÍRICO DAS MULHERES COTISTAS TRANSEXUAIS NOS PPGSS DA UNEB.....	51
3.1. SEÇÃO 01: ENCONTRANDO COM O CAMPO EMPÍRICO: METODOLOGIA DO ESTUDO	52
3.2. PARTICIPANTES DA PESQUISA	56
3.3. CÉNARIO DA PESQUISA	57
3.4. INSTRUMENTOS	58
3.5. SEÇÃO 02: ANÁLISE DO CAMPO EMPÍRICO: ACHADOS DA PESQUISA.....	63

4. CAPÍTULO IV – NÃO VOU DEITAR PARA A TRANSFOBIA: OS PERCURSOS DAS MULHERES TRANSEXUAIS NA PPGSSDA UNEB A PARTIR DE UMA SISTEMATIZAÇÃO DIALÓGICA NO ÂMBITO EDUCATIVO E SOCIAL.....	72
4.1. SEÇÃO 01: RODA DE CONVERSA DIALOGADA E INTERVENTIVA PARA ELABORAÇÃO DO PRODUTO DA PESQUISA.....	73
4.2. SEÇÃO 02: CONSTRUÇÃO COLETIVA DO PRODUTO DA PESQUISA: PERFIL @TRANSINFORMAÇÃO NO INSTAGRAM.....	85
5. A INQUIETAÇÃO CONTINUA: (IN)CONCLUSÕES	94
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICE I - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS ...	101
ANEXO I – TERMODECONSENTIMENTOLIVREEESCLARECIDO	102
ANEXO II – CRÔNICA: LA MUERTE DE MADONNA.....	106
ANEXO III - PARECER DO COMITÉ DE ÉTICA	108

1. CAPÍTULO I – LABUTANDO DAS CALÇADAS À ACADÊMIA: INTRODUZINDO O OBJETO DE ESTUDO

1.1. INTRODUÇÃO

As violências que mulheres transexuais sofreram historicamente, e ainda sofrem, são gritantes para ser uma problemática ignorada ou ter uma narrativa distorcida, que parte de uma perspectiva normativa, onde na maioria das vezes se dá de forma violenta e carregada de preconceitos, já que além de sofrerem da transfobia¹, estão sujeitas a todas as opressões que qualquer mulher cisgênero² está condicionada socialmente em seu percurso de vida por ser do gênero feminino, e sendo negra, o racismo operará potencializando as opressões mencionadas.

Faz-se necessário trazer a definição do vocábulo percurso, uma vez que as análises foram voltadas para as vivências dessas mulheres em seu percurso educacional e social. Dessa forma, segundo o dicionário Infopédia, a palavra Percurso é definida de três formas principais: 1.atô ou efeito de percorrer / 2.espaço percorrido / 3. trajeto; roteiro; caminho. Além dessas três definições, a palavra percurso no sentido figurado, significa “opções, atividades e experiências de uma pessoa durante a vida”. Sendo assim, entende-se que as experiências e atividades vivenciadas no meio social e educativo como segmento dos percursos da vida de cada indivíduo.

Para abordar sobre a precariedade da vida de mulheres trans foi necessário recorrer às outras relações de poder para além do gênero e da sexualidade, como por exemplo, a constituição de classe econômica, etnia e raça, ou seja, a formação da identidade dessas mulheres como um todo. Esses fatores possuem extrema relevância para entender o porquê e de qual maneira a sociedade condiciona certos

¹ A LGBTfobia compreende a homofobia (contra homens homossexuais, lesbofobia (contra mulheres lésbicas), bifobia (contra mulheres e homens bissexuais) e transfobia (contra pessoas trans e travestis) Manifesta-se de diversas formas, dentre elas o preconceito, a violência física, verbal, e/ou psicológica, desprezo, antipatia, opressão, isolamento, invisibilidade, negação de direitos, agressões verbais, humilhação, perseguição, chantagem, etc. A violência física decorrente da LGBTfobia atinge de forma mais severa os transexuais e as travestis, pois sofrem as maiores discriminações, seja por serem impedidos de entrar e permanecer em locais públicos ou privados de uso coletivo, frequentar escolas e universidades, usar banheiros de acordo com sua identidade de gênero, não ser tratado pelo nome social, etc. (CARTILHA LGBT, 2016; p.10)

² O termo cisgênero designa pessoas cujo gênero com o qual se identificam é o mesmo determinado no nascimento. (CARTILHA LGBT, 2016; p.13)

grupos à marginalidade enquanto enaltece outros indivíduos que são centralizados socialmente.

Com a dignidade negada, muitas vezes a população de homens e mulheres transexuais tem suas identidades apagadas, uma vez que seus respectivos gêneros não são reconhecidos, tendo como consequência com um alto índice de evasão escolar no ensino básico, e quase a inexistência no ensino superior e na Pós-Graduação. Fatores como esse, levam homens e mulheres transexuais à ocuparem subempregos, além de ocasionarem um epistemicídio³ da literatura de/sobre os corpos transgêneros na produção científica. Consequentemente esses indivíduos são condicionados à uma invisibilidade social, que por sua vez se converte na violação dos seus direitos constitucionais.

Na busca por uma democracia sólida na contemporaneidade que inclua de fato cidadãs/os marginalizadas/os, os movimentos sociais almejam a implementação de políticas de ações afirmativas, ou também conhecidas como *políticas de identidade*, que tiveram como percussores os movimentos feministas iniciado no final do século passado, a revolução sexual da população LGBTQIA+, além da luta dos negros nos Estados Unidos da América, entre outros grupos minoritários. Tais movimentos durante décadas vem buscando angariar direitos cada vez mais por meio da afirmação de suas identidades, uma vez que, é com a legitimação da sua existência que se pode pensar em ações de inclusão e equidade para grupos com o histórico de exclusão diante de grupos hegemônicos.

A primeira universidade brasileira a implantar política de cotas raciais na Educação Superior foi a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em 2002, posteriormente a Universidade do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) também adotaram o sistema de cotas, reservando 40% das vagas para negros e 10% para indígenas. Mesmo ainda com o avanço das políticas públicas para grupos minoritários, apenas no ano de 2018 que algumas universidades implementaram as cotas para pessoas transexuais, travestis e transgêneros. Dentre as instituições que aderiram ao supracitado sistema de cotas, está a UNEB, que por meio da Resolução Nº 1.339/2018, que implementou o sistema de reserva de vagas para negros e sobrevagas para indígenas; quilombolas; ciganos; pessoas com deficiência; transtorno do espectro autista e altas habilidades;

³ O epistemicídio ocorre quando uma forma de saber é negada ou negligenciada, e geralmente ocasiona no apagamento do saber de um povo ou grupo social.

transexuais, travestis e transgênero, desse modo, ações como a Resolução 1.339/2018 reforça o caráter popular e inclusivo da supracitada universidade.

A UNEB é uma instituição social de educação em ensino superior, presente em 26 campi distribuídos pelas regiões do estado da Bahia, cuja administração está localizada na capital do estado. A capilaridade da estrutura da UNEB possibilita que suas ações estejam relacionadas à missão social que desempenha no estado, beneficiando milhões de cidadãos baianos, que na sua grande maioria pertencem a um segmento social e economicamente desfavorecidos e excluídos.

Mesmo com o avanço das Ações Afirmativas, ainda são poucos os indivíduos transgêneros que adentram no Ensino Superior e na Pós-Graduação, seja por falta de informação sobre essas ações ou uma falha na sua formação escolar decorrente da transfobia institucionalizada. Dessa maneira, esta pesquisa destinou-se a entender como se dá o percurso das mulheres transexuais nos cursos da Pós-Graduação *Strictu-Sensu* na Universidade do Estado da Bahia, e como a Instituição lida com essa demanda, tendo como ponto central as vivências dessas mulheres dentro do contexto acadêmico a partir dos documentos legais que regem seu ingresso e permanência. Com o aprofundamento no tema, buscou-se de forma metodológica e prática, entender quais são os novos espaços de aprendizagem que a contemporaneidade vem formando e o quê esses agentes da mudança educativa e social propõem a partir dos documentos institucionais.

1.2. QUESTÃO DE PESQUISA

Como se deu o percurso das mulheres transexuais nos últimos quatro anos (2018 - 2022) na Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade do Estado da Bahia por meio da política de cotas e como essas mulheres vivenciaram e sistematizaram ações dialógicas a partir dos documentos institucionais?

1.3. OBJETIVO GERAL

Analisar o percurso das mulheres cotistas transexuais nos últimos quatro anos (2018 - 2022) na Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB e construir coletivamente um perfil na plataforma digital Instagram que expresse a partir das

vivências e dos documentos institucionais as sistematizações dialógicas no âmbito educativo e social.

1.4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar a Universidade do Estado da Bahia e os seus embasamentos legais concernentes a política de cotas de pessoas transexuais;
- Contextualizar o percurso acadêmico das mulheres transexuais na UNEB nos últimos quatro anos, na Pós-Graduação *Stricto-Sensu*, com base nas vivências e nos documentos institucionais;
- Elaborar coletivamente um perfil na plataforma digital Instagram para subsidiar as mulheres transexuais provenientes da política de cotas da UNEB partindo das sistematizações educativas e sociais.

1.5. IMPLICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Nascida de uma família negra e periférica no bairro da Fazenda Grande do Retiro, na cidade de Salvador – BA, sempre tive o estudo como a única forma de ascender socialmente e promover uma vida com conforto para mim e minha família. Eu era o filho mais novo e tenho uma irmã mais velha (com diferença de três anos), então sempre tivemos uma relação ótima ao mesmo tempo em que cuidávamos uma da outra enquanto nossos pais trabalhavam. Meu pai é soldador e uma mãe, como não concluiu os estudos, trabalhava de babá para uma família classe média e acredito que foi a partir daí que ela viu a importância da formação escolar, e por isso sempre investiu na educação da sua prole, dessa forma, sou imensamente grata pelo esforço dos meus pais.

Como na maioria das famílias brasileiras, o catolicismo sempre esteve presente na casa de meus pais e meus avós, desse modo, sou batizada desde criança na igreja católica e segui o caminho da primeira eucaristia e da crisma. Só que com o amadurecimento e o conhecimento acerca do catolicismo através das

aulas de história, percebi que os dogmas da religião não me abarcava e também comecei a discordar de muitas ações e ensinamentos da igreja, o que fizeram com que eu me afastasse, porém nunca deixei de acreditar em Deus e praticar minha fé de maneira independente. Entendendo os dogmas do catolicismo como extensão da sociedade ocidental sendo fundamentada no patriarcado⁴, no qual aceita apenas dois (cis)gêneros e relações heterossexuais, além de normatizar os corpos e os comportamentos das pessoas em um padrão binário.

Destaco alguns momentos marcantes da minha infância quando eu tinha por volta de 05 anos, um grupo de três meninos da minha escola me cercaram e ficaram me empurrando e dando murros no ombro enquanto me chamava de “viado”, “bichinha” e outros sinônimos. Depois desse episódio nunca mais voltei nesta escola, porém na nova escola tive que conviver com o mesmo tipo de violência, até que encontrei um meio de escapar por uns instantes do *bullying* na porta da sala da diretora da escola, então em todos os intervalos eu pegava meu lanche e sentava o período do recreio perto da direção, em “segurança”. Sempre me senti demonizada e excluída por minha sexualidade e posteriormente pela minha transição de gênero, desse modo, sofri preconceito na escola desde o fundamental até o ensino médio por ser uma criança do sexo masculino, porém com uma feminilidade presente em minha essência.

Ao mesmo tempo em que eu queria fugir daquele espaço hostil, eu sentia que a mudança teria que começar através da educação, e foi esse pensamento que me fez escolher o curso de Letras com Espanhol no vestibular da UNEB em 2012, pois entendia que o(a) professor(a) tem papel fundamental na formação da sociedade através da sala de aula e pela proximidade do Espanhol com o Português que é minha língua materna, além da possibilidade de atuar como tradutora ou poder viajar para países hispânicos. Outro ponto que teve um peso na escolha do curso foi por ser moradora de uma cidade turística e ter contatos com falantes de espanhol nos períodos de veraneio. Dessa forma, em 2013 ingressei no curso de Letras com Espanhol, que fica no Departamento de Ciências Humanas (DCH) – Campus I da

⁴“Patriarcado” é uma palavra muito antiga, que mudou de sentido por volta do fim do século XIX, com as primeiras teorias dos “estágios” da evolução das sociedades humanas, depois novamente no fim do século XX, com a “segunda onda” do feminismo, surgida nos anos 70 no Ocidente. Nessa nova acepção feminista, o patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de “dominação masculina” ou de opressão das mulheres. (DELPHY, 2009, p. 173).

Universidade do Estado da Bahia pelo sistema de cotas para negros e afro-descendentes.

No ensino superior me encontrei no curso de Letras/Espanhol, e tive professores/as maravilhosos/as que passaram metodologias, didáticas e me ensinou a ser uma professora com pensamento crítico, além desenvolver uma escuta sensível para os problemas que eu enfrentaria mais pra frente no ambiente educacional. No entanto também tive, ainda na graduação, contato com professores/as que até hoje eu tenho como exemplo da profissional que eu não quero me tornar, por trazer à tona várias memórias violentas do meu período do ensino fundamental/médio, através da transfobia institucionalizada reproduzida em cursos de graduação. No entanto, sigo sendo grata aos dois tipos de profissionais que passei, pois contribuíram pra minha percepção e formação acadêmica. Além do mais, durante a minha trajetória na graduação, fui bolsista por dois anos consecutivos na Iniciação Científica (IC) no qual me aprofundei na Análise do Discurso de Linha Francesa e na pesquisa acadêmica, tendo como objeto de estudo o *pixo* na cidade de Salvador, na qual analisei as formas de dizer e significar a cidade por uma arte marginalizada; posteriormente também fui bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) de Espanhol da UNEB – DCH I, onde foi possível experienciar a docência na prática por dois anos. No PIBID aprendi a lidar com a estranheza das crianças ao terem uma professora transexual (ainda no início do processo de transição hormonal) e percebi que não era nenhum bicho de sete cabeças como eu temia, claro que encontrei dificuldades, mas todas contornáveis.

No final da graduação, escolhi como tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) falar sobre algo que se aproximava de mim enquanto mulher trans, desse modo, optei por fazer uma crítica literária das crônicas de Pedro Lemebel, um escritor chileno e militante das causas LGBTQIA+, que tem produções na quais travestis são as protagonistas em suas obras. Defendi meu TCC no ano de 2019, dois anos depois do previsto porque passei por um período de depressão profunda na graduação, no entanto acredito que minha pesquisa me ajudou a sair desse adoecimento mental, uma vez que me identifiquei com as personagens e a vontade de viver que elas tinham para enfrentar uma sociedade que nega a nossa existência, além de contribuir para minha formação pessoal e profissional, no qual trabalhei a

minha autoafirmação, pelo fato de ser uma mulher trans produzindo ciência sobre mulheres trans.

Seguindo essa linha de raciocínio, após a conclusão da graduação, decidi dar continuidade aos meus estudos sobre a transexualidade na minha pesquisa da Pós-Graduação, por isso, escolhi fazer a seleção no Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* em Intervenção Educativa e Social da UNEB – Campus XI, na Linha 1 - Novos Contextos de Aprendizagem, por ser um programa que contemplava o meu objeto de pesquisa. Fui aprovada na seleção com nota superior a 8,0 no supracitado Programa através das sobrevagas de transexuais, travestis e transgêneros, conforme Resolução 1.339/2018, o que me deixou extasiada por ser uma mulher transexual que conseguiu adentrar nesse espaço elitizado com a nota superior a nota de corte. Ainda no Mestrado, fui contemplada com a bolsa de pesquisa PROGPEAQ por meio do Edital Nº 085/2021 que auxiliou a minha manutenção no curso e os gastos referentes a publicações e locomoção, agregando e contribuindo na minha formação enquanto professora e mestranda.

Nessa trajetória acadêmica, na Graduação e Pós-Graduação, percebi uma carência de informação no que tange as políticas públicas que envolvem pessoas transexuais e, principalmente um preconceito de algumas pessoas ao abordarem o tema, tanto por parte dos meus colegas de curso, como dos professores e servidores técnicos, que serão explanados no decorrer do estudo. Por se tratar de uma instituição pública de nível superior que formam profissionais e intelectuais, e ao mesmo tempo influenciam na formação pessoal desses sujeitos, as ações institucionais reverberam na sociedade, sendo papel da universidade realizar intervenções no âmbito acadêmico, visando diminuir a desigualdade e o preconceito, principalmente de grupos marginalizados.

Quando se fala em corpos transexuais na Pós-Graduação, além da carência de produção literária e científica, quando o tema é abordado, algumas vezes, percebe-se um distanciamento do seu local de fala ou reprodução de estereótipos. Muitas vezes sem perceber, ou por falta de expertise no assunto, pessoas cisgêneros continuam reproduzindo pré-julgamentos à cerca de pessoas transgênero. Percebo também que por vezes as pesquisas falam de mulheres e homens transexuais, no entanto não busca uma pesquisa em conjunta e dialogada com esses sujeitos. Partindo desse ponto, se notou a necessidade de ter mais travestis e transexuais ocupando espaços importantes na sociedade, reivindicando

seus direitos, explanando a partir do seu local de fala, produzindo conhecimento científico e o mais importante, rompendo com estereótipos negativos.

O preconceito é combatido com a divulgação de informação em paralelo com a formação das/os cidadãs/os, assim, essas ações devem ser pensadas para além da não propagação da transfobia nos meios sociais, mas também almejando uma educação anti-transfóbica. Para isso, é mais do que necessário debates e pautas propostas em consonância com mulheres e homens transexuais que vivenciam os múltiplos espaços sociais no dia a dia, para então, construir uma sociedade mais justa e igualitária para todos e todas na prática de fato. Portanto, as intervenções educativas, provenientes dessas pautas devem ser ampliadas à todas as classes econômicas, religiosas, familiares, entre outras, culminando na equidade sólida das diversas identidades existentes, conforme a constituição federal.

Em uma sociedade democrática de fato, deve-se pensar em políticas públicas para mulheres e homens transexuais que devem ter o direito de serem capacitadas/os como qualquer outra pessoa, tendo a oportunidade de uma formação de qualidade que vai desde a Educação Básica até os cursos de Pós-Graduação, de maneira a desenvolverem suas habilidades e intelecto, visando uma formação pessoal e profissional como qualquer cidadão. Seguindo essa linha de raciocínio, por estarem aptos/as à ocuparem empregos dignos e altos cargos em diversas instituições de renome, que dependem de uma carreira intelectual e profissional (tanto em empresas privadas como em setores públicos), muitas mulheres e homens transexuais por ascenderem profissionalmente, podem deixar de ocupar subempregos, como é o caso da prostituição, vendedores ambulantes, etc.

Por possuir uma facilidade com tecnologia e ver as redes sociais como espaço de construção de conhecimento e disseminação de informação, foi eleito para o produto final desse estudo um perfil no Instagram que teve o objetivo de informar, não apenas a população transgênero a respeito dos seus direitos e deveres no Ensino Superior/Pós-Graduação, mas também compartilhar informações para toda a sociedade que se interesse em aprofundar na causa trans, propondo uma reeducação do vocabulário, comportamentos e das ideias preexistente a respeito de pessoas trans no imaginário social. Desse modo, as oficinas dialógicas e o perfil na plataforma Instagram, teve como resultado motivar a inserção de pessoas transgêneros no ensino superior ao mesmo tempo em que prepara a comunidade

para a recepção desse grupo na academia, promovendo um melhor acolhimento no intuito de mudar a atual situação proveniente de um sistema excludente e normativo.

1.6. PARTICIPANTES E CENÁRIO DE PESQUISA

Foi localizada uma mulher transexual cotista vinculada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), no Departamento de Educação – DEDC Salvador – Campus I. A participante manteve sua identidade preservada, sendo denominada de E1.

1.7. ASPECTOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Foram inclusas na pesquisa as mulheres transexuais e travestis ingressas na condição de cotistas e que estavam matriculadas no curso de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB, nos últimos 4 anos (2018 – 2021). Àquelas que não se enquadram no perfil da pesquisa, por não estarem na Pós-Graduação por meio das cotas ou por não possuir documentos retificados, não estão aptas a participar.

1.8. RISCOS DA PESQUISA

Para metodologia utilizada no estudo optou-se pelas entrevistas narrativas de mulheres transexuais na condição de estudantes cotistas nos cursos de PPGSS da UNEB. Houve alguns riscos na pesquisa que foram levados em consideração, como por exemplo, a singularidade da entrevistada na sua formação identitária enquanto mulher trans foi um ponto que demandou bastante atenção pela multiplicidade de implicações, ou caso contrário, poderia haver apagamento da sua formação. Compreendendo isso, se elegeu o desenvolvimento das entrevistas orais, o que permitiu a participante um bem-estar no espaço, e se caso ela não quisesse mais continuar, a mesma teve total liberdade em interromper a entrevista.

Caso a participante se sentisse sensível ou desconfortável ao responder as questões que mexessem com seu emocional, ou caso ocorresse a perda do autocontrole, foi pensado em um ambiente tranquilo com a presença apenas da pesquisadora e participante, para que ela se sentisse confortável e segura em falar sobre seus percursos social e educativo. Outro fator de risco levado em consideração foi o vírus do *Sar-cov2*, causador da Covid-19, que culminou em uma pandemia mundial de 2020 à 2022. Devido aos cuidados orientados pela Organização Mundial de Saúde (OMS), e pela Resolução 1.406/2020 publicada pela UNEB no D.O.E de 19.03.2020, p. 39, a entrevista ocorreu de forma remota, através da plataforma digital *Microsoft Teams*, onde foi possível ver em tempo real, compartilhar tela do computador e ouvir a participante, além do recurso da plataforma permitir a gravação das entrevistas para a transcrição do áudio posteriormente.

A participante foi orientada a escolher um ambiente tranquilo e confortável na sua casa para o momento da entrevista e caso fosse identificado algum desconforto, constantes interferências externas ou algum risco à participante da pesquisa, não previsto no termo de consentimento, ou mesmo conflito de interesses entre a pesquisadora e a entrevistada, o estudo seria suspenso imediatamente. Assim, se garantiu que os dados obtidos na pesquisa fossem utilizados exclusivamente para a finalidade prevista no seu protocolo e conforme acordado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

1.9. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Após a busca no repositório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) utilizando os descritores “cotas”, “mulheres trans” e “ensino superior” não apareceu nenhuma produção. Dessa forma, foi realizada uma nova pesquisa de revisão de literatura (BENTO, 2012), uma vez que o mesmo entende a revisão da literatura indispensável não somente para definir bem o problema, mas também para obter uma ideia precisa sobre o estado atual dos conhecimentos sobre um dado tema, desse modo, a busca foi refinada com o

recorte de “doutorado” e com os termos “mulheres trans”, “ensino superior” e “travestis” e então foram encontradas 45.519 teses, dentre elas, optamos pelas seguintes produções que atenderam no mínimo dois descritores:

TIPO	TÍTULO	AUTOR	ANO	UNIVERSIDADE	PROG RAMA	OBJETO DE ESTUDO
Tese	MULHERES TRANS UNIVERSITÁRIAS: A EMERGÊNCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A INSERÇÃO E PERMANÊNCIA DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO UNIVERSO ACADÊMICO	MARLYSON JUNIO ALVARENGA PEREIRA	2020	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (MARÍLIA)	CIÊNCIAS SOCIAIS (33004 11004 2P8)	Políticas de governo e de Estado que levaram mulheres trans às Universidades Públicas brasileiras, resultante de um movimento que propicia três vias construídas entre Universidades Públicas, Movimento Social de Travestis e Transexuais.
Tese	SUBJETIVIDADES EM TRÂNSITO: NOME SOCIAL, TRAVESTILIDADE S E TRANSEXUALIDADES EM DUAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO SUL DO BRASIL.	CRISHNA MIRELLA DE ANDRADE CORREA	2017	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS (41001 01003 7P0)	Nome social, travestilidades e transexualidades em duas universidades públicas do sul do Brasil.
Tese	UM CORPO POTENTE FAZENDO DAS DORES POSSIBILIDADES DE ASAS: TRANSFORMANDO OS MODOS DE EDUCAR E DE RESISTÊNCIA NA UNIVERSIDADE	VALDENIA PINTO DE SAMPAIO ARAUJO	2018	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ	EDUCAÇÃO (21001 01400 1P6)	O objetivo deste estudo é analisar os processos de aprendizagem das pessoas travestis que estudam na UFPI, considerando as práticas de falta de condescendência e de resistências que fortalecem outros modos de educar afirmativos da vida destas pessoas.
Tese	UMA EDUCAÇÃO OUTRA: SUBJETIVIDADES TRANS* NO CURRÍCULO DO ENSINO SUPERIOR EM UNIVERSIDADES	HELMA DE MELO CARDOSO	2020	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	EDUCAÇÃO (27001 01600 3P5)	Os espaços educacionais ocupados por professoras trans* em universidades nordestinas, a fim de desvendar suas sociabilidades,

	NORDESTINAS					suas resistências e seus assujeitamentos às normas heterossexuais.
--	-------------	--	--	--	--	--

Fonte: Banco de dados da CAPES

Dentre as produções encontradas, destaca-se a Tese de Marlyon Junio Alvarenga Pereira (2020) intitulada “Mulheres Trans Universitárias: A Emergência de Políticas Públicas para a Inserção e Permanência de Travestis e Transexuais no Universo Acadêmico”. A seguir, foi adicionado um novo filtro na busca das teses de doutorado para apenas os últimos cinco anos (2016 – 2021) e então resultou em 7.036 produções, dentre elas, foi encontrada apenas uma tese que atendia os critérios, de autoria de Crishna Mirella de Andrade Correa (2017), intitulada “Subjetividades em Trânsito: Nome Social, Travestilidades e Transexualidades em duas Universidades Públicas do Sul do Brasil”.

Foi possível observar que, como na maioria das buscas, as produções científicas com os marcadores mulheres transexuais/travestis estavam voltadas para a área de saúde, atreladas com “HIV”, “depressão” e “suicídio”, portanto foram eleitos novos termos na busca: “transexuais”, “travestis” e “Ensino Superior”, com o período de tempo nas produções nos últimos 5 anos e então foram encontradas 3.396 teses de doutorado, dentre elas, duas teses relevantes: A primeira de autoria de Valdenia Pinto de Sampaio Araújo (2018) com o título “Um Corpo Potente Fazendo das Dores Possibilidades de Asas: Transformando Modos de Educar e de Resistência na Universidade”; e a segunda tese tendo como autora Helma de Melo Cardoso (2020) intitulada “Uma Educação Outra: Subjetividades Trans* no Currículo do Ensino Superior em Universidades Nordestinas”. Portanto, foi dessa maneira que se localizou as produções que mais contribuíram para a pesquisa, no que se refere a fundamentação teórica.

Para trabalhar as noções de gênero como uma construção social, foram utilizadas as contribuições de Simone Beauvoir (1980) em seu livro *O segundo sexo*, no qual a autora apresenta os elementos impostos na formação dos indivíduos, que serviu de embasamento na formação e nas produções de Judith Butler (2003) em *Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade* e em *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*, onde a autora busca entender como os gêneros são constituídos, por meio de uma normativa heterossexual que é o

alicerce da sociedade patriarcal ocidental, bem como o papel social e o poder que a performance representa.

No que tange ao aporte teórico para abordar a construção da identidade de gênero travesti e mulher transexual, Nedel (2020) acalora debates sobre as diferenças e aproximações entre elas. Na maioria das vezes, o termo mulher transexual remete a uma higienização do corpo trans, colocando-as dentro do padrão binário da sociedade ocidental, enquanto a palavra travesti tem uma carga negativa, carregada de estigmas, muitas vezes se tem a noção de que a travesti apresenta características mais próximas ao gênero masculino, sendo mais fácil distinguir de uma mulher cisgênero.

No entanto, mulher transexual e travesti são apenas sinônimos para designar pessoas que realizam processo de transição do gênero masculino para o feminino, sendo as diferenças entre os termos travesti e mulher transexual uma questão política, Segundo Nedel (2020, p.24), “ainda que as palavras travesti, transexual e transgênero sejam tratadas frequentemente como sinônimos intercambiáveis, na prática elas possuem heranças históricas e sentidos muito diferentes entre si”. Muitas mulheres transexuais se auto afirmam como travesti na tentativa ressignificar o termo que é utilizado de forma pejorativa e diminuir o estigma. Dessa forma, ainda seguindo o pensamento do autor, transgênero é um termo que:

[...] Engloba todas as pessoas cuja identidade e/ou expressão de gênero seja diferente daquela que lhe foi atribuída ao nascer. As pessoas dentro dessa categoria podem descrever suas identidades com uma miríade de palavras distintas. Podemos incluir nela, por exemplo, travestis, transexuais, pessoas não-binárias e de gênero fluido. Em algumas interpretações, o termo transgênero também pode abranger as identidades performáticas de Drag Kings e Drag Queens. Na condição de conceito abrangente, transgênero é frequentemente abreviado para trans*, em que o asterisco representa a multiplicidade de identidades de gênero contidas neste acrônimo. (NEDEL, 2020, p. 24)

Outrossim, a Cartilha LGBT (2016, p.8), define o termo transgênero como “a pessoa que se reconhece com as características sexuais diferentes daquelas relacionadas ao sexo designado no seu nascimento”, ou seja, engloba as categorias citadas por Nedel (2020). No entanto, a presente pesquisa irá trabalhar apenas dois conceitos dentro da categoria transgênero, que são Mulheres transexuais e Travestis. Sendo marginalizados, os corpos transgêneros são expostos a vulnerabilidade e riscos sociais, portanto, ainda bebendo na fonte de Butler (2003),

para falar das vidas que tem a sua precariedade maximizada, a sua obra *Quadros de guerra: qual a vida é passível de luto?* Apresenta de forma magnífica o rumo que estruturação social determina quais corpos tem direito a vida e quais merecem morrer.

No que tange as noções sobre moralidade e sexualidade nessa pesquisa, recorreu-se ao aporte teórico de Michel Foucault (1988), no qual aborda no primeiro volume da sua trilogia sobre a *História da sexualidade I: a vontade de saber* que faz uma genealogia à moral e como ambas as coisas tem relação na formação do papel social desempenhado por cada pessoa. Para uma melhor compreensão da relação do gênero com a sociedade, elegeu-se aos pressupostos teóricos de Joan Scott (1995) intitulado *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* que apresenta o histórico do termo “gênero” e faz um paralelo com a época.

Para falar das Políticas Públicas que foram desenvolvidas, pensando na Política de Cotas para mulheres transexuais, utilizou-se as contribuições de Berenice Bento (2014) que versa sobre a diversidade na escola e no meio acadêmico, além da problemática da precarização do nome social para pessoas transgêneros. Entendendo que ao falar de Políticas de Cotas universitárias, faz-se necessário um arcabouço teórico sobre Ensino Superior e para tal, as contribuições de Edivaldo M. Boaventura (2009), no qual propõe em *A Universidade do Séculos XXI: Para uma Universidade Nova* uma reforma na universidade ao tempo que expõe uma breve história do ensino superior e a sua implementação no Brasil. O outro autor que foi a base teórica para o estudo sobre ensino superior foi Nomar Monteiro de Almeida Filho (2017), que também aborda questões da Educação Superior em algumas de suas obras.

E por fim, mas não menos importante, optou-se por Demerval Saviani (2006) para trabalhar o conceito de Pós-Graduação, onde o autor trabalha em questões da educação superior a nível internacional e nacional, além de esclarecer o termo “Pós-Graduação”. Saviani (2006) também aborda algumas problemáticas nos Programas de Pós-Graduação em relação ao ensino e a pesquisa desde o seu surgimento no Brasil:

O modelo de Pós-Graduação adotado no Brasil seguiu deliberadamente a experiência dos Estados Unidos, como se pode observar no texto do Parecer 977/65 que conceituou a Pós-Graduação onde se encontra um tópico com o seguinte título: Um exemplo de Pós-Graduação: a norte-americana (BRASIL, MEC, CFE, 1965, pp.74-79). É com base nessa

experiência que se definiu a estrutura organizacional da nossa Pós-Graduação *Stricto-Sensu* centrada em dois níveis hierarquizados, o mestrado e o doutorado [...] (SAVIANI, 2006, s/p)

Sendo assim, o modelo de Pós-Graduação no Brasil segue os moldes das instituições estrangeiras, inicialmente inspirado no modelo estadunidense e posteriormente agregando as experiências da Europa continental, porém deve ser realizadas ponderações pertinentes ao sistema educacional do Brasil, se aproximando da realidade dos estudantes e dos princípios institucionais das Universidades Federais e Estaduais brasileiras, na busca por formar profissionais e pesquisadores envolvidos e próximos do objeto de estudo e a metodologia.

1.10. PRODUTO DE PESQUISA: PERFIL NA PÁGINA DA PLATAFORMA DO INSTAGRAM

A partir dos resultados das pesquisas, o produto foi confeccionado em formato de uma página na rede social Instagram, com nome @TransInformAÇÃO, publicado de forma digital e online, no qual compartilha informações sobre vivências e as violências contra mulheres transexuais e travestis nos diversos espaços educativos e sociais, a fim de que todas as pessoas tenham acesso a esse instrumento. A priori, nesse produto, constam informações sobre os percursos das mulheres transexuais, documentos institucionais da UNEB acerca da inclusão e permanência de mulheres trans, que buscam a sensibilização social em relação à necessidade da comunidade estruturar redes de acolhimento para o supracitado grupo dentro e fora da universidade.

1.11. ESTRUTURA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: FORMATO DA DISSERTAÇÃO

Essa dissertação está estruturada em 04 capítulos, respeitando a Instrução Normativa nº 03/2021 - Art. 3º que dispõe sobre os Trabalhos de Conclusão de Curso no âmbito do Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES), podendo ter o formato de

dissertação e produção de material didático e instrucional como produto da pesquisa. Conforme descrito no quadro abaixo:

TEMA			
PERCURSOS DAS MULHERES COTISTAS TRANSEXUAIS NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UNEB: UMA SISTEMATIZAÇÃO DIÁLOGICA NO ÂMBITO EDUCATIVO E SOCIAL			
QUESTÃO DE PESQUISA			
Este estudo destina-se a analisar com se dá o percurso das mulheres transexuais nos últimos quatro anos na Pós-Graduação da Universidade do Estado da Bahia por meio da política de cotas e como essas mulheres vivenciam e sistematizam ações dialógicas a partir dos documentos institucionais?			
OBJETIVO GERAL			
Analisar o percurso das mulheres cotistas transexuais nos últimos quatro anos na Pós-Graduação <i>Stricto-Sensu</i> da UNEB e construir um perfil na plataforma digital Instagram chamado @TransInformAÇÃO que expressa, a partir das vivências e dos documentos institucionais, as sistematizações dialógicas no âmbito educativo e social.			
OBJETIVOS ESPECÍFICOS			
	Apresentar a Universidade do Estado da Bahia e os seus embasamentos legais concernentes a política de cotas de pessoas transexuais;	Contextualizar o percurso acadêmico das mulheres transexuais na UNEB nos últimos quatro anos, na Pós-Graduação <i>Stricto-Sensu</i> , com base nas vivências e dos documentos institucionais;	Elaborar um perfil na plataforma digital Instagram para subsidiar as mulheres transexuais provenientes da política de cotas da UNEB partindo das sistematizações educativas e sociais.
CAPÍTULO 1	CAPÍTULO 2	CAPÍTULO 3	CAPÍTULO 4
LABUTANDO DAS CALÇADAS À ACADÊMIA: INTRODUIZIN DO O OBJETO DE ESTUDO	AQUI O BABADO É FORTE: A UNEB E OS SEUS EMBASAMENTOS LEGAIS E AS POLÍTICAS DE COTAS PARA PESSOAS TRANSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSGÊNEROS	ACEITA QUE DÓI MENOS: VIVÊNCIAS E ANÁLISES DO CAMPO EMPÍRICO DAS MULHERES COTISTAS TRANSEXUAIS NOS PPGSS DA UNEB	NÃO VOU DEITAR PARA A TRANSFOBIA: OS PERCURSOS DAS MULHERES TRANSEXUAIS NA PPGSSDA UNEB A PARTIR DE UMA SISTEMATIZAÇÃO DIÁLOGICA NO ÂMBITO EDUCATIVO E SOCIAL
DESENHOS DE ESTUDO			
	Pesquisa documental e revisão de literatura.	Pesquisa exploratória de campo empírico. Coleta através de entrevistas narrativas. Análise autobiográfica.	Pesquisa Aplicada
RESULTADOS ESPERADOS			

Publicações de Artigos em Revistas Científicas.	Elaboração o perfil na plataforma Instagram com o intuito de socializar as informações sobre mulheres transexuais no ensino superior.
---	---

Fonte: A autoria da pesquisadora, 2022.

2. CAPÍTULO II – AQUI O BABADO É FORTE: A UNEB E OS SEUS EMBASAMENTOS LEGAIS E AS POLÍTICAS DE COTAS PARA PESSOAS TRANSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSGÊNEROS

Esse capítulo tem como objetivo apresentar a Universidade do Estado da Bahia a partir dos seus embasamentos legais concernentes a política de cotas de pessoas transexuais, travestis e transgêneros implementadas no ano de 2018 por meio da Resolução 1.339/2018 publicada no D.O.E. 28-07-2018, p. 32. Para isso, elegeu-se como metodologia a pesquisa documental (GIL, 2002) partindo dos seguintes documentos: Regimento Geral da UNEB; Resolução nº 196/2002, Resolução nº 1.339/2018, o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UNEB 2017-2022, entre outros. Para isso, além dos atos administrativos, também foi apresentada a gestão administrativa da UNEB, com finalidade de obter uma maior compreensão dos órgãos internos que a tornam uma universidade popular e inclusiva para grupos marginalizados, em especial para transexuais e travestis, na busca de garantir o acesso à universidade e a produção de literatura e ciência por pesquisadores/as trans.

Buscando responder à questão de estudo do capítulo: como a UNEB propõe e as ações afirmativas para pessoas transgêneros? Faz-se necessário conhecer a instituição desde o seu surgimento até sua autonomia enquanto autarquia, segundo o artigo 207 da Constituição Federal de 1988, que versa sobre a autonomia das universidades estaduais a partir da indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão. A partir disso, a UNEB criou políticas públicas para a inclusão e permanência de estudantes marginalizados socialmente, inicialmente para afro-descendentes, indígenas, e posteriormente amplia essa política para quilombolas, ciganos, pessoas com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades até chegar às pessoas transexuais, travestis e transgêneros. Nesse sentido, o Capítulo II se encontra estruturado da seguinte forma: Seção 01: A UNEB e seus embasamentos legais: tessituras discursivas e; Seção 02: A política de cotas para pessoas transexuais, travestis e transgêneros: diálogo interdisciplinar.

2.1. SEÇÃO 01: A UNEB E OS SEUS EMBASAMENTOS LEGAIS: TESSITURAS DISCURSIVAS

A Universidade do Estado da Bahia (UNEB) apesar de possuir poucos anos desde a sua fundação, já pode ser considerada pioneira em debates promotores de mudanças sociais, tendo suas ações reverberadas nas demais instituições do Brasil, e ainda segue promovendo a inclusão a partir da sua capilarização, que está presente em seus genes.

Conforme consta no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI/UNEB 2017 – 2022) da UNEB surgiu a partir do Centro de Educação Técnica da Bahia (CETEBA), que funcionava através do convênio entre o Ministério da Educação e Cultura e o Governo do Estado da Bahia, segundo a Portaria Ministerial nº 111 de 19 de fevereiro de 1968. Anos mais tarde, após alguns ajustes institucionais, o referido centro foi extinto pela Lei Delegada nº 66 de 01 de junho de 1983, dando origem ao funcionamento da UNEB, autorizado pelo Decreto Presidencial nº 92.937 de 17 de julho de 1986, a caracterizando como instituição de ensino superior vinculada a Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Em 1997 foi instituída a estrutura orgânica na UNEB com base nos departamentos e campi que são distribuídos em alguns municípios do estado.

Assim sendo, a Universidade do Estado da Bahia possui um sistema *multicampi*, nos quais somam 29 departamentos sediados em 24 municípios, nos quais realiza diversas atividades de grande influência e forte impacto nessas regiões, ainda seguindo o PDI/UNEB (2017 – 2022):

A estrutura *multicampi* adotada pela UNEB possibilita a implantação de novos cursos e *campi* universitários em regiões com baixos indicadores sociais que demandam políticas governamentais pautadas em ações de caráter educativo, fortalecendo a sua estratégica missão de interiorização da educação superior. (PDI/UNEB – 2017/2022)

Com sede localizada na capital do estado, atualmente a UNEB é a maior instituição pública de ensino superior da Bahia devido a sua capilaridade que possui relação com a sua fundação, e também com a sua função social que promove a disseminação de conhecimentos em paralelo com o compromisso social na missão de promover o desenvolvimento em todo o estado da Bahia, como apresenta Boaventura (2009, p. 70):

Segundo a política de educação, do quadriênio 1983-1987, cada capital regional da Bahia devia ter sua Faculdade, formando professores para o sistema de educação e para os demais setores da sociedade. A UNEB nascia com a cor da Bahia, comprometida com as suas regiões, com a negritude, com os sertões, com a pobreza, com os problemas de educação, de alimentação e de saúde. Era mais uma educação superior voltada para o ensino, para a formação de pessoal docente, enfim, para a construção do conhecimento. A isso o modelo interdisciplinar e o *multicampi* muito favoreceram. A circunstância muito especial de ter a sua sede no Cabula, mais precisamente no bairro da Engomadeira, criou compromissos sociais e urbanos com a instituição. (BOAVENTURA, 2009, p. 70).

As ações institucionais da UNEB reverberam para além da capital do estado, que é possível devido aos seus 170 cursos de Graduação e Pós-Graduação distribuídos em seus *campi*, que promovem a interiorização do ensino superior de qualidade e gratuito em mais de 400 municípios, cuja maioria pertence a segmentos social e economicamente desfavorecidos. De acordo com o PDI/UNEB (2017/2022), devido a sua estrutura capilar, a UNEB conta com uma gestão que é embasada em normas administrativas, acadêmicas e atos administrativos, composta pelo Gabinete da Reitoria, que é responsável pelas ações internas e externas da Reitoria da UNEB, e a Vice-Reitoria, que integra a estrutura da Reitoria, juntamente com as:

Assessoria Especial (ASSESP) – instância da Reitoria responsável pela assistência ao Reitor para o alcance da finalidade institucional; A Procuradoria Jurídica (PROJUR) – órgão da Administração Superior da Universidade - responsável pela representação judicial e extrajudicial, prestação de assessoramento e assistência jurídica à Instituição; A Unidade de Desenvolvimento Organizacional (UDO); o órgão da Administração Superior da Universidade responsável pelo planejamento, assessoramento, acompanhamento, execução e avaliação das ações relacionadas ao desenvolvimento e organização institucional. A Ouvidoria da UNEB é um órgão integrante à Reitoria da instituição na acepção administrativa e à Ouvidoria Geral do Estado nas demais acepções técnicas, com a incumbência de receber denúncias, críticas, sugestões dos usuários e demais cidadãos, encaminhando-as ao dirigente máximo da Autarquia e aos órgãos competentes, para análise e adoção de medidas cabíveis, se for o caso, bem assim prestar esclarecimentos quando acionada. (REGIMENTO GERAL DA UNEB, 2012, s/p)

Ainda de acordo com o Regimento Geral da UNEB (2012), a estrutura administrativa é composta pelas seguintes Pró-Reitorias técnicas: a Pró-Reitoria de Infraestrutura, a Pró-Reitoria de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, a Pró-Reitoria de Administração e a Pró-Reitoria de Planejamento; As Pró-Reitorias acadêmicas: a Pró-Reitoria de Ações Afirmativas, a Pró-Reitoria de Assistência

Estudantil, a Pró-Reitoria de Extensão, a Pró-Reitoria de Pesquisa, Ensino e Pós-Graduação e a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação; e As Secretárias Especiais: a Secretária Especial de Avaliação Institucional, a Secretária Especial de Relações Internacionais, a Secretária Especial de Articulação Interinstitucional, a Secretária Especial de Licitações, Contratos e Convênios e a Secretária Especial de Contabilidade e Finanças. Essa estrutura organizacional possui o alcance geográfico em 19 Territórios de Identidade, sendo esses modelos de Territórios de Identidade são propostos pelo Governo do Estado da Bahia no intuito de demarcar as prioridades de cada região na busca pela identidade local e o desenvolvimento.

Para Manuel Correia de Andrade (1995) o termo território pode ser entendido como uma forma de controle administrativo, jurídico, político e econômico da região, que, por sua vez quando são gerenciados de forma íntegra promovem um desenvolvimento igualitário para todo o território. Assim, o autor lembra que:

O conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Deste modo, o território está associado à ideia de poder, de controle, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas. (ANDRADE, 2004, p. 19).

Ainda segundo Andrade (2004) o território de identidade se materializa de forma subjetiva por meio da conscientização da população de fazer parte de uma determinada região, que por sua vez está integrado a um Estado. Desse modo, as pessoas que nele habitam cultivam a consciência de seu pertencimento a um espaço, o que para o autor, provoca o sentido de territorialidade e que, por sua vez, cria uma consciência de confraternização entre elas.

Igualmente, para Milton Santos (1996), o território é definido como o todo a partir de uma configuração territorial, enquanto que espaço é conceituado de forma mais complexa, sendo a totalidade verdadeira no que tange a junção de três fatores: a configuração territorial, a paisagem e a sociedade, sendo assim, o autor afirma que:

Podem as formas, durante muito tempo, permanecer as mesmas, mas como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial, nos oferecem, no transcurso histórico, espaços diferentes. (SANTOS, 1996, p. 77)

No entanto, a formação do território de identidade perpassa pelo espaço e a forma do mesmo é encaminhada segundo as técnicas utilizadas no mesmo, pelos meios de produção, pela diferenciação tecnológica, objetos e coisas, ou seja, pelo conjunto territorial e pela dialética do próprio espaço (SANTOS, 1996). Assim, pensando nas novas configurações da sociedade contemporânea e na distribuição tecnológica para o estado da Bahia, a UNEB vem atuando em 24 municípios do Estado da Bahia, segundo PDI UNEB (PDI/UNEB – 2017/2022), como mostra a tabela a seguir:

TERRITÓRIOS	DEPARTAMENTOS/CAMPUS
Bacia do Rio Grande	Departamento de Ciências Humanas – Barreiras – Campus IX
Baixo Sul	Departamento de Educação – Valença – Campus XV
Chapada Diamantina	Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – Seabra – Campus XXIII
Costa do Descobrimento	Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – Eunápolis – Campus XVIII
Extremo Sul	Departamento de Educação – Teixeira de Freitas – Campus X
Irecê	Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – Irecê – Campus XVI e Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – Xique-Xique – Campus XXIV
Itaparica	Departamento de Educação – Paulo Afonso – Campus VIII
Litoral Norte e Agreste Baiano	Departamento de Educação e o Departamento de Ciências Exatas e da Terra – Alagoinhas – Campus II
Médio Rio de Contas	Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – Ipiaú – Campus XXI
Metropolitano de Salvador	Departamento de Educação, Departamento de Ciências Exatas e da Terra, Departamento de Ciências Humanas, Departamento de Ciências da Vida – Salvador – Campus I e o Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – Camaçari – Campus XIX
Piemonte de Diamantina	Departamento de Ciências Humanas – Jacobina – Campus IV
Piemonte do Paraguaçu	Departamento de Educação – Itaberaba – Campus XIII
Piemonte Norte do Itapicuru	Departamento de Educação – Senhor do Bonfim – Campus VII

Recôncavo	Departamento de Ciências Humanas – Santo Antônio de Jesus – Campus V
Semiárido Nordeste II	Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – Euclides da Cunha – Campus XXII
Sertão do São Francisco	Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais – Juazeiro – Campus III
Sertão Produtivo	Departamento de Ciências Humanas e Tecnologia – Brumado – Campus XX, Departamento de Ciências Humanas – Caetité – Campus VI e Departamento de Educação – Guanambi – Campus XII
Sisal	Departamento de Educação – Conceição do Coité – Campus XIV e Departamento de Educação – Serrinha – Campus XI
Velho Chico	Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – Bom Jesus da Lapa – Campus XVII

Fonte: PDI/UNEB – 2017/2022

Ainda segundo o PDI/UNEB (2017/2022), os departamentos da UNEB, por sua vez, alocam os cursos de Graduação e Pós-Graduação. No âmbito da Graduação, a instituição possui um total de 123 cursos de graduação presencial de oferta contínua, sendo 52 de bacharelado e 71 de licenciatura entre as seguintes Grande área de conhecimento: Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Engenharias e Linguística, Letras e Artes.

No que concerne ao ensino de Pós-Graduação, de acordo com o site da Pró-Reitoria de Pesquisa, Ensino e Pós-Graduação (PPG), a UNEB oferece cursos nas modalidades *Stricto-Sensu* e *Lato-Sensu*. Assim descritos: 14 Programas de Especialização/*Lato-Sensu*, 24 Programas de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* em nível de Mestrado e 06 em nível de Doutorado. Na tabela a seguir, encontram-se os Programas de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* (Mestrado), que contextualiza o estudo:

PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU: MESTRADOS	DEPARTAMENTOS
Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC)	Departamento de Educação – Campus I – Salvador Conceito: 5

Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA)	Departamento de Educação – Campus I – Salvador Conceito: 4
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistoria)	Departamento de Educação – Campus I – Salvador Conceito: 4
Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação (GESTEC)	Departamento de Educação – Campus I – Salvador Conceito: 4
Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL)	Departamento de Ciências Humanas – Campus I – Salvador Conceito: 4
Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET)	Departamento de Educação, Departamento de Ciências Exatas –Campus I – Salvador Conceito: A
Programa de Pós-Graduação em Química Aplicada (PPGQA)	Departamento de Educação, Departamento de Ciências Exatas –Campus I – Salvador Conceito: 3
Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (MEPISCO)	Departamento de Ciências da Vida – Campus I – Salvador Conceito: 3
Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas (PPGFARMA)	Departamento de Ciências da Vida – Campus I – Salvador Conceito: 3
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Física (PorfFísica)	Unidade Acadêmica de Educação a Distância–Campus I – Salvador Conceito: 4
Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGEAFIN)	Unidade Acadêmica de Educação a Distância– CEPAlA – Salvador Conceito: 3
Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica)	Departamento de Educação – Campus II – Alagoinhas Conceito: 4
Programa de Pós-Graduação em História (Pós-História)	Departamento de Educação – Campus II – Alagoinhas Conceito: 3
Programa de Pós-Graduação em Agronomia: Horticultura Irrigada (PPGHI)	Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais –Campus III – Juazeiro Conceito: 4
Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH)	Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais –Campus III – Juazeiro Conceito: 4
Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA)	Departamento de Ciências Humanas – Campus III – Juazeiro Conceito: 3

Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (MPED)	Departamento de Ciências Humanas – Campus IV – Jacobina; Departamento de Educação – Campus XIV – Conceição do Coité Conceito: 4
Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local (PPGHIS)	Departamento de Ciências Humanas – Campus V – Santo Antônio de Jesus Conceito: 3
Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras (ProfLetras)	Departamento de Ciências Humanas – Campus V – Santo Antônio de Jesus Conceito: 4
Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS)	Departamento de Ciências Humanas – Campus VI – Caetité Conceito: A
Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Vegetal (PPGBVeg)	Departamento de Educação – Campus VIII – Paulo Afonso; Departamento de Educação, Departamento de Ciências Exatas – Campus II – Alagoinhas; Departamento de Educação – Campus VII – Senhor do Bonfim Conceito: 3
Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social (MPIES)	Departamento de Educação – Campus XI – Serinha Conceito: 3
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)	Departamento de Educação – Campus X – Teixeira de Freitas Conceito: A

Fonte: Site da PPG/UNEB (<https://ppg.uneb.br/pos-graduacao/>)

PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU: DOUTORADO	DEPARTAMENTO
Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC)	Departamento de Educação – Campus I – Salvador Conceito: 5
Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL)	Departamento de Ciências Humanas – Campus I – Salvador Conceito: 4
Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica)	Departamento de Educação – Campus II – Alagoinhas Conceito: 4
Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Gestão Socioambiental (PPGEcoH)	Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais – Campus III – Juazeiro Conceito: 4
Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT)	Universidade Federal do Vale do São

	Francisco / Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais – Campus III UNEB / Universidade Federal Rural de Pernambuco Conceito: A
Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC)	Departamento de Ciências Humanas – Campus XIX – Camaçari Conceito: 4

Fonte: Site da PPG/UNEB (<https://ppg.uneb.br/pos-graduacao/>)

Para além dos cursos presenciais de Graduação e Pós-Graduação *Stricto-Sensu*, a UNEB também oferta 16 cursos (graduação, especialização e extensão) em diversas áreas de conhecimento na modalidade Educação à Distância (EaD), tendo a Unidade Acadêmica de Educação à Distância (UNEAD) como responsável por sua gestão. Pensando na *multicampia* da UNEB e algumas dificuldades no deslocamento de discentes e professores, a modalidade EaD leva o conhecimento e a formação acadêmica para as pessoas que residem distante dos *campi* ou que apresentam dificuldades de locomoção, cumprindo seu papel de popular e inclusiva enquanto instituição que goza de autonomia.

É importante salientar que em virtude do art. 207 da Constituição Federal de 1988, “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Nesse sentido a UNEB possui autonomia de implementar as ações afirmativas que melhor julgar atender as demandas e especificidades dos seus múltiplos territórios.

A partir disso, a UNEB apresentou à Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, a criação de uma lei que garantisse a reserva de 20% das vagas ofertadas para candidatos negros, no entanto a solicitação não foi atendida. Desse modo, segundo Wilson Mattos (2003), a Reitora da UNEB, Ivete Sacramento, utilizando da prerrogativa de autonomia acadêmico-administrativa, instituiu uma Comissão composta por dois professores e um aluno e encarregou-a de emitir um parecer sobre a indicação e formular uma proposta a ser submetida ao Conselho Universitário (CONSU).

De posse das discussões já acumuladas sobre o tema e dos dados disponíveis sobre a desigualdade racial no acesso ao ensino superior, a comissão elaborou uma proposta sumária de Resolução, estabelecendo, no

seu artigo 1º, a cota mínima de 40% para candidatos afrodescentes, oriundos da escola pública, no preenchimento das vagas relativas aos cursos de Graduação e Pós-Graduação oferecidos pela UNEB, seja na forma de vestibular ou, no caso da Pós-Graduação, de qualquer outro processo seletivo. [...] Submetida a apreciação do Conselho Universitário em reunião ordinária realizada em 18 de julho de 2002, a proposta da Resolução foi aprovada com 28 dos votos a favor e 3 abstenções. Não houve sequer um voto contrário. (MATTOS, 2003, p.139)

Essa ação pioneira torna a UNEB uma das primeiras universidades do Brasil a pensar e implementar políticas afirmativas dessa natureza. O que coloca o sistema de cotas para ingresso nos cursos de Graduação e Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB como uma política pública de ação afirmativa institucional para democratização do ensino superior. Nesse sentido, em 2008, a UNEB reservou cerca de 5% das vagas para candidatos indígenas em cursos de Graduação e, posteriormente, esse sistema se estendeu para a de Pós-Graduação *Stricto-Sensu*. Segundo o PDI/UNEB (2017/2022):

A política de ações afirmativas da UNEB visa promover práticas de equidade, indistintamente, a todas as diversidades: étnicas, raciais, culturais, de gênero, de geração/faixa etária, de inserção territorial-geográfica, de condições físicas e/ou históricas desvantajosas e outras, que compõem o quadro de estudantes, professores e servidores técnicos e administrativos nos diversos departamentos da Universidade. (PDI/UNEB – 2017/2022)

Com o crescimento das ações afirmativas, em 2014 a UNEB implantou a Pró-Reitoria de Ações Afirmativas (PROAF) com a missão de desenvolver programas, atividades e projetos de inclusão na comunidade acadêmica. Dentre essas ações promovidas pela PROAF, a mais recente é um programa de bolsa auxílio chamado Programa Afirmativa, no qual concede bolsas para os estudantes de Graduação que desenvolvem atividades acadêmicas de pesquisa e extensão específicas, contribuindo para a sua formação profissional e humana, conforme versa no Edital Nº 073/2022:

O Programa Afirmativa de Pesquisa e Extensão, conformado às políticas de pesquisa e extensão da UNEB, ao inserir estudantes que ingressaram na UNEB através da reserva de vagas para negros(as) e sobrevagas para indígenas; quilombolas; ciganos(as); pessoas com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades; transexuais, travestis e transgêneros, no desenvolvimento inicial, orientado e supervisionado de atividades de elaboração e execução de projetos de pesquisa, extensão e de difusão do conhecimento, tem por objetivo possibilitar a esses estudantes uma forma específica de associação e ambientação coletiva que dê suporte material,

intelectual e subjetivo ao desenvolvimento satisfatório de suas respectivas trajetórias acadêmicas fortalecendo os seus processos formativos. (EDITAL Nº 073/2022)

Além do Programa Afirmativa, a UNEB também realizou a Seleção para o Programa de Bolsa de Pesquisa PROGPEAQ, por meio do Edital Nº 085/2021 Referente ao Aviso Nº 146/2021, publicado no D.O.E. de 11/09/2021, conduzido pelas Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação (PPG) e Pró-Reitoria de Ações Afirmativas (PROAF), no qual ofereceu 36 bolsas na modalidade Mestrado e o quantitativo de 12 bolsas na modalidade Doutorado, o que soma o total de 48 bolsas para a Pós-Graduação, seguindo a política de cotas segundo a Resolução CONSU nº 1.339, de 28 de julho de 2018. Dessa forma, percebe-se que a UNEB vem aperfeiçoando e ampliando seus regimentos a fim de incluir o maior número de grupos marginalizados e vulnerabilizados na educação superior de qualidade, pensando também na permanência desses estudantes na universidade, uma vez que não basta apenas inserir essas pessoas no contexto universitário, mas é fundamental possibilitar meios de auxiliar e promover a assistência estudantil desses discentes, provenientes na sua maioria de grupos subalternizados.

Pensando nesses novos corpos transexuais que estão adentrando no espaço acadêmico na contemporaneidade por meio das políticas públicas, a UNEB começa a se moldar, e ganha uma nova roupagem na sua identidade. Tanto nas novas pesquisas que vem surgindo sobre as minorias que adentram no vestibular pelas cotas, a exemplo de travestis e transexuais, como também o *campus* se torna mais diverso a partir de corpos que estão propícios a uma pluralidade de vestimentas e acessórios, além de mudanças estéticas. Dessa forma, segundo Gabriela Maia (2020):

Pode-se dizer que ter o corpo em forma promove nos indivíduos uma conformidade com estilos de vida e a gratificação de pertencimento a um determinado grupo. Disso decorre uma necessidade de manter um cuidado acentuado com o corpo, na medida em que esse constitui elemento central da identidade na esfera pública. O percurso do corpo na contemporaneidade perpassa o desenvolvimento de biotecnologias aliadas ao advento da sociedade de consumo, que promove o corpo como um importante capital nas relações sociais. (MAIA, 2020, p.4)

O novo cenário que a UNEB promove, por meio do seu pioneirismo e o do compromisso com a inclusão social, ajuda a produzir uma nova cultura na universidade pública rica em diversidade de conhecimentos e corpos que durante

séculos foram subalternizados. Desse modo, a política de cotas para transexuais e travesti auxilia no resgate da cultura de mulheres e homens trans, pois possibilita que pessoas trans promovam ciência nas diversas áreas do conhecimento ao tempo que são agentes de mudanças sociais.

Além do mais, essa nova cultura que se instaura também promove mudanças na vida e ajuda a pensar nas mudanças que corpos trans necessitam para se sentirem confortáveis com o gênero que se identifica, uma vez que o corpo tem relação com a subjetividade do ser. Conforme afirma Maia (2020) o corpo pode ser entendido como o primeiro instrumento da cultura. Cada sociedade e grupos, em diferentes épocas, desenvolveram práticas e técnicas para o uso dos corpos. Desse modo, mulheres trans possuem determinadas práticas para a sua performance de gênero no meio social, que vão desde de utilização de hormônios à intervenções de procedimentos estéticos.

É importante salientar que as mudanças corporais não são uma necessidade de corpos transexuais, já que pessoas cisgênero também recorrem a procedimentos estéticos e estilos de vida a fim de modificar seus corpos de acordo as suas necessidades e desejos, que em alguns casos advêm de padrões ditados pela sociedade, de acordo com Maia (2020):

Em cada momento histórico, um modelo corporal será valorizado, o que significa que a “natureza” do corpo é produzida conforme o contexto social, cultural e econômico em que esteja inserido. Os corpos, antes de um dado anterior à cultura, participam ativamente de sua produção, já que, desde o nascimento até a morte, sofre interferências, constituindo os sujeitos que os portam conforme a cultura a que pertencem. (MAIA, 2020, p. 5):

Portanto, o corpo possui relação direta com as subjetividades dos indivíduos, que por sua vez possuem relação com as interferências da sociedade na vida de homens e mulheres, sejam cisgênero ou transgênero. Só que, a subjetividade da mulher transexual, assim como do homem transexual, são perpassados por preconceitos e intolerância, uma vez que tem origem em uma sociedade normativa e excludente. Desse modo, a UNEB por meio das suas ações afirmativas vem contribuindo com a inclusão social, que por sua vez promove a criação de uma cultura tolerante às diferenças.

2.2. SEÇÃO 02: A POLÍTICA DE COTAS PARA PESSOAS TRANSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSGÊNEROS: DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR.

Foi a partir da Constituição brasileira de 1988 que alicerçou o início de debate das políticas públicas no Brasil, uma vez que sua redação explicita alguns princípios de discriminação positiva, tendo um dos principais fundamentos o item: III - a dignidade da pessoa humana. A partir de então, como ferramenta de combate ao racismo estrutural e à desigualdade racial, em 1990 foram implantados os primeiros programas de ações afirmativas no Brasil.

Através dessas ações, em 2002 O Conselho Universitário da Universidade do Estado da Bahia criou a Resolução nº 196/2002 de 24/07/2002, no âmbito da Graduação e Pós-Graduação *Stricto-Sensu*, na qual estabelece e aprova o sistema de cotas para população afro-descendente oriunda de escolas públicas. Posteriormente, segundo Mattos (2007), em 2007, houve a extensão desse sistema para as populações indígenas. Assim, a UNEB tem desenvolvido, pioneiramente, essa e outras modalidades de políticas de ação afirmativa. Ainda seguindo o pensamento do autor:

Não obstante a importância desse fato na composição da sua identidade contemporânea, desde o seu nascimento, em 1983, a UNEB se configura como uma universidade que tem na questão da inclusão social, contida na ideia geral de ações afirmativas, um dos seus principais sustentáculos. (MATTOS, MACEDO e MATTOS, 2013, p. 85)

Em 2003, a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro aprovou a Lei nº 4.151, na qual institui vagas para estudantes pretos e pardos na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e na Universidade Estadual do Norte Fluminense. A partir de então, nos anos seguintes outras universidades estaduais do Brasil adotaram a política de cotas, a exemplo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Lei nº 8.258 de 27/12/2002), a Universidade Estadual de Alagoas (Lei nº 6.542 de 07/12/2004), Universidade do Estado do Amazonas (Lei nº 2.894 de 31/05/2004), entre outras, o que coloca as universidades estaduais como pioneiras no que tange a essas ações afirmativas de cotas nas universidades. Posteriormente, as universidades federais seguiram pelo mesmo caminho a partir da Lei 12.711 de 29 de agosto de 2012. Como afirma Valdério Silva (2010):

A aprovação do sistema de cotas na UNEB despertou também interesse e curiosidade no Brasil inteiro. Muitos foram os convites para seminários e palestras em universidades públicas e privadas, e até mesmo o Conselho Nacional de Educação abriu as suas portas para que a novidade fosse apresentada em uma sessão plenária. Sem dúvida, o sistema de cotas da UNEB contribuiu decisivamente para que a experiência se tornasse conhecida e discutida no Brasil inteiro e, nos anos seguintes, implantada na maior parte das universidades públicas brasileiras. (SILVA, 2010, p. 54-55)

Sendo a Universidade do Estado da Bahia a instituição que interessa no presente estudo, por ser a primeira instituição a aderir ao sistema de cotas raciais, observa-se a evolução no que tange as políticas públicas, segundo Mattos (2003. p. 148) “as cotas como garantia de acesso grupal mínimo é importantíssimo, deve continuar e ser cada vez mais aperfeiçoado”. Pode-se dizer que foi a partir da criação da PROAF em 2014 que ampliou com mais força as ações afirmativas na instituição. Quatro anos depois, em 2018, a UNEB publicou a Resolução nº 1.339/2018 de 28/07/2018, na qual:

Aprova o sistema de reserva de vagas para negros e sobrevagas para indígenas; quilombolas; ciganos; pessoas com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades; transexuais, travestis e transgêneros, no âmbito da UNEB, e dá outras providências. (Resolução nº 1.339/2018 de 28/07/2018)

A referida Resolução oferece acesso à educação superior à sete grupos subalternizados historicamente na sociedade, em que muitas vezes se encontram em situação de risco e vulnerabilidade. Dessa forma, pensando na inclusão educativa e social, o Art. 2º, destina à:

PORCENTAGEM	GRUPOS CONTEMPLADOS PELA RESOLUÇÃO Nº 1.339/2018
40%	de vagas para candidatos(as) negros(as);
5%	de sobrevagas para candidatos(as) indígenas;
5%	de sobrevagas para candidatos(as) quilombolas;
5%	de sobrevagas para candidatos(as) ciganos(as);
5%	de sobrevagas para candidatos(as) pessoas com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades;
5%	de sobrevagas para candidatos(as) transexuais, travestis e transgêneros.

Fonte: Resolução 1.339/2018 - UNEB

Para isso, a Resolução 1.339/2018 apresenta como os principais requisitos para concorrer as vagas e sobrevagas: ter cursado o 2º ciclo do Ensino Fundamental e o Ensino Médio exclusivamente em escola pública, além de apresentar renda bruta familiar mensal inferior ou igual a 04 vezes o valor do salário mínimo, requisitos esses que não priorizam apenas grupos que estão em vulnerabilidade social, mas também aqueles indivíduos que se encontram em vulnerabilidade econômica. Ou seja, a política de cotas da UNEB apresenta um caráter social, uma vez que busca oportunizar e incluir estudantes de escola pública e de baixa renda no ensino superior. Segundo Mattos (2003, p.140):

Sendo a promoção da igualdade o objetivo de qualquer política pública de ação afirmativa, essa conjugação de critérios de habilitação, deliberadamente visa impedir que uma eventual concorrência desigual se estabeleça no interior da disputa pelos 40% de vagas reservadas aos afro-descendentes. Não é nenhuma novidade observar que no Brasil, pelo menos das duas últimas décadas a desigualdade de oportunidades de acesso ao ensino superior está diretamente relacionada – senão de forma exclusiva, ao menos de forma determinante – ao tipo de educação escolar fundamental e média pela qual passaram os candidatos ao vestibular. (MATTOS, 2003, p. 140)

No que se refere aos(às) candidatos(as) que optarem pelas sobrevagas destinadas aos(às) transexual, travesti ou transgênero, grupo social este que possui implicação com o objeto da pesquisa, devem estar em conformidade com o quadro de auto-declaração de identidade de gênero, constante na ficha de inscrição do respectivo processo, consoante com a definição da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)⁵. A ANTRA tem como principais linhas de atuação:

Mapear, produzir estudos e denunciar nas instancias cabíveis os assassinatos de pessoas Trans no Brasil, bem como cobrar soluções desses crimes; Promover campanhas informativas e apresentar propostas a fim de garantir o direito das Travestis e Transexuais; Colaborar em todos os níveis com outras redes, que trabalham com Direitos Humanos, a fim de desenvolverem trabalhos conjuntos, intercambiando experiências nas áreas de atuação de cada uma; Denunciar e promover a divulgação, em todos os

⁵ A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), é uma rede nacional que articula em todo o Brasil 127 instituições que desenvolvem ações para promoção da cidadania da população de Travestis e Transexuais. [...] A missão da ANTRA é: “Identificar, Mobilizar, Organizar, Aproximar, Empoderar e Formar Travestis e Transexuais das cinco regiões do país para construção de um quadro político nacional a fim de representar nossa população na busca da cidadania plena e isonomia de direitos.” (Assembleia da ANTRA, Teresina-PI/ Maio 2009). Fonte: <https://antrabrasil.org/sobre/>

meios de comunicação possíveis, de todo e qualquer caso onde for detectado preconceito e ou discriminação por identidade de gênero; (SIMPSON, 2022, s/p)

Assim observa-se como é nítida a importância dos movimentos sociais na aquisição dos direitos de minorias através do Estado, como é o caso da ANTRA que fomenta o debate sobre a luta de mulheres e homens transexuais e tem suas pautas reverberadas na criação de políticas públicas em instituições estaduais, federais e também em empresas privadas. Da mesma forma, segundo Silva (2010), pode-se dizer que o Movimento Negro foi o principal protagonista na conquista de cotas raciais nas universidades e ainda segue fomentando cotas nas instituições públicas e privadas. Portanto, nota-se que a UNEB rompe a os muros e portões da academia e se mantém receptiva ao diálogo com a comunidade e os movimentos sociais por meio das suas ações afirmativas que acompanha as demandas da sociedade contemporânea seja no ensino, na pesquisa e na extensão.

Outrossim, além do ingresso de estudantes em situação de vulnerabilidade social e econômica, a Resolução 1.339/2018 prevê a implantação de um programa permanente de ações afirmativas, com dotação orçamentária e financeira, cujo objetivo é a promoção da diversidade de gênero, da equidade étnico-racial e da inclusão de todas as ações desenvolvidas pela instituição, assegurando a permanência estudantil desses discentes na universidade por meio de projetos e atividades que garantam a permanência e o sucesso dos estudantes ingressos pelo sistema de reserva de vagas e sobrevagas. Para Wilson Mattos (2003):

Esse dispositivo, além de garantir que o sistema de cotas seja avaliado periodicamente pelo acompanhamento da trajetória desses estudantes, sustenta a institucionalmente a concepção de que a própria universidade deve garantir condições acadêmicas e econômico-social para que esses estudantes se formem efetivamente. Sendo assim, com a proposição de um programa específico, a universidade objetiva antecipar-se na apresentação de alternativas que anulem os efeitos de eventuais problemas que dificultem ou impeçam que esses estudantes cheguem até o final dos seus respectivos cursos. (MATTOS, 2003, p.149)

A diversidade étnico-racial e de gênero no ambiente acadêmico, torna a universidade um lugar plural e rico na troca de saberes e experiências, nesse sentido, pode-se afirmar que, segundo Silva (2010), o ingresso grupos marginalizados na universidade através das políticas de ações afirmativas contribuiu para diversificar a paisagem étnico-racial nas salas de aula em prestigiados cursos.

Ademais disso, as políticas de ações afirmativas visam também diversidade na produção de literatura científica cuja, a presença desses estudantes resultará na formação de especialistas negros, transexuais, indígenas, quilombolas, entre outros grupos subalternizados, em condições de competir por empregos mais qualificados no mercado de trabalho, além de aumentar o quantitativo de pesquisas científicas que durante séculos foram produzidas pela óptica da elite conservadora, patriarcal, colonial que apresentam um distanciamento de grupos subalternizados, que por vezes beira ao preconceito.

Dessa maneira, as políticas de ações afirmativas, além de fomentar e estimular o ingresso dos referidos grupos, visa formar profissionais competentes e cidadãos engajados com o objetivo de diminuir as desigualdades sociais que ainda hoje, na sociedade contemporânea, permanece em diversos segmentos da sociedade brasileira, que tem em sua fundação o pensamento colonialista e elitista. Portanto Valdério Silva (2010) afirma que:

As referidas políticas contribuem igualmente para elevar a auto-estima dos jovens negros que estão marginalizados na sociedade brasileira, além de estimular transformações de ordens pedagógicas e psicológicas, assim como coibir a discriminação presente e eliminar os efeitos da discriminação passada. (SILVA, 2010, p. 55)

Portanto, é indiscutível os benefícios que da Resolução 1.339/2018 do Conselho Universitário da UNEB trouxe para o desenvolvimento do Estado da Bahia e do Brasil, seguindo as políticas públicas de ações afirmativas que foram iniciadas a partir da Constituição de 1988 e outras ações, como por exemplo:

As aposentadorias rurais, os créditos subsidiados para agricultura familiar, as políticas de proteção trabalhistas e de salário mínimo são alguns exemplos conhecidos. Foram lembradas, igualmente, as leis vigentes que estabelecem cotas para as mulheres nas listas partidárias (Lei 9.504/97), nos concursos públicos para os portadores de deficiência (Lei 8.112/90) e no setor privado (8.213/91), entre muitas outras. Desse modo, é injustificado o argumento de que o tema das políticas afirmativas seja estranho à experiência cultural brasileira. (SILVA, 2010, p. 55)

Dessa maneira, observa-se que as políticas públicas de ações afirmativas são necessárias e devem ser ampliadas em todos os estados brasileiros, sendo reverberadas em instituições públicas e privadas a fim de promover a igualdade e a inclusão de grupos que são excluídos. A exemplo da trajetória de mulheres

transexuais, transgêneros e travestis, cujo percurso social é dotado de estigma e violência, fatores esses que distanciam essas mulheres da educação e consequentemente de empregos de qualidade e dignos, como mostra a pesquisa realizada pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), sobre a situação educacional das pessoas trans, na qual estima-se que cerca de 70% não concluiu o ensino médio e que apenas 0,02% encontram-se no ensino superior.

A partir dos dados apresentados pela ANTRA, fica explícito como a transfobia institucionalizada opera de maneira velada e agressiva ao mesmo tempo, elevando o índice de evasão escolar no ensino médio e tirando a oportunidade de estudantes transexuais terem uma educação de qualidade. As violações que esses estudantes sofrem na sala de aula e no sistema educacional brasileiro, por não terem suas identidades legitimadas, ocasionam em múltiplas violências psicológicas e, alguns casos extremos, agressões físicas. Desse modo, pode-se afirmar que mulheres transexuais estão condicionadas a uma evasão na educação básica e por isso muitas não se encontram preparadas para dar continuidade aos seus estudos e/ou para empregos dignos.

Pensar em ações a partir das políticas públicas que incluem transexuais e travestis nos espaços sociais e educativos é refletir sobre a inclusão dessas pessoas na sociedade como um todo, considerando o processo histórico na formação identitária que teve como base a marginalidade e a violência. Desse modo, segundo Bento (2014, p. 3), “pensar como as elites econômicas, políticas, raciais, de gênero e sexual se apropriaram da estrutura do Estado para frear e impedir a ampliação e a garantia de direitos plenos às populações excluídas”. O direito ao nome social para transexuais e travestis nas escolas e universidades vem valorizando a identidades dessas estudantes e ajudando na legitimação do seu gênero.

Diante disso, a Resolução Nº 1, de 19 de janeiro de 2018, publicada pelo Ministério da Educação (MEC), propõe pontos para o caminho de uma sociedade mais inclusiva para, dessa forma, considera que a diversidade sexual e o respeito à identidade de gênero são congruentes com os valores universais da contemporaneidade democrática. Para isso, a referida Resolução, em seu Artigo 1º fala que:

Na elaboração e implementação de suas propostas curriculares e projetos pedagógicos, os sistemas de ensino e as escolas de educação básica brasileiras devem assegurar diretrizes e práticas com o objetivo de combater quaisquer formas de discriminação em função de orientação sexual e identidade de gênero de estudantes, professores, gestores,

funcionários e respectivos familiares. (RESOLUÇÃO Nº 1, 19/01/2018, MEC).

Ainda de acordo com a Resolução Nº 1, de 19 de janeiro de 2018, no seu Artigo 2º “Fica instituída, por meio da presente Resolução, a possibilidade de uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares da educação básica”. Diante disso, as escolas tem adotado cada vez mais o uso do nome social para estudantes transexuais e travestis, fazendo com que haja um melhor acolhimento institucional e diminuição das violências no ambiente escolar, como por exemplo, a diminuição do *bullying*, uma vez que o nome social na caderneta estará condizente com a identidade de gênero do(da) estudante.

No entanto, nota-se que a Resolução Nº 1, de 19 de janeiro de 2018 deixa alguns estudantes transexuais em vulnerabilidade, uma vez que existem casos onde o menor de 18 anos não possui apoio familiar, desse modo, o mesmo fica impossibilitado de fazer o uso do nome social na escola, já que o Artigo 4º versa que:

[...] menores de 18 (dezoito) anos podem solicitar o uso do nome social durante a matrícula ou a qualquer momento, por meio de seus representantes legais, em conformidade com o disposto no artigo 1.690 do Código Civil e no Estatuto da Criança e do Adolescente. (Art. 1º, RESOLUÇÃO Nº 1, de 19 de janeiro de 2018, MEC).

Sendo assim, é urgente pensar no acolhimento da criança transexual dialogado com a sua família para que as políticas públicas de inclusão de travestis e transexuais sejam efetivadas de fato e promovam a permanência desses e dessas estudantes, e também promovam uma mudança para além dos espaços educacionais. É importante salientar que o ambiente escolar está inserido na sociedade, como um micro sistema dentro do macro sistema. Ou seja, a base educacional está alicerçada pelo pensamento normativo, conservador, elitista herdado desde a colonização, presente na sociedade ocidental, que fundamenta todas as esferas sociais. Dessa forma, as ações afirmativas para transexuais e travestis nas escolas e universidades devem transcender para outros meios, como o mercado de trabalho, política, igrejas, internet, etc. para que a inserção dessas pessoas seja de maneira plena e integra.

Consequência da carência de ações afirmativas para pensar a permanência estudantil de mulheres transexuais e travestis na educação básica ocasiona que

essas estudantes ficam vulneráveis. Essa desvantagem se materializa em situações diversas, a exemplo do processo seletivo para ingressar em universidades públicas, uma vez que se observa que transexuais não tiveram a mesma preparação e acolhimento que pessoas cisgênero no seu percurso escolar, portanto se entende o motivo pelo qual apenas 02% de transexuais, transgêneros e travestis ingressaram no ensino superior, mesmo com cotas para o referido grupo.

E este cenário nos leva a reflexão sobre como as cotas cumprem um papel de inserir e garantir a continuidade de pessoas trans na universidade, já consolidadas como políticas de acesso para aquelas pessoas que enfrentam violações e violências ao longo de suas vidas que impedem o processo educativo devido a sua condição, identidade e expressão de gênero. (ANTRA, 2020, s/p).

No entanto, pode-se afirmar que mulheres transexuais e travestis possuem maiores chances de estar condicionadas a evasão escolar e também possuem menos chances de ingressar no ensino superior em comparação aos homens trans, por apresentarem na formação de suas identidades características femininas, uma vez estando emersa em uma sociedade misógina e machista. Portanto, mulheres transexuais e travestis são violentadas por serem do gênero feminino e também por serem trans, segundo afirma a ANTRA (2020):

Travestis e mulheres transexuais, especialmente, são alvo preferencial da transfobia com maiores índices de violência direta, indireta e suicídio, além de representarem o maior número quando analisamos dados sobre assassinatos, em torno de 98% dos casos, por expressarem o gênero marcado em suas expressões de gênero femininas e afirmação de uma identidade pública cercada por estigmas. (ANTRA, 2020, s/p)

Ainda segundo a ANTRA (2020, s/p), “as políticas de cotas não se tratam de hierarquizar experiências, mas de evidenciar que há diferenças significativas em como a sociedade se relaciona com um determinado perfil identitário”. Ou seja, é necessário destacar as vulnerabilidades e riscos que mulheres transexuais e travestis estão sujeitas para então pensar-se em políticas de ações afirmativas para diminuir as desigualdades e violências.

Como já foi mencionado, um dos mecanismos de diminuição dessa desigualdade pensado pela UNEB é a Resolução nº 1.339/2018, que por sua vez vem ampliando o número de transexuais, travestis e transgêneros na Graduação e na Pós-Graduação *Stricto-Sensu*, tornando o espaço de aprendizagem mais diverso

e inclusivo. Isto posto, transexuais e travestis vem acessando educação de qualidade e sendo inclusas no mercado de trabalho enquanto profissionais qualificadas, além de produzir literatura científica sobre si e o grupo social que pertence, trazendo contribuições para debates sobre gênero, educação, saúde, e entre outras esferas do conhecimento. Desse modo, a referida Resolução foi documento fundante deste estudo, uma vez que explicita as políticas de ações afirmativas que inclui mulheres transexuais e travestis como contempladas pelas cotas nos cursos de Graduação e Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB, no entanto, tendo como ênfase os cursos de Pós-Graduação *Stricto-Sensu*.

A partir dos dados apresentados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), fica explícito como a transfobia institucionalizada, o machismo e o racismo formam o tripé responsável pela evasão escolar de mulheres transexuais e travestis no ensino médio, o que resulta na quase inexistência dessas mulheres no Ensino Superior. Contudo, a Resolução nº 1.339/2018 vem incentivando e promovendo a inclusão dessas mulheres, a fim de ter salas de aulas mais diversas e produções científicas com pesquisadoras transexuais, travestis, negras, indígenas, entre outros para criar uma universidade popular e acessível a todos/as. Adentrando à essa perspectiva, no próximo capítulo discorreremos sobre as especificidades e o encontro com o campo empírico da pesquisa e as vivências das mulheres transexuais nos cursos de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB.

3. CAPÍTULO III – ACEITA QUE DÓI MENOS: VIVÊNCIAS E ANÁLISES DO CAMPO EMPÍRICO DAS MULHERES COTISTAS TRANSEXUAIS NOS PPGSS DA UNEB

No capítulo anterior foi apresentado a UNEB desde a sua fundação até sua estrutura física e administrativa, em seguida foram analisados os documentos legais da instituição concernentes a políticas de cotas para negros, indígenas, quilombolas, ciganos, pessoas com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades, transexuais, travestis e transgêneros, cujo foco da pesquisa está na a última categoria citada, na qual me identifico.

Enquanto mulher trans e pesquisadora, a minha inquietação parte da quase inexistência de corpos transexuais na Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB e da baixa produção acadêmica sobre transexuais e travestis, o que me faz questionar o porquê desse cenário exclusivo, ainda que já existam políticas públicas que promovem a inclusão e permanência desses grupos. Dessa forma, este capítulo tem como objetivo apresentar o percurso das mulheres cotistas transexuais nos Programas de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da Universidade do Estado da Bahia, em diálogo com as vivências da pesquisadora, enquanto cotista e transexual, a partir da percepção de que é um espaço pouco ocupado por nós travestis e transexuais. Tendo como questão de estudo, buscou-se entender como se deram os percursos, as vivências e as práticas das mulheres cotistas transexuais e travestis nos PPGSS da UNEB?

Para responder a questão de estudo, optou-se pela seguinte metodologia: A pesquisa qualitativa de campo empírico a partir das Histórias de Vida proposta por Haguette (1997) e da Análise (auto)biográfica segundo as contribuições de Ferrarotti (2010) e Souza (2014), que proporcionaram uma melhor compreensão e análise dos relatos apresentados pela participante da pesquisa por meio de entrevista oral. Dessa forma, o Capítulo III encontra-se dividido da seguinte forma: Seção 01: Encontrando com o campo empírico: metodologia do estudo e; Seção 02: Análise do campo empírico: achados da pesquisa.

3.1. SEÇÃO 01: ENCONTRANDO COM O CAMPO EMPÍRICO: METODOLOGIA DO ESTUDO

Para iniciar essa seção, evoco uma frase bastante conhecida da pioneira do movimento feminista, Simone Beauvoir (2019, p.11), a qual ela afirma que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, e esse tornar-se mulher vai além da genitália e/ou de características biológicas, conforme já foi mencionado na justificativa deste estudo, mas nunca é demais apontar que eu, na condição de mulher transexual, passei pelo processo de transição de gênero, no qual me tornei mulher socialmente, mesmo indo de contra meu sexo biológico, uma vez que se entende que gênero é uma construção social. Sendo assim, homens e mulheres têm suas identidades formadas a partir de suas trajetórias de vida desde o momento do nascimento, baseado no sexo biológico, e sofrem influências das normas e papéis impostos pela sociedade patriarcal ocidental sobre o que é ser mulher e homem, com o objetivo de reforçar e marcar suas performances sociais, conforme elucidado no Capítulo I.

Dessa forma, a presente pesquisa é fruto das minhas inquietações enquanto mulher transexual a partir das experiências no âmbito social e educativo, no meu percurso da educação básica até a minha formação docente no Ensino Superior. Essas experiências são marcadas, por violências que se manifestam por meio do *bullying* na escola e da transfobia institucionalizada presente ainda no ensino superior e na sociedade como um todo, portanto, esse trabalho encontra sua justificativa pessoal no percurso profissional e social. Desse modo, sinalizo algumas violências físicas e psicológicas que sofri na sala de aula dentro da universidade, que hoje conheço como transfobia, tendo sua base na deslegitimação da minha identidade de gênero por parte duas professoras na minha graduação no curso de Letras/Espanhol, que tem consequências na minha formação.

A pesquisa foi submetida à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNEB, e aprovada sob o parecer nº CAEE 52657321.0.0000.0057 e Parecer nº 5.080.636, o que possibilitou que a coleta de dados foi realizada através de entrevista semi-estruturada, de forma remota na plataforma virtual *Microsoft Teams* e posteriormente transcrita. A plataforma dispõe de ferramentas de interação virtual através de áudio, imagem e compartilhamento de tela. Na continuação, a entrevista foi transcrita para ser analisada a partir da trajetória social, escolar, acadêmica,

religiosa e pessoal da entrevistada, dialogando com as minhas vivências nos supracitados espaços, na condição de pesquisadora do trabalho.

Devido à dificuldade de contato com a participante anteriormente, a entrevista ocorreu no dia 04 de julho de 2022, através do *Microsoft Teams*. Antes de realizar a entrevista, houve a assinatura da participante no TCLE, seguido da explanação por parte da pesquisadora sobre o estudo e a contribuição do mesmo para as pessoas transexuais que estão vivenciando a Pós-Graduação *Stricto-Sensu* ou desejam ingressar no Ensino Superior. Feito isso, a participante recebeu orientações de uso da plataforma *Teams*, no entanto ela informou que já possuía o domínio sobre a utilização, desse modo, a mesma ingressou na sala através do link disponibilizado via e-mail. Com o intuito de manter a identidade preservada da participante, e cumprindo com os princípios éticos da pesquisa, optou-se que ela fosse denominada de E1.

O estudo constituiu-se em uma pesquisa de campo empírico-interventivo, com abordagem qualitativa-exploratória (PEREIRA, 2019), considerando as especificidades que circundam o desenvolvimento da pesquisa no Mestrado Profissional. Esse tipo de abordagem permite diversas possibilidades de produções de conhecimentos, uma vez que essa pesquisa possuiu como objeto de estudo os percursos de mulheres transexuais e travestis, que romperam e transgrediram os padrões sociais preestabelecidos na sua formação identitária, e ainda assim ocupam e resistem nos espaços sociais e educacionais, que durante muito tempo foi um espaço destinado apenas para homens cisgêneros. Dessa maneira, a abordagem qualitativa, centrada no significado de fenômenos a partir de uma densa descrição para compreendê-los na busca por provar, ou não, hipóteses por meio dos diálogos e das generalizações dos resultados (PEREIRA, 2019).

Como se tratou de explorar um fenômeno que não é totalmente conhecido pela pesquisadora, a Pesquisa Descritiva permitiu uma maior aproximação ao optar pela descrição da realidade apresentadas na entrevista, de forma que sua compreensão foi a mais próxima da realidade da participante, e assim chegou-se à essência do fenômeno. E então se pôde explicar as formas, os fatores e as ocorrências fenomenais do objeto a partir de uma descrição detalhada do objeto, conforme Pereira (2019).

Pensando em pôr em prática as possibilidades de produção de conhecimento, optou nesse estudo pela Pesquisa Aplicada, que para Fleury e Werlang (2017, p. 11), “a pesquisa aplicada concentra-se em torno dos problemas presentes nas atividades das instituições, organizações, grupos ou atores sociais”. Ela está empenhada na elaboração de diagnósticos, identificação de problemas e na busca de soluções, uma vez que na pesquisa buscou-se examinar as vivências das mulheres transexuais nos PPGSS da UNEB a partir dos seus relatos buscando resquícios das violências históricas que o referido grupo está condicionado a sofrer, e dessa forma conseguiu uma maior familiarização com o objetivo do estudo.

Também, se utilizou da pesquisa documental a partir das contribuições de Haguette (1997) no que se refere às Histórias de Vida enquanto método de pesquisa, através da categorização e de entrevistas narrativas. A definição de entrevista pode ser definida como o processo de interação social entre duas pessoas, na qual uma delas, a entrevistadora, tem por objetivo a obtenção de informações por parte da outra, a entrevistada. Assim, Haguette (1997) apresenta quatro componentes do processo de interação: o entrevistador, o entrevistado, a situação da entrevista e o instrumento de capacitação de dados na entrevista estruturada. Para isso, a autora sinaliza que é importante a elaboração previamente de um roteiro, bem como a condução da entrevista e as perguntas a serem realizadas para a participante, com o objetivo de obter respostas diversas e singulares, o que torna o estudo um campo rico de pesquisa por meio da análise comparativa.

Como defende Haguette (1997), são vários fatores que podem representar fonte de contaminação e/ou distorção das informações apresentadas pela entrevistada durante a entrevista ou nas histórias orais, desse modo, é imprescindível a utilização de documentos que servirão de base para subsidiar a transparência na pesquisa. Para isso, os documentos que embasaram o controle da qualidade desses dados foram os documentos legais da UNEB na composição da pesquisa documental a exemplo dos documentos acerca as Políticas de Ações Afirmativas e a Resolução Nº 1.339/2018/UNEB, que embasam o sistema de cotas para travestis, transexuais e transgêneros na instituição, implantado no ano de 2018.

Para a análise (auto)biográfica das narrativas coletadas por meio das entrevistas orais, as contribuições de Souza (2014) desempenharam um papel importante na obtenção dos resultados da pesquisa, uma vez que segundo o autor,

a pesquisa (auto)biográfica nasce do indivíduo, a partir da sua inserção social, mediante modos próprios de biografização e de seus domínios social e singular. Desse modo, a Entrevistada E1 trouxe contribuições a partir das suas vivências singulares, já que apresentou características que perpassam sua formação enquanto mulher transexual e cotista em processo de formação docente no Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB. Ainda segundo Souza (2014):

Narrativas (auto)biográficas, construídas e/ou coletadas em processo de pesquisa ou em práticas de formação, centram-se nas trajetórias, percursos e experiências dos sujeitos, são marcadas por aspectos históricos e subjetivo frente às reflexões e análises construídas por cada um sobre o ato de lembrar, narrar e escrever sobre si. (SOUZA, 2014, p. 43)

Para isso, se buscou evidenciar a relação entre o objeto de estudo e a formação da participante por meio da análise compreensiva-interpretativa entre a narrativa apresentada pela participante E1 e as vivências da pesquisadora, na busca por um melhor entendimento dos percursos das estudantes transexuais cotistas no espaço de formação de professores frente aos processos de inclusão social e educacional promovidos por meio dos regimentos legais da UNEB. Ainda de acordo com o exposto por Souza (2014):

O movimento biográfico que se desenvolve e consolida nas Ciências Humanas e Sociais, mais do que invadir a vida humana, parte de princípios de ontológicos e busca assegurar a vida, ao abrir espaços para socializações e partilhas de modos próprios de como os sujeitos vivem, se desenvolvem, aprendem, enfrentam conflitos, buscam alternativas para superar as adversidades da vida frente aos processos de inclusão/exclusão social. (SOUZA, 2014, p. 41)

Para a socialização dessas vivências, elaborou previamente três perguntas baseadas no percurso pessoal, acadêmico, profissional e religioso da participante com o intuito de ser um diálogo frutífero entre participante E1 e pesquisadora. Além disso, a proposta visou fomentar o debate entre mulheres transexuais e as ações afirmativas propostas pela UNEB, tendo o foco na realidade de estudantes matriculadas em um Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu*, uma vez que Ferrarotti (2010) entende que:

As narrativas biográficas de que nos servimos não são monólogos ditos perante um observador reduzido à tarefa de suporte humano de um gravador. Toda entrevista biográfica é uma interação social completa, um sistema de papéis, de expectativas, de injunções de normas e de valores implícitos e, por vezes, até de sanções. Toda entrevista biográfica esconde tensões, conflitos e hierarquias de poder; apela pelo carisma e para o poder social das instituições científicas relativamente às classes subalternas, desencadeando as reações espontâneas de defesa. (FERRAROTTI, 2010, p. 46).

Com a proposta dessa pesquisa, se buscou conhecer os percursos das mulheres transexuais na condição de cotistas em cursos de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* a partir das suas múltiplas vivências, por esse motivo, se percebeu que a intervenção social e educativa promoveu uma nova forma de enxergar as mulheres transexuais, livre de estímulos e preconceitos, como qualquer outra pessoa, dotada de capacidade intelectual, que tem direito a ocupar espaços privilegiados e, sobretudo ter a sua humanidade reconhecida e valorizada por meio do respeito a sua subjetividade.

3.2. PARTICIPANTE DA PESQUISA

Devido às mulheres transexuais apresentarem um alto índice de evasão escolar no ensino fundamental/médio e conseqüentemente um baixo índice de ingresso no Ensino Superior, houve uma grande dificuldade para encontrar travestis na condição de estudantes regularmente matriculadas nos cursos de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB, dessa forma, localizou-se apenas uma mulher transexual cotista matriculada. A estudante que se enquadra no perfil deste estudo trás a militância no seu cotidiano nos diversos ambientes sociais, como no âmbito educativo, religioso, pessoal, etc. A mesma é egressa do Curso de Pedagogia da UNEB, vinculada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC/UNEB) e está à frente de movimentos sociais, além de ser líder religiosa em uma casa de matriz africana na condição de lalorixá. Importante salientar novamente que a participante manteve sua identidade reservada, conforme o TCLE e foi chamada de E1.

3.3. CÉNARIO DA PESQUISA

O cenário da pesquisa é o Departamento de Educação – Campus I – Salvador da Universidade do Estado da Bahia, que possui uma mulher transexual matriculada no seu curso de Pós-Graduação *Stricto-Sensu*, no entanto, devido as medidas de distanciamento social decorrente da pandemia da covid-19, as entrevistas narrativas propostas por Haguette (1997) de forma oral, que foi escolhida como instrumento desta pesquisa, aconteceu através da plataforma online *Microsoft Teams*, o que não afetou a veracidade ou qualidade das entrevistas, uma vez que a plataforma disponibiliza de meios de ver, ouvir a entrevistada ao mesmo tempo que a plataforma permite gravar o encontro.

O Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* na modalidade de Mestrado em Educação e Contemporaneidade, segundo Resolução Nº 1.441/2020 publicada no D.O.E. de 30.12.2020, p. 14, tem por finalidade a produção e socialização de conhecimentos na Área de Concentração Educação e Contemporaneidade considerando o nível de formação em mestrado e doutorado, se baseando no significado sociocultural e crítico do processo educativo, além de enfatizar no caráter multirreferencial, pluricultural e interdisciplinar, tendo como objetivo geral:

Formar profissionais para intervir em realidades educacionais nas diversas regiões do Estado da Bahia, em especial, e em outras regiões marcadas pela pobreza, pela desigualdade social e pelos desequilíbrios regionais, visando à preservação dos recursos naturais, do patrimônio cultural e do desenvolvimento humano, com o concurso da cultura, da ciência e da tecnologia, na perspectiva do desenvolvimento sustentável e qualificação da educação. (PPGeduC/UNEB)

O PPGeduC possui quatro linhas de pesquisas, que segundo o site do Programa, representam o instrumento de construção do conhecimento científico e de articulação dos trabalhos entre docentes e discentes, e de articulação entre a Graduação e a Pós-Graduação *Stricto-Sensu*. Dentre elas: Linha1 – Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural; Linha 2 – Educação, Práxis Pedagógica e Formação do Educador; Linha 3 – Educação, Gestão e Desenvolvimento Local Sustentável; e Linha 4 – Educação, Currículo e Processos Tecnológicos.

O Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* que compõe o cenário da pesquisa apresenta missões similares na sua estruturação, que por sua vez abrange os princípios da CAPES coadunando com os da UNEB, que versa com o compromisso do desenvolvimento social para a comunidade, formando profissionais com pensamento crítico e engajado no que tange a questões de interdisciplinaridade e interculturalidade nas suas pesquisas e ações.

3.4. INSTRUMENTOS

Por se tratar de histórias de vida de mulheres cotistas transexuais, a pesquisa possui um cunho subjetivo, desse modo, para a coleta de dados foi utilizada a metodologia de entrevistas narrativas buscando assegurar que a autora social cubra todas as informações necessárias à pesquisa e que não haja a omissão de nenhum fato relevante na compreensão dos fenômenos estudados, assim, a história de vida contribui para de uma teoria social geral, conforme apresenta Haguette (1997):

A história de vida se diferencia daquelas não só em termos da perspectiva adotada para o desenvolvimento do trabalho, assim como nos métodos utilizados. A ficção não respeita os fatos, nem a fidelidade ao mundo existente; a autobiografia, na maioria das vezes, representa um material seletivo que o autor exhibe no sentido de apresentar aos outros uma imagem de si mesmo da forma que ele prefere. Já a história de vida atende mais aos propósitos do pesquisador que do autor e está preocupada com a fidelidade das experiências e interpretações do autor sobre seu mundo. (HAGUETTE, 1997, p. 80)

A história de vida possibilitou um caminho no qual foi possível que a pesquisadora orientasse a entrevista para as questões pertinentes ao objeto de estudo, para isso, foi preciso perguntar sobre os acontecimentos que desejou uma maior explanação ao tempo que foi realizada uma análise comparativa entre a história narrada e os documentos gerais da UNEB concernentes as Ações Afirmativas voltadas para o ingresso e permanência de transexuais e travestis na instituição. Para o êxito do trabalho, a entrevista foi guiada de maneira a responder as questões da pesquisa, no entanto, fugindo de uma entrevista enrijecida, segundo Haguette (1997) aponta:

As informações são obtidas através de um roteiro de entrevista constando de uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com a problemática central e que deve ser seguida. O processo de interação contém quatro componentes que devem ser explicitados, enfatizando-se suas vantagens, desvantagens e limitações. São eles: a) o entrevistador; b) o entrevistado; c) a situação da entrevista; d) o instrumento de captação de dados, ou roteiro de entrevista. (HAGUETTE, 1997, p. 86)

Portanto, após a elaboração do planejamento da entrevista contendo a leitura e discussão de uma crônica literária intitulada “*La muerte de Madonna*” do escritor chileno Pedro Lemebel, na sequência foram realizadas três perguntas acerca do percurso da participante com foco no âmbito educativo e social, cujas respostas visaram contemplar o objetivo geral da pesquisa. Como já mencionado, foi selecionada uma estudante transexual que faz parte da comunidade acadêmica da UNEB, matriculada no Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu*, por meio das sobrevagas de transexuais, travestis e transgêneros propostas pela Resolução 1.339/2018, no Departamento de Educação – Campus I – Salvador. Desse modo, buscou-se entender os múltiplos percursos e as vivências das mulheres cotistas transexuais a partir da entrevista narrativa oral, conforme elucidadas nos quadros abaixo pertinentes as duas primeiras questões do roteiro da entrevistas: Conte um pouco sobre você enquanto mulher trans e suas vivências no âmbito educativo, social e religioso e; Descreva o percurso relacionado a sua identidade, com a escolha do programa de pesquisa e o objeto do estudo.

PERGUNTA 01:
Conte um pouco sobre você enquanto mulher trans e suas vivências no âmbito educativo, social e religioso.
RESPOSTA:
E1
<i>“Olá, eu me chamo E1 e eu sou Pedagoga de formação. Sou uma travestis, um corpo trans e a minha vivência no ambiente educacional sempre foi marcado por violências, violações de direitos. Eu sempre fui uma criança silenciada, intimidade no ambiente educacional. Eu tive meu processo de empoderamento, de consciência crítica de desenvolvimento cognitivo dentro do terreiro de candomblé. Eu sou grata as oficinas sócio-educativas do Terreiro São Jorge da Gomeia, que potencializou a minha existência. E potencializou a minha existência para que eu voltasse ao ambiente educacional. Eu não sou iniciada no Terreiro São Jorge da Gomeia, mas eu fui aluna e fruto das ações sócio-educativas daquele espaço. Sou uma mulher trans, moradora da cidade de Lauro de Freitas, sou ialorixá de um terreiro que existe há 70 anos, que é um legado religioso familiar, deixado, herdado pela minha saudosa avó, dona detinha, Judete Argola da Silva e ter minha vivência nesses espaços, eu sinto que é uma forma de transgredir... É enaltecer a pedagogia da desobediência para transfigurar, transformar esses espaços, como os espaços que possam garantir o meu pertencimento existencial como garantia de direitos.É um processo muito... é de fato um</i>

processo muito doloroso, né... porque quando você... é tipo... você subiu aquela escada no maior sacrifício e aí você percebe que você subiu mais de mil degraus, vamos se dizer assim, mas que ali havia um elevador ou uma escada rolante, mas que não lhe deram oportunidade, não permitiram... não é oportunidade, não lhe permitiram acessar a escada rolante ou elevador Lacer... ou o elevador que não é o Lacerda, é... e aí você percebe que a educação não pode ser vista como privilégio, mas sim como direito... a educação é um direito, mas infelizmente ela está nesse lugar de ser um lugar de privilegio para alguns, para alguns corpos acessarem de forma íntegra e garantida, isso não acontece com as pessoas trans e o meu saber ancestral ele que me conduziu e me direcionou para estar hoje na universidade, eu fui fruto das ações pedagógicas do Terreiro de São Jorge Filhos da Goméia, eu fui cria do Terreiro São Jorge da Goméia, fui cria do Bloco Afro Bancoma, eu tive... ali foi o meu processo de engajamento político e social porque eu tinha que... eu iniciei o orixá na adolescência e tive várias questões na sala de aula por eu ter que ir com trajes de religião de matriz africana mas antecedendo a minha iniciação eu já sofria o que não é bullying mas o que é chamado de... a gente precisa nomear de transfobia as violências por ser um corpo afeminado na sala de aula e potencializando a transfobia, o racismo ele potencializa qualquer violação de direitos, né... então, o racismo ele potencializa qualquer violência, o racismo é eixo central para qualquer fator de desigualdade social no Brasil, então o racismo potencializa a violência de gênero, as violências de trabalhadores porque não adianta colocar indústria se nas regiões circunvizinhas as pessoas estão passando fome e quando a gente vai ver são pessoas negras, na grande maioria mulheres negras, mulheres trans que tem uma dificuldade de acessar alguns espaços, enfim Então... eu fui... saí da escola... eu.. eu sempre quis na minha vida, eu sempre pensei em ser uma apresentadora de programa, eu sempre quis ser... fazer jornalismo não, mas ser apresentadora de programa, sempre quis ser professora, eu sempre quis ser professora também nas minhas brincadeiras de infância e isso sempre esteve em mim, eu queria ser professora, mas aí... é... me incomodava também as injustiças, né então sempre vinha aquele... achando que... o que que eu acho até hoje... que o professor é... quando ele se coloca não só no lugar do facilitador, do mediador, mas aquele agente de transformação social, então eu sempre quis dentro de uma perspectiva de justiça social ser uma professora, uma educadora, uma agente da transformação social no que tange a garantia de acesso e permanência de outros corpos e sempre tive a preocupação de ser um corpo trans numa sala de aula enquanto professora, enquanto docente, isso sempre me preocupou, né... mas eu sempre trabalhei internamente que a minha ocupação nesses espaços é uma ocupação política e revolucionária e isso vinha dentro de mim. E aí meu sonho de início era fazer história... e eu entrei na Universidade do Estado da Bahia, eu sou unebiana... em 2011... e aí, na época não tinha história em Salvador, havia história em algumas cidades do interior e eu não tive coragem arriscar... conversando com alguns amigos e lembrando também, só pra nível de informação, eu tinha perdido... na época ainda tinha o vestibular da UFBA, não era pelo ENEM ainda... e eu perdi um dia antes eu tava passando por um processo muito depressivo então eu não tinha condições de pagar um psicólogo, eu não sabia que eu poderia acessar um psicólogo no CAPES, eu não sabia nada disso... o que é que eu fiz... eu bebia muito e ainda brincava... psicólogo de pobre é a bebida... era um refúgio... só que aí eu bebi muito e esqueci de fazer... acordei tarde, muito ressaqueada e perdi a prova da UFBA. E eu morava em Vilas de Abrantes, em Camaçari na época, aí meu amigo, um sobrinho meu de santo, falou "tia, faz o vestibular da UNEB" eu disse "eu vou mas não tem história" ele "mas tem pedagogia" eu disse "ai, pedagogia é criança... porque todo mundo diz que ser pedagoga é ser babá de filho de rico... era assim que diziam viu" eu escutei muito isso... Quer fazer pedagogia então você vai fazer uma habilitação pra ser babá de filho de rico... e olhe lá se você tiver essa sorte por você ser trans... se você quiser, ter uma banca pra poder se manter o resto da sua vida, uma banca... desqualificando também, como se ser professora de banca não fosse importante, né... como a educação é desvalorizada né... aí esse meu sobrinho disse "mentira tia, porque eu sou psicopedagogo, fiz pedagogia e a pedagogia é o leque, né... é a ciência da educação, vai ter dar embasamento da história da educação e com isso você pode fazer uma Pós-Graduação em história, em história afro-brasileira, em geografia, em filosofia, a senhora pode sim, não, não desista não... faça. Pode fazer uma Pós-Graduação e ser professora em universidade e tal e tal... Eu disse ah vou me jogar e aí eu disse mas eu poderia colocar serviço social, pra você ver o quanto eu era desligada... invés de colocar serviço social, eu coloquei pedagogia e comunicação social... E aí quando eu fiz a inscrição, que eu paguei, aí esse meu sobrinho disse "oxe, você colocou comunicação social que massa, já pensou você passar no mundo do jornalismo, da comunicação... aí eu disse "não menino eu quero fazer serviço social pra garantir a lei também né" ele disse "não a senhora colocou aqui comunicação social né" eu digo "ai meu deus, eu erre... eu juro que... risos" e ainda falei assim "eu juro que tinha colocado serviço social... beleza..." Aí eu fiz o vestibular e passei... eu não acreditei que eu tinha passado... no dia que saiu o resultado, eu olhei esse resultado

mais de 50 vezes, eu mandei pra outras pessoas confirmarem se era eu, eu dei minha identidade para o menino da lan house para ele confirmar se era eu porque eu não estava... o racismo fez, a transfobia fez eu acreditar que não seria eu... não tive, eu não acreditei e quando eu chego na Universidade do Estado da Bahia, eu cursei no campus fora de sede, em Lauro de Freitas, eu sofri uma violência de uma professora na área de letras que ela disse que pessoas do meu tipinho nunca era pra estar na universidade e me mandou sair da sala de aula, isso refletiu muito no meu processo acadêmico, isso refletiu muito na minha vida pessoal e isso me doeu muito, isso me feriu muito, isso me sangrou muito, isso me fez adoecer muito, isso me jogou no fundo do poço, então tudo de mais horrível naquele momento um filme passou na minha cabeça porque eu fui humilhada na sala de aula e nada foi feito. Na época o reitor era o safado do B1, que Deus coloque a alma dele num bom lugar se assim ele merecer, mas eu procurei esse reitor, esse reitor não me atendeu, eu fui na coordenação do curso, eu fui na direção do meu departamento e simplesmente o processo que eu abri até hoje sumiu e isso é um absurdo né, uma denúncia... mas eu aprendi, eu escutei isso da professora B2, que ela é uma luz mesmo, que eu não tinha que desistir de mim, né... uma mulher negra, né... que eu tinha que acreditar em mim né, eu escutei isso dela, eu escutei isso da professora B3, escutei isso da professora B4, do professor B5 e que foram essas pessoas que me amparou, a grande maioria pessoas negras que me ampararam e conduziram pra que eu permanecesse na universidade porque não foi fácil e quando eu escrevo no meu TCC, que foi uma inspiração da professora B2, pra eu falar sobre as linguagens socio-educativas do São Jorge da Geméia... desculpe, bebi uma água ... que foi uma escrivência né, eu escrevi falando do meu... porque eu entrei na universidade. A minha monografia parte do campo, do meu campo de... desse campo de ativismo, né... desse campo de engajamento político... onde foi esse campo? Terreiro de São Jorge da Goméia como eu falei anteriormente. Então sendo fruto das ações socio-educativas do Terreiro de São Jorge da Goméia, é... eu escrevi isso na minha graduação e aí eu me deparo com dois homens que me fez de palhaçada... orientador do TCC I e aí eu peguei TCC I... quando eu fui pegar TCC I eu tive um adoecimento mental, eu tive depressão, aí parei... B2 era minha orientadora, só que aí ela se aposentou. Quando eu volto pra universidade que eu tinha trancado, que eu fui pegar disciplina TCC I eu peguei um professor chamado... tinha... é... Não sei se você vai colocar o nome, mas foi B6 e B7 e eles me fizeram de palhaça porque... porque quando eu cheguei pra saber quem era... é... eram duas pessoas que estavam dando aulas juntas, e esses dois professores tinham a incumbência de orientar as pessoas, os dois disseram que o meu nome não estava na lista. E aí eu liguei pra secretaria acadêmica, já tava usando o nome social e aí o que eu pensei... deve ser porque alterei o nome né, na lista e... proque quando eu entrei na UNEB não tinha o uso do nome social... foi em 2014, eu entrei em 2011, eu já entrei sendo trans, usando meu antigo nome e sofrendo essas violências e violações... eu liguei pra secretaria academia... a secretaria acadêmica disse "seu orientador é B7, TCC I" aí eu falei com ele, ele disse que não era ele, que era B6. B6 disse "ta, B7 disse que sou eu então vai ser eu... e aí o que voce está fazendo? Você já tem um pré-projeto?" eu disse "já" ele então "não ta tendo aula, ta tendo... cada um vez, apresenta o que quer pesquisar e eu to orientando, se você quiser vim pras aulas venha ou me mande seu material" então o que eu tinha mandei pra ele, ele não me respondeu por email, imprimi e entreguei nas mãos dele, passou uns dias e entreguei. Aí no dia de apresentar ele disse que eu não ia apresentar, eu perguntei porque e ele disse que o meu trabalho não tinha relevância nenhuma pra educação, que eu estava falando em primeira pessoa, que isso não era produção científica... que eu estava falando em primeira pessoa, a todo mundo falando de palavras que não tinha no dicionário, porque eu estava usando conceitos como "arque" que era o conceito usado pela professora B2, né. Eu tava falando de cosmopercepção, de cosmomania, não de cosmovisão, mas de comomania e cosmopercepções... aí ele acabou, ele me reprovou e que eu nunca... e mesmo se eu quisesse eu não ia passar porque eu estava cheia de faltas, eu disse como? Se o senhor me disse... e isso é uma brincadeira? Não, isso é uma perversidade da cisgeneridade porque está me colocando aqui no lugar de louca, de escandalosa, de presepeira, um homem branco ter feito isso comigo e uma mulher branca já tinha aprontado isso comigo, de ter me expulsado da sala de aula... aí eu me senti uma louca, maluca... eu disse não acredito, como é que pode, menina, é... esse professor falou comigo, eu tinha certeza que ele falou comigo, e aí eu falando com minha colega, ela disse "eu vi ele falando com você" tanto que ele me disse só a mim. Então abri outro requerimento, minha filha, manual mesmo, falando do que tinha acontecido... aí abri falando o que ele tinha feito comigo, o que ele tinha dito, que eu era... do meu trabalho... que olhei o currículo dele, que ele era um homem da arquitetura e ele estava no departamento de educação, que não tinha noção do que eram estudos étnicos-raciais, da importância de um terreiro de candomblé que tem uma... os terreiros de candomblé como espaços que fomentam desde de muito sempre... ele não tinha conhecimento, né... porque pra mim enquanto corpo negro, que não me via nos livros de história, que não me via na sala

de aula, que era violentada por conta da minha... do meu jeito afeminado de ser e de existir, que foi importante o meu processo no Terreiro de São Jorge da Goméia, nas oficinas... e aí eu fiz esse requerimento, mandei, foi quando eu conheci a maravilhosa B8... ela foi minha orientadora... ela pegou e aprovou meu projeto, de lá pra cá eu vim escrevendo, eu vim escrevendo de uma forma que eu não acreditava em mim, tá... fiz... e aí consegui defender, né... 2011, acaba em 2017 no departamento de educação, a primeira mulher trans, mas ninguém sabe que não é a primeira, mas a primeira que confrontou a cisgeneridade para permanecer naquele espaço que não foi fácil.

PERGUNTA 02

Descreva o percurso relacionado a sua identidade, com a escolha do programa de pesquisa e o objeto do estudo.

RESPOSTA:

“Eu entrei na Universidade do Estado da Bahia, descrevendo o meu percurso relacionado a minha identidade, a minha identidade enquanto educadora, enquanto alguém que sempre quis estar na sala de aula. Desde criança eu sempre quis estar na sala de aula, talvez pelo fato de eu sempre ser expulsa daquele espaço e eu não aceitar, então eu sempre quis estar na sala de aula, eu sempre vis-lumbrei a educação como esse lugar meu de pertença real, eu sempre fui apaixonada por história, eu queria ser professora de história. E eu tinha uma revolta porque eu tive um processo de defasagem de... é... eu fico um pouco emocionada... de... causada pela violência né. Eu tive... um processo de distúrbio de aprendizagem... e... eu tra-tratei isso com psicólogos, psiquiatras, devido também ao meu histórico familiar, meu histórico no ambiente educacional e... muito tardiamente eu vim perceber isso. Foi na universidade que eu consigo perceber isso, o psiquiatra me deu esse laudo, o psicólogo... a gente foi trabalhando isso e... eu me identifiquei enquanto pedagoga. Naquela época eu quis fazer História na UNEB, não tinha, porque eu entrei em 2011, em Salvador não tinha e região metropolitana, me apaixonei pelo curso de Pedagogia e mais ainda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade do qual eu sou mestranda hoje. Eu me apaixonei... né, principalmente pela linha 1 que é processos civilizatório, é memória... e eu gosto muito de trabalhar a autobiografia com-com essas questões que marca a minha existência como ponto... é... é... crucial né, é de per... de existência e eu me identifiquei, né, com esse programa. Eu me vi nesse espaço dentro da universidade... o que é que acontece... eu fiz a especialização em gênero, raça, sexualidade e etnia na formação de educadores e eu escrevi sobre a pedagogia da desobediência, travestilizando a educação falando um pouco sobre a trajetória do movimento de pessoas trans, do movimento de travesti na Bahia, em Salvador em específico, e o que é que acontece, eu tentei escrever sobre isso na graduação, na Pós-Graduação, no mestrado, tentei duas vezes e não passei, aí eu mudei... eu disse vou falar de linguagens de mulheres negras do candomblé... linguagens... linguagens afetivas educacionais de mulheres negras do candomblé, passou... quando passa, eles me pedem pra tirar linguagem, porque não sou da área de crítica cultural, porque linguagem pra estudos decolonial não servem, várias coisas... eu tive que tirar linguagem... então, porque eu quis falar de mulheres negras no candomblé? Porque eu sou lalorixá e eu percebo que... falando de travestilidade eu consegui falar em pedagogia da desobediência travestilizando a educação, mas as mulheres negras de candomblé elas também tem uma prática pedagógica desobediente, porque eu comecei a perceber através da história da minha avó Dona B9 e de minha avó B10 que é viva, que elas foram mulheres que elas conseguiram confrontar o sistema para garantir emprego... Por exemplo, minha avó B9, ela alterou... ela conseguiu alterar o registro dela porque desde 13 anos de idade ela já fazia partos, desde 15 anos ela já fazia parto, mas ela queria o título de enfermeira, que naquela época era... segundo... eu não sei, como tem muito tempo, mas pelo que vi aqui é auxiliar de enfermagem, que hoje é técnico né... Naquela época ela conseguiu ser técnica de enfermagem e ela começou a trabalhar no Hospital Santa Izabel enquanto técnica mas porque? Porque ela começou a perceber... é... que o sistema não favorecia ela, o que ela fez? Ela foi o contraponto do sistema, ela disse ao sistema “se você me nega eu vou criar o que Madonna fez aí agora, não deitar pra violência, criar artifícios... Então minha avó ela foi baiana de acarajé, ela foi técnica de enfermagem, minha avó teve salão de beleza, foi manicure, teve barraca de praia, então eu comecei a perceber que isso é uma prática pedagógica desobediente, mas alicerçado por mulheres negras, entendeu? Aí eu comecei, por eu ser uma travestis também de candomblé, que é um espaço

também um pouco, um pouco não, muito hostil, porque onde fala de pessoas existe as relações sociais, as estruturas sociais, então a transfobia é... é algo que vem da relação social e esta incontida sim nos terreiros de candomblé, né... por mais que alguns espaços sejam acolhedores... assim, o acolhimento no candomblé é muito para gays, lésbicas, mas quando se fala de pessoas trans existe uma resistência, entendeu? Pronto, e aí hoje eu to no mestrado em educação, eu escolhi fazer educação por eu ser pedagoga, né... por eu ser pedagoga, por colar com minha graduação, por também perceber que a educação é uma farsa, que ele se refuta muito, a área da educação de discutir alguns temas que são caros na vida de algumas pessoas, como na minha vida, na sua vida... educação ela... a educação, a escola, ela não vai dar conta de tudo, ela não vai, mas ela também pode, ela tem condições de articular, de transversalizar, de ser o processo de... porque a sala de aula é o espaço, é o palco das pluralidades que existem na sociedade, então jamais eu posso deixar, e como eu disse anteriormente, né... de discutir alguns temas porque eu sou agente de transformação social, a educação ela só transforma aquilo que ela não reproduz, se a gente for pensar Paulo Freire, se a gente for pensar os estudos feministas, os estudos decoloniais, então a educação só transforma aquilo que ela não reproduz, entendeu?

Após recolher os relatos da participante E1, o terceiro passo resultou na análise das informações coletadas nas entrevistas a respeito do seu percurso, segundo proposto por Haguette (1997), a partir do aporte teórico e metodológico da pesquisa e tendo como base os documentos legais da UNEB. Para chegar às conclusões generalizadas a partir das respostas da entrevistada E1, buscou os pontos que a aproxima e distanciam as vivências delas em comparação a pesquisadora, uma vez que ambas apresentam em seus percursos e formações identitárias singulares e pluralidades enquanto pertencentes ao mesmo grupo subalternizado na condição de mulheres transexuais, que serão descritas na seção seguinte.

3.5. SEÇÃO 02: ANÁLISE DO CAMPO EMPÍRICO: ACHADOS DA PESQUISA

A análise de dados foi realizada a partir das narrativas (auto)biográficas, que por sua vez implica a participação da participante por meio da oralidade e em seguida à reflexão sobre a narrativa apresentada por ela e a fala/análise da autora do trabalho, com o intuito de compreender o processo de formação que percorre as mulheres transexuais e travestis cotistas nos cursos de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB. Desse modo, optou-se por uma leitura analítica e uma interpretação temática, que segundo Souza (2014):

Têm o objetivo de reconstituir o conjunto das narrativas, no que se refere à representação e agrupamento, através das unidades temáticas de análise, a fim de apreender sutilezas, o indizível, as subjetividades, as diferenças e as regularidades históricas que comportam e contêm as fontes (auto)biográficas. (SOUZA, 2014, p. 44)

Uma das características principais da (auto)biografia é a subjetividade, por isso que foi necessário uma escuta e posteriormente uma leitura sensível da entrevista coletada, porque é um momento de revisitar o passado e com isso é possível emergir sentimentos e emoções em quem relata. Além disso, a interpretação dos dados passa pelo coletivo, uma vez que a participante E1 possui características similares com a pesquisadora do trabalho, as colocando em um mesmo grupo, esse fenômeno segundo afirma Souza (2014), é uma:

[...] leitura cruzada ou pré-análise, em processo de pesquisa, de formação ou de investigação-formação remete ao pesquisador para uma escuta sensível e atenta, bem como para a leitura sucessiva das fontes, implicando no cruzamento individual e coletivo das histórias dos colaboradores e do mapeamento inicial de significações e unidades temáticas de análise, por considerar os eventos narrados ou descritos sobre o objeto específico de pesquisa ou de formação, sempre centrado nos percursos, trajetórias e experiências de vida dos sujeitos e das singularidades de cada história de vida. (SOUZA, 2014, p. 43)

A partir da análise dos dados coletados por meio da (auto)biografia foi possível uma aproximação subjetiva e analítica das vivências das mulheres transexuais e cotistas nos PPGSS da UNEB para compreender como se dão os percursos dessas estudantes no seu processo de formação social e educativo enquanto futuras docentes e as suas proposições acerca das ações afirmativas criadas pela instituição direcionadas para pessoas trans. Desse modo, Juno (2020, p.18) afirma que:

Talvez o principal desafio de elaborar uma pesquisa histórica que dialogue com a transgeneridade consista no caráter contemporâneo, polissêmico e culturalmente específico do termo transgênero. É fato que a palavra transgênero suscita dúvidas, reações cautelosas, opiniões acaloradas e mesmo críticas por parte daqueles que não entendem a sua relevância, fazendo com que este tema seja constantemente relegado ao conjunto dos assuntos polêmicos e intratáveis. (JUNO, 2020, p. 18).

Continuando com o pensamento do autor, quando se fala de pessoas transexuais, não se refere apenas a um marcador identitário, porque ao reduzir o fenômeno da transgeneridade meramente a uma questão de sentir-se trans, ignoram-se as violências que já se imprimem sobre os corpos antes mesmo que eles sejam reconhecidos/assumam como trans. Desse modo, a presente pesquisa visa aprofundar-se nos percursos das mulheres transexuais cotistas com o objetivo de entender a transgeneridade em seus múltiplos fatores e implicações.

Optou-se por deixar em primeiro momento as falas da participante E1 através de tabelas apresentadas na Seção 01 desse capítulo. Na continuação, a Seção 02 contém a tessitura das análises perpassando nos seguintes pontos: Os elementos em comum que aproximam a participante E1 e a autora da pesquisa; O que distancia a participante E1 da autora e; O que chama atenção no relato da participante. Na busca por uma análise comparativa, se destacou como pontos em comum entre participante e autora do trabalho: O fato de ambas serem mulheres transexual, na condição de cotistas, negras, oriundas de escola pública e estarem no processo de formação docente em PPGSS da UNEB. As análises foram consubstanciadas pelos referidos autores: Butler (1990), Souza (2014) e Juno (2020).

No que se refere aos pontos que aproxima a participante E1 e a pesquisadora, destaca-se que as violências que ambas sofreram no ambiente educacional devido a sua condição fora do padrão binário, como se pode observar no trecho que E1 fala “*Eu sempre fui uma criança silenciada, intimidade no ambiente educacional.*” se aproxima da experiência que a autora passou quando criança por ter uma aparência física andrógina e não binária, fazendo com que o preconceito fosse bastante presente na sua formação. Dessa forma, pode-se dizer afirmar que as mulheres transexuais passam por um processo de exclusão educacional e social desde a infância decorrente da descriminalização das suas identidades. Coadunando com isso, Butler (1990) fala que:

A noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a ‘especificidade’ do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a ‘identidade’

como tornam equívoca a noção singular de identidade. (BUTLER, 1990, p. 21)

Mesmo apresentando formações identitárias próximas, a entrevistada E1 e a pesquisadora também apresentam características que as tornam singulares no seu processo formativo, como se observa que a entrevistada E1 cursou Pedagogia na sua graduação na UNEB, enquanto a pesquisadora cursou Letras com Língua Espanhola, as colocando no papel de educadora. Outro ponto que diverge na formação social da entrevista é a religião, enquanto E1 afirma “*Eu tive meu processo de empoderamento, de consciência crítica de desenvolvimento cognitivo dentro do terreiro de candomblé*”, e hoje em dia ela ocupa o maior cargo dentro da religião dela, que é Mãe de Santo (Ialorixá), além do objeto de estudo no Programa de Pós-Graduação serem as linguagens afetivas das mulheres negras do candomblé, conforme apresentado na narrativa:

[...] então, porque eu quis falar de mulheres negras no candomblé? Porque eu sou Ialorixá e eu percebo que... Falando de travestilidade eu consegui falar em pedagogia da desobediência travestilizando a educação, mas as mulheres negras de candomblé elas também tem uma prática pedagógica desobediente, porque eu comecei a perceber através da história da minha avó Dona B8 e de minha avó B9 que é viva, que elas foram mulheres que elas conseguiram confrontar o sistema para garantir emprego [...]
(Entrevistada E1)

Enquanto a autora da pesquisa atualmente não possui conexão com nenhuma instituição religiosa, mesmo tendo sido criada dentro dos costumes católicos, conforme foi abordado na justificativa pessoal e profissional do presente trabalho. Ainda segundo a justificativa do trabalho, percebe-se que a vivência da pesquisadora no catolicismo a fez perceber a religião como mecanismo adestramento dos comportamentos e de exclusão de corpos marginalizados, a exemplo das mulheres transexuais. Segundo Silva (2021, s/p) “el catolicismo popular es una religión tradicionalmente contraria a las principales transformaciones socioculturales de la contemporaneidad y que milenariamente procuró controlar el comportamiento de la mujer”. Desse modo, pode-se notar a partir da análise entre a entrevistada E1 e a autora, regularidades e irregulares em, segundo afirma Souza (2014):

A análise compreensiva-interpretativa das narrativas busca evidenciar a relação entre o objeto e/ou as práticas de formação numa perspectiva colaborativa, seus objetivos e o processo de investigação-formação, tendo em vista apreender regularidades e irregularidades de um conjunto de narrativas orais ou escritas, partem sempre da singularidade das histórias e das experiências contidas nas narrativas individuais e coletivas dos sujeitos implicados em processos de pesquisa e formação. (SOUZA, 2014, p. 43)

No que tange ao processo de formação acadêmica e a escolha do Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* (vale ressaltar novamente que ambas estão matriculadas em Programas de mestrados em educação, um voltado para a área/CAPES de formação acadêmica e o outro interdisciplinar voltado para a formação profissional), E1 explica que a rejeição do espaço educacional foi a sua motivação de ser professora, pois *“desde criança eu sempre quis estar na sala de aula, talvez pelo fato de eu sempre ser expulsa daquele espaço e eu não aceitar, então eu sempre quis estar na sala de aula”*. Tal fala mostra o quão profundo a discriminação no ambiente educacional afeta a vida e a formação de mulheres transexuais e travestis, que leva a quase inexistência de pessoas transexuais na Pós-Graduação *Stricto-Sensu*, uma vez que o ensino superior brasileiro já se apresenta de forma excludente, conforme explicitado por Barreto, Purificação e Silva (2020):

Dito isto, é díspar o número de cursos de pós-graduação entre as regiões brasileiras, sendo notória a concentração da pós-graduação nas regiões sudeste e sul do país, em detrimento dos déficits nas regiões nordeste e norte, [...] abrangência e o alcance dos Programas de Pós-Graduação da Área Interdisciplinar em funcionamento, presentes em todos os estados brasileiros, segundo os dados de 21/01/2019. Ciente dessa realidade excludente entre o acesso à pós-graduação e oferecimento desses Programas/Cursos, a UNEB explicita no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI, 2015) que está comprometida com as grandes questões do seu tempo. (BARRETO, 2020, p. 37525)

Ainda sobre o cenário excludente no ensino superior brasileiro e a dificuldade do ingresso de pessoas transexuais e travestis na universidade decorrendo da evasão escolar por decorrente da transfobia institucionalizada. Conforme apresentado na Roda de Conversa, a autora da pesquisa revelou para participante que durante um tempo teve medo de ser professora, por causa do preconceito e da rejeição dos estudantes. Esse medo é fruto de um histórico escolar de violências e *bullying* por parte dos colegas de sala e alguns professores que eram coniventes,

chegando a ponto de trocar de escola várias vezes na tentativa de fugir das piadas e agressões físicas e verbais.

A partir da análise compreensiva-interpretativa de Souza (2014), percebe-se o histórico de violências que ambas vivenciaram no seu processo de formação educacional e que mesmo com algumas inseguranças, elas buscam transformar esses espaços excludente, enquanto pedagoga e professora, em um lugar de acolhimento e de segurança para crianças transexuais e travestis, com o intuito de diminuir situações de transfobia nas salas de aula, no sistema educacional e na sociedade como um todo.

Notou-se também que há um momento da narrativa apresentada pela participante E1 que chama atenção por ser singular em seu acontecimento, no qual transmite uma forte emoção quando ela conta sobre o processo de defasagem sofrido no seu aprendizado devido a violência. O interessante é como E1 superou esse acontecimento e depois de identificá-lo, de certa forma que contribuiu em motivação para sua formação enquanto pedagoga:

“Eu tinha uma revolta porque eu tive um processo de defasagem de... é... eu fico um pouco emocionada... de... causada pela violência né. Eu tive... um processo de distúrbio de aprendizagem... e... eu tra-tatei isso com psicólogos, psiquiatras, devido também ao meu histórico familiar, meu histórico no ambiente educacional e... muito tardiamente eu vim perceber isso. Foi na universidade que eu consigo perceber isso, o psiquiatra me deu esse laudo, o psicólogo... a gente foi trabalhando isso e... eu me identifiquei enquanto pedagoga.” (ENTREVISTADA E1)

Já em relação a autora da pesquisa, conforme consta na justificativa da pesquisa, sinaliza-se uma situação vivenciada no período da graduação com duas professoras que não respeitaram a sua identidade de gênero, se referindo a ela no gênero masculino e não respeitando seu novo nome social, e ainda explica que quando foi sinalizada a transfobia para as agressoras, ambas professoras tentaram justificar a violência verbal e diminuindo o sentimento de humilhação sentido. Esse ocorrido possui uma carga emocional forte para quem passa na pele, que infelizmente, é a realidade de muitas mulheres transexuais e travestis no Brasil e no mundo, por isso, é pertinente trazer para essa fala para uma reflexão aprofundada.

A partir do exposto pela entrevistada E1 e pela pesquisadora, nota-se que as violações de identidade por parte de professoras na educação básica e na graduação, de certa forma legitimam as violências para os demais estudantes, professores e o corpo técnico-administrativo da instituição enquanto extensão do estado. Segundo Butler (2015) essa condição precária designa a situação que certos grupos marginalizados vêm sofrendo com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, às violências e em alguns casos, levando a morte. Seguindo o pensamento da autora:

A condição precária também caracteriza a condição politicamente induzida de maximização da precariedade para populações expostas à violência arbitrária do Estado que com frequência não tem opção a não ser recorrer ao próprio Estado contra o qual precisam de proteção. Em outras palavras, elas recorrem ao Estado em busca de proteção, mas o Estado é precisamente aquilo que elas precisam ser protegidas.[...] significa precisamente trocar uma violência potencial por outra. (BUTLER, 2015, p. 46-47)

Portanto, diante do exposto pela entrevistada E1 referente ao seu processo de defasagem no processo educativo e os fatos apresentados pela autora da pesquisa a partir das análises de dados, fica claro que as mulheres transexuais e travestis passam por violações desde a sua educação básica até o ensino superior, ou seja, essas violências fazem parte do seu percurso educacional e por consequentemente, da sua formação social também. Desse modo, além das políticas de cotas para transexuais, se percebeu que é necessário e urgente pensar em políticas de ações afirmativas que potencialize a inserção e a permanência com dignidade dessas mulheres, a fim de combater violências no âmbito educativo, uma vez que é presente na realidade o ingresso de mulheres trans nos cursos de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* pensando na criação de um espaço inclusivo e seguro para o supracitado grupo.

A pesquisa só foi realizada após autorização do CEP/UNEB e, em todas as fases, foram respeitadas e atendidas às normatizações das Resoluções nº 466/2012 e 510/2016, Sob Parecer nº 5.080.636 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Assim, a participante E1 foi esclarecida, antecipadamente, quanto aos objetivos da pesquisa, de modo livre, não obrigatório de participação e de caráter voluntário. Sendo assim, não houve nenhuma remuneração ou bonificação para a participação e, caso quisessem, teriam o direito de desistir em qualquer momento

sem agravo ou prejuízo para a pesquisa. Para preservar a confidencialidade, a depoente e os nomes mencionados na narrativa tiveram seus nomes omitido, adotando codinomes da entrevistada (E1) e dos demais envolvidos no relato, assim as respostas da entrevista foram transcritas na íntegra pela pesquisadora em tabelas. As informações, dados coletados e disponibilizados para a pesquisa são acessados exclusivamente pelas pesquisadoras do estudo, conforme garantido no TCLE e estão guardados no arquivo de pesquisa da sala do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde (GEPERCS) do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES), e os termos e dados serão incinerados após 05 anos da coleta de dados. A gravação em áudio, após transcrição fidedigna das falas, foi excluída.

Desse modo, a entrevista narrativa oral teve contribuições subjetivas e objetivas para a pesquisa, uma vez que, se observou a partir da análise compreensiva-interpretativa, que a participante e pesquisadora passaram pelo processo de exclusão em sua formação educacional. No entanto, notou-se que E1 e a autora estão no processo de converter as discriminações sofridas em força motora para a sua formação docente enquanto professora e pedagoga transexual e na elaboração do seu livro *Pedagogia da desobediência, travestilizando a educação*.

Portanto, a entrevistada E1 apresenta em suas narrativas aspectos que a aproxima da pesquisadora enquanto vítimas da transfobia institucionalizada quando relatam as violências sofridas no âmbito educacional, que por sua vez, nota-se a emoção através do tom de voz da E1. Além disso, sobre o percurso na UNEB, a participante E1 relatou que ingressou na graduação pelas cotas raciais para afro-descendentes em 2011 e na Pós-Graduação *Stricto-Sensu* foi selecionada pelas sobrevagas para transexuais, travestis e transgêneros em 2019, e o mesmo percurso foi percorrido pela pesquisadora da pesquisa, aspectos que também mostram a importância das cotas para os diversos grupos subalternizados socialmente.

No que se refere aos pontos que ambas divergem, está a conexão religiosa na fala da entrevistada E1 com o candomblé que vem desde criança e a sua posição de lalorixá no terreiro herdado de sua avó. Enquanto a autora mostra uma visão negativa sobre religião (catolicismo), devido aos dogmas conservadores que precedem muitas igrejas. Desse modo, é possível afirmar que mulheres transexuais e travestis possuem singulares e pluralidades na sua formação educacional, social e

religiosa. Visto isso, o próximo capítulo apresenta a Roda de Conversa dialogada entre a entrevistada E1 e a autora do trabalho que culminou no produto final da pesquisa partindo das preposições dialógicas que essas mulheres cotistas transexuais vivenciaram no âmbito educacional, com ênfase na inserção da Pós-Graduação *Stricto-Sensu*.

4. CAPÍTULO IV – NÃO VOU DEITAR PARA A TRANSFOBIA: OS PERCURSOS DAS MULHERES TRANSEXUAIS NA PPGSS DA UNEB A PARTIR DE UMA SISTEMATIZAÇÃO DIALÓGICA NO ÂMBITO EDUCATIVO E SOCIAL

A partir da análise de dados da entrevistada E1, optou-se pela Pesquisa Aplicada (PEREIRA, 2019) neste capítulo que teve por objetivo elaborar um perfil na plataforma digital Instagram para subsidiar as mulheres transexuais provenientes da política de cotas da UNEB partindo das sistematizações educativas e sociais propostas pelas participantes da pesquisa. Partindo da seguinte pergunta: Como as mulheres cotistas transexuais sistematizam, propõe e socializam, por meio do perfil @TransInformaAÇÃO, ações educativas e sociais para mulheres provenientes da política de cotas da UNEB? Para responder a questão do capítulo, realizou-se uma Roda de Conversa com a entrevistada E1, por meio da mediação da autora do trabalho, e então foi possível responder a referida pergunta através das contribuições de ambas as mulheres cotistas transexuais.

Participou da pesquisa uma mulher cotista transexual na condição de participante, que se autodeclara como negra, mãe de santo, pedagoga e militante, além das intervenções da pesquisadora, que também é uma mulher cotista transexual e que se afirma como negra também. Portanto, para uma melhor compreensão do percurso da participante, aplicou-se o método de história de vida já que a participante assinou o TCLE que respalda a pesquisa e a confidencialidade. Segundo Nogueira, Barros, Araujo e Pimenta (2017, p. 468)

Em termos gerais, o método de história de vida participa da metodologia qualitativa biográfica na qual o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas, gravadas ou não, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta. Nesse processo, a relação entre pesquisador e aquele que narra sua história é um ponto essencial e só acontece na presença de um vínculo de confiança mútua que é construído ao longo de um processo. Ao fim da escuta, todo o material é transcrito e discutido entre o sujeito participante e o pesquisador, que, a partir de então, fará um mergulho analítico para buscar identificar naquele material as pistas que o ajudarão a tentar responder suas questões de pesquisa. (NOGUEIRA, 2017, p. 468).

Dessa forma, a análise a partir do método histórias de vida forneceu mecanismos para responder a questão do capítulo a partir da escuta sensível, por meio da autorização para gravar a Roda de Conversa e posteriormente a transcrição

na íntegra do áudio em texto para na sequência realizar a análise comparativa. Para isso, se encontra estruturado nas seguintes seções: Seção 01: Roda de conversa dialogada e interventiva para elaboração do produto da pesquisa e; Seção 02: Construção coletiva do produto da pesquisa: o perfil @TransInformAÇÃO no Instagram.

4.1. SEÇÃO 01: RODA DE CONVERSA DIALOGADA E INTERVENTIVA PARA ELABORAÇÃO DO PRODUTO DA PESQUISA

A presente seção aborda as experiências de mulheres transexuais em seus percursos de vida, pessoal, profissional, educacional e religioso para compreender a sua formação enquanto discente e docente. Diante disso, faz-se necessário entender como o corpo transexualizado se materializa na contemporaneidade e as implicações que isso trás para a formação da subjetividade das mulheres trans, uma vez que o corpo passa por um processo de socialização que suscita formas de sensibilidade, performances, percepções, moldando o tipo da sua relação com social. Segundo Maia (2020) é:

A partir da noção de fato social, considera a história individual, as formas de expressão (fisiológicas e representações) e as modalidades sociais em um sistema de interpretação que explique ao mesmo tempo a dimensão sociológica, histórica e os aspectos fisiológicos e psicológicos. O fato social total é apreendido em uma sociedade localizada no tempo e espaço e nos indivíduos pertencentes a essas sociedades porque é nesses que as culturas e todos os seus aspectos se integram. (DA MAIA, 2020, p. 5 - 6)

Sendo assim, a subjetividade dos seres humanos é formada com base em suas corporeidades, ou seja, o modo como mundo ler seus corpos influenciam na forma que as pessoas se percebem e se sentem, do mesmo modo que as subjetividades de mulheres transexuais estão imbricadas em seus corpos e na leitura que as outras pessoas fazem delas. Daí então a necessidade de travestis e transexuais adequarem seus corpos, de forma a possuírem uma passabilidade⁶ e

⁶ O termo passabilidade (em inglês, "passing") significa a possibilidade de uma pessoa ser lida socialmente como membro de um grupo identitário diferente do seu pertencimento originário. Ou seja, é a capacidade de uma pessoa negra se passar por branca, ou de uma pessoa trans se passar por

serem reconhecidas como mulher socialmente, desse modo, Saffioti (2015 p.132) menciona que “a ideologia sexista se corporifica nos agentes sociais tanto de um polo quanto de outro da relação de dominação-subordinação”.

Portanto, uma mulher transexual que possui fortes traços do gênero masculino, possui uma leitura social que a condiciona a sofrer uma maior discriminação e violência, a colocando na posição de subordinação. Para Maia (2020) o processo de socialização se dá por meio dos padrões culturais, que são as formas de pensar, sentir e agir, e são aprendidas por meio das técnicas corporais. Ou seja, os corpos que não utilizam de técnicas que os coloque dentro do padrão binário da sociedade ocidental estão vulneráveis a um processo de exclusão que pode levar a depressão e destruição da autoestima, e em alguns casos, ao suicídio por não se sentirem incluídas nos diversos ambientes sociais. De acordo com Quinteiro e Silva (2021, p. 629):

A vida social impõe sobre a formação do indivíduo a necessidade de reconhecer o papel do conhecimento adquirido, ao contrário, o indivíduo, passará pelos saberes sem (re)significá-los. A vida, nessas condições, se torna alienante, o que, em sua expressão, é uma das marcas das sociedades humanas mesmo que haja discriminação, mesmo que haja uma diversidade cultural, porque esse indivíduo não é um ser abstrato no mundo, exterior ao mundo. Ele está no mundo convivendo com as superestruturas de poder, quer seja no campo das relações econômicas, políticas ou culturais, quer seja religiosa ou familiar. (QUINTEIRO; SILVA, 2021, p. 629)

Quando uma mulher transexual está dentro do padrão binário, ela possui maior liberdade de transitar em segurança pelos meios sociais, fazendo com que o seu corpo ganhe maior poder social. Maia (2020, p. 7) chama as adequações corporais de “tecnologias de poder”, pois ao investirem no corpo, produzem um conjunto de efeitos nos comportamentos, nos sujeitos, nos corpos e nas relações sociais. Dessa forma, as adequações corporais que mulheres transexuais se submetem é uma forma de corpos marginalizados exercerem do poder de acessar espaços sociais e continuar vivas exercendo seu direito de ser quem é. Nesse sentido, corroborando com o pensamento de Quinteiro e Silva (2021, p. 630):

cisgênera, por exemplo. Os objetivos de “se passar” por outra categoria de identidade vão desde a sobrevivência, em casos em que há perigo de morte, até a obtenção de recompensas ou aumento de aceitação social por um grupo dominante. FONTE: [https://www.intrinseca.com.br/blog/2021/06/a-passabilidade-e-a-politica-de-embranquecimento/#:~:text=O%20termo%20passabilidade%20\(em%20ingl%C3%AAs,passar%20por%20cisg%C3%AAnera%2C%20por%20exemplo.](https://www.intrinseca.com.br/blog/2021/06/a-passabilidade-e-a-politica-de-embranquecimento/#:~:text=O%20termo%20passabilidade%20(em%20ingl%C3%AAs,passar%20por%20cisg%C3%AAnera%2C%20por%20exemplo.)

Nessa sociabilização, cria-se o que se tem valor para a vida individual e social e, com forças expressivas, as pessoas, as coisas, até mesmo a escolha de uma profissão, passam a fazer parte de uma hierarquia de valores. O individual exige vivência de representações sociais, ou seja, exige o envolvimento com o coletivo; ocorre-se assim o ápice do processo de socialização do indivíduo. (QUINTEIRO; SILVA, 2021, p. 630)

No contexto de uma sociedade patriarcal, vale ressaltar que além das mulheres transexuais e travestis, todas e todos estão vulneráveis a sofrerem o controle do patriarcado, que vai desde as adequações corporais e performance, até a subjetividade e a percepção do mundo. Esse domínio sobre corpo e subjetividade é decorrente da normatização do corpo e da sexualidade num contexto de dominação-subordinação herdado do pensamento colonizador ocidental. De acordo com Cisne e Santos (2018; p. 44):

Podemos, portanto, considerar que o patriarcado exerce controle sobre a subjetividade, o corpo e a sexualidade da mulher, atingindo, também, a população LGBT, mediante a uma imposição rígida e binária de um modo de ser feminino e masculino, com ênfase na desvalorização e dominação da mulher e do que é identificado como feminino. [...] E, desse modo, temos a imposição da heterossexualidade sobre as demais possibilidades de orientação sexual, que são tratadas sem aceitação e legitimidade social. (CISNE; SANTOS, 2018, p. 44)

Pensar em corpos transexualizados no Brasil é pensar em corpos colonizados pelo pensamento patriarcal do ocidente. A colonização foi um processo de dominação segregacionista e conservador, que promoveu a política de morte para alguns grupos sociais tidos como marginalizados: mulheres, negros, índios, pobres, homossexuais, transexuais, etc. Para além das diversas dominações exercidas pelo colonialismo, Boaventura Souza Santos (2010, p.7) sinaliza outro tipo de dominação, a epistemológica que define como “uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizadas, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade”. Ou seja, a colonização se insere no processo de formação das subjetividades dos colonizados e essa violação se dá de maneira hostil, conforme Fanon (1979, p. 39) descreve:

A cidade do povo colonizado (...) é um lugar de má fama, povoado por homens de má reputação. Lá eles nascem, pouco importa onde e como; morrem lá, não importa onde ou como. É um mundo sem espaço; os

homens vivem uns sobre os outros. A cidade do colonizado é uma cidade com fome, fome de pão, fome de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma vila agachada, com uma cidade sobre seus joelhos. (FANON, 1979, p. 39)

Em contrapartida ao movimento violento e necropolítico que foi a colonização, o movimento decolonial propõe novas formas de ser e pensar o conceito de sociedade livre de dominação-subordinação e as consequências abomináveis dessa relação fundamentada na desigualdade e exploração. Segundo Lima (2019, p.202) “o pensamento decolonial é uma maneira de renascer a partir das fendas das civilizações destruídas, partindo de formas de conhecimento que libertem e não aprisionem nossas populações colonizadas”. Desse modo, o movimento decolonialista também dialoga com a subjetividade das pessoas a partir do conhecimento. Conforme Lima (2019, p. 202-203):

O pensamento decolonial é uma prática epistêmica para a afirmação da autonomia, pois busca superar a alienação erótica (o consumo desenfreado do sexo, a busca da satisfação do prazer somente do homem europeu sobre as mulheres ameríndias) imposta às civilizações e às mulheres latino-americanas. É uma possibilidade de afirmar-se como diferente, como pessoa, como sujeito dotado de direitos, como alguém que possui e mobiliza uma lógica própria de pensar, que reivindica uma maneira outra de estar no mundo e de se relacionar com as pessoas, a natureza e as divindades. (LIMA, 2019, p. 202-203).

Quando se pensa em decolonialidade no contexto brasileiro de certa forma remete a interseccionalidade, que por sua vez, é o estudo de três elementos: gênero, raça e classe. Para Helena Hirata (2014, p.69) a interseccionalidade “é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas, e portanto como um instrumento de luta política”. Seja a luta das feministas, do movimento negro, indígenas, LGBTQIA+, entre outras populações que sofrem opressões e violações de direitos. De acordo com Rodrigues et. al. (2018, p. 42):

A teoria da interseccionalidade pressupõe que as opressões estão inter-relacionadas e que o seu impacto é multiplicativo e não somativo ou aditivo. Baseia-se na ideia de que a intersecção dos diferentes eixos de opressão cria concretas e complexas experiências de discriminação (e não apenas a soma de discriminações isoladas). [...] Por outras palavras, as pessoas trans podem-se sentir pertencer a determinada classe social, condição funcional, nacionalidade, idade, etc. Estas pertenças “identitárias” configuram-se e dão origem a matrizes concretas de opressão. (RODRIGUES; CARNEIRO; NOGUEIRA, 2018, p.42).

Desse modo, quando se fala em mulheres transexuais em um contexto de um país colonizado e mestiço, está se falando de interseccionalidade. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE) no ano de 2019, 42,7% dos brasileiros se declararam como brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos e 1,1% como amarelos ou indígenas, ou seja, aproximadamente 60% da população brasileira se declara como não branco. Decorrente dessa mistura étnica, na qual uma grande parcela da população é tida como negra e/ou não branca, se percebe que as pessoas tidas como brancas detêm a maioria das propriedades, do capital e dos privilégios sociais. É nítido como o racismo estrutural atua nas diversas esferas sociais. Conforme referenda Vitorino e Ferreira (2021; p. 41):

O racismo não é inerente ao ser humano, mas aprendido na convivência com pessoas e estruturas políticas, econômicas e sociais, montadas a partir do conceito de raça proposto pelo modelo de Estado burguês e hegemônico, como forma de manter direitos e interesses de alguns grupos. Na ânsia de conseguir unidade, ou seja, um modelo de sujeito universal, a estrutura de poder termina por classificar as multiplicidades religiosa, sexual, cultural, estigmatizando, domesticando, criminalizando, e até, animalizando o outro. (VITORINO; FERREIRA, 2021, p. 41)

Pode-se falar que em países colonizados existe uma cultura racista, uma vez que a sociedade é moldada em benefícios de pessoas brancas e de classe econômica média/alta, cujo privilégios vão desde a educação e os materiais didáticos, até as vagas de empregos e as relações interpessoais. Ainda seguindo o pensamento dos autores, “a educação pode ser vetor de transformação ou de manutenção e reprodução de valores, ideias e crenças que predominam na estrutura social.” (VITORINO; FERREIRA, 2021, p 41). Portanto, faz-se urgente pensar em uma educação e políticas públicas antirracista, não apenas conscientizando sobre os danos do racismo, mas também buscando ações que diminuam as violências decorrentes da cor da pele, afim de diminuir as desigualdades entre brancos e não brancos, com vistas a erradicar com o racismo institucional. Ainda seguindo o pensamento dos autores:

[...] O indivíduo que participa de ações e movimentos antirracistas desenvolve modelos mentais pessoais e cria representações desses eventos a partir de suas emoções, atitudes, vivências, opiniões e conhecimentos (cognição social) sobre o antirracismo. Daí a necessidade de se motivar atitudes e eventos dessa natureza, na escola, na família e em toda a sociedade com perspectivas críticas e positivas de aceitação do outro, do diferente. (VITORINO; FERREIRA, 2021, p. 33)

Assim, em busca de uma sociedade igualitária para todos os grupos sociais que sofrem historicamente do colonialismo e suas implicações, é importante pensar em uma educação antirracista, mas também se faz necessário pensar em uma educação antiLGBTfóbica, com o objetivo de combater e diminuir ataques transfóbicos, homofóbicos, lesbofóbicos, etc. que possuem sua base na sociedade patriarcal do ocidente. Segundo a Cartilha LGBT (2016, p.12) “não existe no Brasil uma lei que contemple a LGBTfobia, tampouco tais condutas são tipificadas como crime específico, como acontece com o racismo. Certamente se a LGBTfobia fosse tipificada como um crime autônomo, com penas mais altas, certamente estes atos seriam coibidos”.

Pensando nas questões que as mulheres transexuais são perpassadas, a interseccionalidade auxilia a entender como os lugares de corpos marginalizados são construídos socialmente a partir da relação de subordinação e dominação que o patriarcado exerce. Segundo Silva (2021, s/p) “la ideología del sistema patriarcal fomenta comportamientos de rivalidad, concurrencia y desigualdad de género, prácticas egoístas que socavan la tranquilidad, la paz” e nesse contexto, o grupo de mulheres transexuais são desfavorecidas em detrimento de outros, como por exemplo, os homens cisgênero e branco que são os mais privilegiados pelas opressões sociais, mas isso não implica no silenciamento de nenhum grupo, conforme aborda Djamila Ribeiro:

Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa. Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito do poder. A travesti negra fala a partir de sua localização social, assim como o homem branco cis. Se existem poucas travestis negras em espaços de privilégio, é legítimo que exista uma luta para que elas, de fato, possam ter escolhas numa sociedade que as confina num determinado lugar, logo é justa a luta por representação, apesar dos seus limites. Porém, falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem. Em outras palavras, é preciso, cada vez mais, que homens brancos cis estudem branquitude, cisgeneridade, masculinos. (RIBEIRO, 2017, p. s/p)

O lugar de fala não é algo que exclui as pessoas de discutir sobre diversos temas e realidades, mas entende que cada grupo fala a partir do seu local de fala,

sendo assim, a presente pesquisa parte das inquietações vivenciadas pela pesquisadora na condição de mulher trans no âmbito educativo e social, e assim pode-se dizer que a mesma aborda o tema a partir do local de fala quando pesquisa e dialoga sobre a temática. Desse modo, a proposta da roda de conversa dialogada está desenhada de forma que as mulheres cotistas transexuais troquem as experiências que elas carregam em sua trajetória de vida, partindo do seu local de fala, em paralelo com as ações afirmativas implementadas pelo estado, através da Universidade do Estado da Bahia, visando a inclusão e permanência desse grupo na Pós-Graduação *Stricto-Sensu* UNEB, sendo uma universidade pioneira em política de cotas. Dito isso, roda de conversa foi direcionada conforme o seguinte planejamento apresentado na tabela abaixo:

PLANEJAMENTO			
Objetivo/Meta	Etapa/atividade	Responsáveis	Data
Elaborar um perfil na plataforma digital Instagram para subsidiar as mulheres transexuais provenientes da política de cotas da UNEB partindo das sistematizações educativas e sociais propostas pelas participantes da pesquisa.	<p>Apresentar a crônica/poesia de Pedro Iemebel "La muerte de Madonna"</p> <p>Discutir sobre a leitura a partir das perguntas: Como o texto te toca? Qual ponto aproximou a protagonista e a sua trajetória de vida?</p> <p>Conte um pouco sobre você enquanto mulher trans e suas vivências no âmbito educacional, social e religioso.</p> <p>Descreva o percurso relacionado a sua identidade, com a escolha do programa de pesquisa e o objeto de estudo?</p> <p>Como você percebe as políticas de cotas dentro dos programas de pós-graduação da UNEB, sua aplicabilidade e sugestões.</p> <p>Realização da escuta dialogada e participativa a partir da apresentação da proposta do perfil do Instagram</p>	Mestranda Paula Valentine de Freitas	20/09/2022

		Construção coletiva do perfil do instagram pensando nas ferramentas disponibilizadas pela plataforma.		
OPERACIONALIZAÇÃO				
Objetivo	Meta	Etapa/Condução da atividade Responsável/ Conclusão	Participantes	Data
Construção dialogada para a elaboração do perfil no instagram	Escuta dialogada e participativa com entrevistada E1	<p>O encontro ocorreu na plataforma <i>teams</i> sob mediação da mestrand Paula Valentine e a entrevistada E1.</p> <p>Foi dada as boas vindas e explicou-se a temática da pesquisa; Em seguida apresentou a crônica do Pedro Lemebel e foi feita uma reflexão sobre o texto a partir de pontos que perpassou pelas vivências da entrevistada E1.</p> <p>Na continuação, realizou-se as perguntas que consta no planejamento, partindo de uma escuta sensível e dialogada.</p> <p>Na última etapa da Roda de Conversa, foi apresentado o esboço do produto, que é o perfil no Instagram e ouviu as contribuições da participante E1 para a elaboração do produto.</p>	Mestranda Paula Valentine e a entrevistada E1.	14/09/2020

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora, 2022.

De acordo com o planejamento, foi realizado o contato a participante via *whatsapp* para agendar o dia e o horário da Roda de Conversa. Feito isso, no dia marcado, a pesquisadora abriu a sala no ambiente virtual do *Microsoft Teams* e compartilhou o link via e-mail para participante E1, na sequência, a mesma entrou na sala e foi perguntado como ela estava se sentindo e se a mesma se encontrava em um ambiente seguro e confortável, ela afirmou que sim e que estava bem. Em seguida foi perguntado a ela como estava o processo do Mestrado e a dissertação, ela não quis entrar em detalhes, mas disse que o processo não estava fácil porque

houve uma resistência do Programa em aceita-lá por ser mulher trans e isso a fez entrar já com medo. Foi manifestado indignação, por parte da autora da pesquisa, com essa situação que a entrevistada E1 passou, no entanto como a conversa estava caminhando para um assunto que é contemplado em uma das perguntas do roteiro da roda de conversa, foi apresentada a proposta do trabalho que é analisar os percursos e vivências das mulheres transexuais em Programas de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB e também a proposta da Roda de Conversa.

Como o texto que foi selecionado para introduzir o diálogo é de autoria de um escritor chileno Pedro Lemebel, intitulado “*La muerte de Madonna*” (ANEXO II) e não estava traduzido para o português, por isso, foi perguntado a entrevistada E1 se ela compreendia bem o espanhol e ela afirmou que tem domínio no espanhol e inclusive realizou a prova de proficiência do mestrado em espanhol, então dessa forma seguiu-se o planejamento. O texto foi projeto em Word através do recurso disponibilizado pela plataforma *Microsoft Teams*, e foi informado a participante E1 que se tivesse alguma palavra que ela tivesse dificuldade em compreender que poderia interromper e perguntar, desse modo o texto foi lido em voz alta pela pesquisadora. Após a leitura do texto foram realizadas as três perguntas: Qual a sua interpretação do texto? Você se identificou com a história da protagonista? Qual ponto aproximou a protagonista da sua trajetória de vida? A participante E1 respondeu da seguinte forma:

“Eu entendi que era uma pessoa... uma mulher trans, né isso? Que faz uma modificação no cabelo... alguma coisa pra... ta certo o que eu to falando né? Então entendi, ela era ousada, ela não deitava...Eu me identifiquei no sentido de você não deitar pra violência... Por exemplo, essa questão de eu ser objetiva, é porque a gente não tem mais tempo a perder, a gente não tem mais tempo, se for pra peitar, a gente tem que peitar e ir pra cima né... É doloroso a gente ter que viver resistindo, né... a gente ter que viver... mas enquanto uma mulher trans e preta, a resistência é um... é um processo ancestral da minha existência... então ser uma travesti no Brasil é criar diversas formas de resistir e de confrontar o sistema... é o que eu escrevi no livro “Pedagogia da Desobediência”, né.. travestilizar é esse ponto, né... é você não aceitar essa imposição da cisgeneridade para sua vida, a travestilização dos saberes é essa forma de ser um contraponto. E como é que a gente pode travestilizar os saberes? Pode ser você sendo uma profissional do sexo, você sendo uma puta profissional do sexo, você ser uma puta pedagoga, uma puta professora de espanhol, uma puta professora de línguas, uma puta advogada sendo uma mulher trans, uma puta doutora em educação, uma puta deputada e puta no sentido de que a gente é... a nossa formação vem da rua, né... então a grande maioria das meninas trans e travestis antes de chegar na academia a rua se torna esse espaço de formação política, os movimentos sociais que não estão dentro da universidade, que não são debatidos nas universidades, são espaços de formação política então, entendendo a puta como uma profissão, as

profissionais do sexo, entendendo que ser profissional do sexo é uma profissão mas não pode ser uma imposição, a gente vai resistir de diversas formas para ocupar outros espaços. sabe porque? Porque quando a gente adentra esses espaços, a gente já entra desafiando o sistema, que é o que Madonna faz aí, ela não deita, ela vai criar diversas formas de dizer... A AIDS talvez esteja aí porque, porque a AIDS ela foi considerada uma peste gay, mas é importante a gente lembrar, como Keyla Simpson trás na sua fala, que a AIDS ela pariu o movimento de travestis no Brasil, né... trazendo esse texto para o Brasil, quem “pariu” o movimento de travestis é a AIDS, porque é um movimento que vem denunciar a falta de políticas públicas que essa população tem porque existe uma posição de colocar nossos corpos... uma imposição de colocar nossos corpos na prostituição e a gente é colocada a uma margem sem garantia de direitos, então a gente estaria propicia naquele boom de HIV e AIDS, né... inclusive no Brasil a AIDS é conhecida como “peste gay” e acabamos que aquele momento é crucial para que o movimento se organize de forma política e social para a gente ocupar os espaços, né... a organização política como foi criada em 1996 a primeira instituição nacional de luta né pelos direitos das pessoas trans né, ASTRAL no Rio de Janeiro, e que reverbera em todo Brasil. Então é importante esse recorte histórico para gente pensar quem somos hoje e quando a gente adentra os Programas de Pós-Graduação e até mesmo de Graduação, existe o processo de acessibilidade, né de entrada, mas não existe o processo de permanência... a gente já entra em alguns lugares em que as pessoas vão dizer que nosso corpo vai falhar, vai errar... é um corpo que já é pensado para não dá certo naquele espaço... e isso acontece nas Pós-Graduações, nas Graduações, dentre outros espaços sociais.”
(ENTREVISTADA E1)

Assim, se observou dentre os pontos em comum entre a protagonista da crônica e a entrevistada E1 que ambas são mulheres transexuais, no contexto de um país colonizado e que resistem a todo tipo de violência e negação que a sociedade tenta impor em seus corpos e em suas subjetividades. Mesmo tendo em consideração a singularidade dos indivíduos, pode-se dizer que as especificidades que se materializam enquanto grupo, e no caso da participante E1 e a protagonista da crônica, ambas pertencem ao mesmo grupo subalternizado que são de mulheres transexuais, conforme Santos e Garms (2014) explica:

Nesse sentido, se todo indivíduo é o singular do universal social e histórico que o rodeia podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual. Se é legítima a tentativa de ler uma sociedade por meio de uma biografia, é preciso considerar que não se trata apenas da exposição de uma narrativa de experiências vividas pelo outro, mas sim de uma microrrelação social. (SANTOS; GARMS, 2014, s/p)

As microrrelações sociais são espaços subjetivos onde os sujeitos constroem duas identidades, seja no âmbito pessoal, profissional, social e religioso, desse modo, as opressões sofridas pela entrevista E1 e pela protagonista do texto de Lemebel possuem uma ligação por serem condicionadas a exclusão e diversos tipos

de violências na tentativa de marginalizar e excluir esses corpos do meio social. Assim, a narrativa coletada a partir das perguntas da Roda de Conversa apresenta pontos importante a serem pensados no percurso das mulheres transexuais na contemporaneidade no que tange a sua subjetividade. Desse modo, Ferrarotti (2010) diz que:

Devemos voltar a trazer ao coração do método biográfico os materiais primários e sua subjetividade explosiva. Não é só a riqueza do material biográfico primário que nos interessa, mas também, sobretudo, a sua pregnância subjetiva no quadro de uma comunicação interpessoal complexa e recíproca entre o narrador e o observador. (FERRAROTTI, 2010, p. 43)

Ainda segundo o pensamento de Ferrarotti (2010), o observador não fica distante do narrador, mas interagem de forma a construir um diálogo interpessoal e contribuir com a pesquisa, ainda mais quando já foi sinalizado anteriormente que a participante da pesquisa e a autora possuem elos que as conectam enquanto mulheres trans. Entendendo isso, após a reflexão apresentada pela entrevistada E1 acerca da crônica, a autora do trabalho manifestou suas inquietações, uma vez que também passa pelo processo de resistência no seu percurso de vida, seja em qualquer esfera social, que por sua vez está incutida numa visão colonizadora, cisgênera, branca e racista, onde o racismo potencializa qualquer opressão, inclusive a transfobia, desse modo, faz-se necessário a resistência e o enfrentamento perante essas violações.

Após as reflexões sobre a crônica e as vivências dos corpos transexuais enquanto corpos colonizados, foram apresentadas as três perguntas pensadas para dialogar com a proposta e os objetivos do trabalho. No entanto, como as duas primeiras perguntas foram explanadas no capítulo III, aqui será analisada apenas a terceira pergunta que busca entender como a entrevistada E1 percebe as políticas de cotas dentro dos Programas de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB a partir da sua aplicabilidade e sugestões, sendo assim, a entrevistada E1 fala que:

“Eu acho que falta muita garantia, né... de as pessoas entrarem, é... e se sentir... assim, eu vejo as vezes que a cota, ela vai dá a... a... a oportunidade da gente acessar, a gente precisa ocupar. Mas sinto uma precariedade, uma dificuldade para lidar com nossos corpos, né... porque a gente fala de cotas? Falando de reparação social, esse corpo já vem um corpo danificado, danificado não, violentado... violentado, é essa a palavra e muitas das vezes eu acesso a universidade e... já que eu consegui e me matriculei, as bolsas destinadas... deveria ter tipo... quem é cotistas deveria ter acesso garantido as bolsas auxílio... entendeu? porque por exemplo, as

dificuldades que as pessoas trans de acessar o mercado de trabalho e de permanecer em alguns espaços... então isso precisa ser levado em consideração, tipo... a forma que alguns professores ainda me trata no masculino... Entendeu o que eu to te falando? Então, você precisa ficar corrigindo professor, você lutando contra o tempo, falta... enfim, acho que precisa se repensar que não é só a... o acesso, mas é aquela coisa, sabe, a gente precisa entrar, enegrecer, travestilizar esses espaços, a gente não pode desistir desses espaços, por isso que falei no início da minha fala, resistência é muito doloroso.” (ENTREVISTADA E1)

Percebe-se na narrativa apresentada pela entrevistada E1, que resistir o tempo todo as opressões é um processo doloroso e por vezes solitário quando a mesma relata que tem que ficar corrigindo o seu gênero aos professores do Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB no qual está matriculada, que insistem em deslegitimar a sua identidade de gênero a tratando-a no masculino. Isso revela o despreparo da instituição ao receber as estudantes transexuais e travestis, que por sua vez, essas violências são provenientes de uma cultura perversa na qual a estrutura social herdada dos colonizadores se tornam excludente para grupos subalternizados por meio do apagamento da sua identidade. Conforme o que foi exposto pela participante E1 e de acordo com as contribuições de Nedel (2020):

Na condição de corpos desviantes, as pessoas trans e gênero-diversas estão sujeitas a sofrer uma série de sanções sociais, expressas em dificuldade de acesso ao mercado de trabalho formal; não reconhecimento institucional de seus nomes e identidades de gênero; violência física e psicológica; fragilização de suas redes familiares e de afeto; espancamentos públicos; ausência de tratamento médico de qualidade; fetichização de seus corpos; espetacularização de suas mortes; naturalização da violência contra sua comunidade; desqualificação de suas experiências e perspectivas de mundo; genocídio; processos de exclusão e violência sistêmica, entre outros exemplos. Essas violências integram a vida diária de muitos corpos desviantes da norma, como sapatonas, bichas e outres desobedientes de gênero, especialmente as pessoas vindas de comunidades não-brancas e empobrecidas. (NEDEL, 2020, p.26)

Portanto, como mecanismo de diminuição de desigualdade e violências, faz-se necessário pensar na promoção de uma nova cultura universitária antitransfóbica e antirracista, uma vez que se entende que ambas as opressões operam juntas na exclusão de corpos transexuais e colonizados. Assim, destaca-se na narrativa da entrevista E1 a proposta de que as/os estudantes cotistas deveriam ser contempladas com Bolsa Auxílio no ingresso aos cursos de Graduação e Pós-Graduação, uma vez que se entende que referidos grupos vem de uma marginalização social na qual apresentam dificuldade em acessar o mercado de trabalho e permanecer nos espaços sociais e educativos.

Após a escuta sensível e as reflexões a partir do que foi narrado, foi criado com a participante E1 uma proposta de produto da pesquisa que é o Instagram, que foi pensado coletivamente em todos os aspectos da plataforma, desde o nome, a imagem do perfil com a bandeira trans, a *Bio* com uma breve descrição e dos destaques que foram embasados nos objetivos dos capítulos da pesquisa. A entrevistada E1 sugeriu que os eixos do produto reverberassem em políticas públicas, além disso a mesma propôs participar da primeira *live* do perfil com o tema “percurso e vivências iniciais das mulheres trans na Pós-Graduação” que ainda não possui data marcada.

Pode-se concluir que partir da realização da Roda de Conversa foi possível pensar como a transfobia afeta a vida de mulheres transexuais e travestis no âmbito social, educativo, profissional e religioso a partir das contribuições da participante E1 e das reflexões dialogadas com a autora da pesquisa e os teóricos que embasaram o trabalho. Desse modo, as inquietações encontradas nas análises foram esquematizadas e socializadas no perfil digital do Instagram @TransInformAÇÃO, que irá subsidiar as mulheres transexuais provenientes de políticas de cotas, que serão apresentadas na próxima seção.

4.2. SEÇÃO 02: CONSTRUÇÃO COLETIVA DO PRODUTO DA PESQUISA: PERFIL @TRANSINFORMAÇÃO NO INSTAGRAM

Nessa seção será apresentada a plataforma Instagram e suas ferramentas, uma vez que o produto final desta pesquisa é um perfil na supracitada plataforma com nome @TransInformAÇÃO, cujo objetivo é socializar no ciberespaço⁷este trabalho e seus desdobramentos, com vistas a informar sobre as políticas públicas voltadas para pessoas transexuais, em especial travestis e mulheres transexuais, além de tecer um pensamento crítico nos internautas que navegarem por esse perfil no *insta*, como a plataforma é conhecida. Dito isso, a análise dos dados, a partir das

⁷ O Ciberespaço é um ambiente complexo, e a cultura política cresce nesse caldo efervescente, gerando novos processos e produtos. A nova potência da emissão, da conexão e da reconfiguração, os três princípios maiores da Cibercultura estão fazendo com que possamos pensar de maneira mais colaborativa, plural e aberta. Sempre que podemos emitir livremente e nos conectar a outros, criase uma potência política, social e cultural: a potência da reconfiguração e da transformação. A cultura contemporânea, do digital e das redes telemáticas, está criando formas múltiplas e multimodais e planetárias de recombinações. (LEMOS; LEVY, 2010, p. 27)

inquietações apresentadas pelas participantes, também contribuiu para a construção do produto final, que tem o intuito de socializar as informações de forma sistemática, informativa e problematizadora, de acordo com Barreto de Amorim (2021):

[...] Un producto necesita tener una relación directa con el principio de la tangibilidad, esto denota la posibilidad de que el producto elegido asuma en el ámbito de su uso y organización, ya sea por parte del grupo docente o discente, en el ámbito individual o colectivo, su funcionalidad y la comparta con diferentes espacios en los que pretenda demostrar su utilidad práctica, ya sea de carácter instruccional o intelectual, permitiendo que el contexto en el que se implementa el producto lo reciba de manera concluyente y operativa. (BARRETO DE AMORIM, 2021, s/p)

Dito isso, o produto final da pesquisa está vinculado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* na modalidade de Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES), cujo Programa foi aprovado por meio da Resolução nº 1952/2018 do Conselho Universitário da UNEB e recomendado pela CAPES através do Ofício Nº 60/2018, tendo como objetivo desenvolver níveis de consciência elevados sobre as questões e ações de intervenção educativa e social para o Estado da Bahia e em especial o Território do Sisal, cujo seu funcionamento é no Departamento de Educação – Campus XI – Serrinha, na região sisaleira, compondo os 19 territórios de identidade que a UNEB no estado. Desse modo o referido Programa:

[...] Visa contribuir para o desenvolvimento da competência acadêmica, científica e profissional dos mestrandos e egressos nas múltiplas áreas do conhecimento, de forma articulada e integrada, primando pela interdisciplinaridade, através da instrumentalização para a realização de intervenções educativas e sociais que contemplem os novos contextos de aprendizagens e as novas formas de subjetivação e organização comunitária em espaços do setor público e privado. (MPIES/UNEB)

Tendo como área de concentração Educação, Sociedade e Intervenção, o MPIES possui duas linhas de pesquisa: Linha 1: Novos contextos de aprendizagem, que debate sobre os pressupostos teórico e metodológicos da a partir da interação entre educação, cidadania e pesquisa de intervenção, possibilitando análises construídas numa perspectiva interdisciplinar; e Linha 2: Novas formas de subjetivação e organização comunitária, que investiga os diferentes processos de

subjetivação de indivíduos em contextos de organização comunitária, a partir da utilização das técnicas específicas. Desse modo, o Programa fomenta novas estratégias de inovação, de empreendedorismo, de aprendizagem em rede para o desenvolvimento dos profissionais e da comunidade.

Para além disso, o produto final também visa a difusão de informações acerca da política de cotas, política de permanência estudantil voltada para cotistas, motivar mais mulheres transexuais e travestis à ingressarem na Graduação e Pós-Graduação *Stricto-Sensu* e sobretudo, fomentar o pensamento engajado e crítico na sociedade contemporânea por meio das redes sociais de forma educativa, visto que, as tecnologias digitais é cada vez mais presente na vida das pessoas, como no trabalho, na escola, na vida familiar, etc. Desse modo, Oliveira (2017) contribui com esse pensamento ao dizer que:

As mudanças introduzidas pelas tecnologias digitais (TD) podem contribuir para o enriquecimento progressivo dos ambientes e contextos de aprendizagem, convidando o professor a ampliar e reformular suas práticas pedagógicas, para que os alunos possam escolher novos caminhos, visto que a produção do conhecimento está associada à ideia de construção conjunta (OLIVEIRA, 2017, p. 221).

Corroborando com o pensamento do autor, a plataforma instagram é uma rede social interativa utilizada em todo o globo terrestre instalado em mais de um bilhão de dispositivos móveis, que pode ser utilizada em contextos de ensino-aprendizagem. Além disso, o Instagram possui um alcance em diversas culturas e povos, o que intensifica o processo de globalização levando informação e entretenimento para diversos perfis. Sendo assim, para Alves; Mota; Tavares (2018, p. 39):

O Instagram fornece elementos técnicos suficientes, conforme visto neste estudo, que se compatibilizam com a proposta comportamental dessa nova geração, que protagoniza o desenvolvimento de um novo, ágil e dinâmico processo comunicacional. O “Insta” favorece a criatividade do professor para utiliza-lo nas suas demandas educacionais, cabendo ao docente a busca pela habitualidade com o uso do aplicativo, para conhecer os seus potenciais contributivos e poder desenvolver práticas pedagógicas e educativas que se enquadram na perspectiva crítico-reflexiva do aluno, numa troca comunicacional mais dinâmica e propensa ao maior engajamento desse sujeito. (ALVES; MOTA; TAVARES, 2018. p. 39)

O Instagram surgiu em 2010, com a proposta de postagem de imagens com efeitos da própria plataforma. Segundo Alves et. al.(2018, p. 26) “o *app* instagram se

insurge nesse espaço virtual, numa perspectiva de se tornar o difusor de novas formas de encontros colaborativos na rede, por se apresentar como uma rede social *online* focada na comunicação e autoria visual”. Desse modo, é possível publicar, curtir, comentar e compartilhar as fotos e vídeos que são postados na rede de seguidores do usuário, podendo chegar a um número infinito de seguidores. Ainda seguindo o pensamento dos autores, o maior engajamento do insta em relação a outras redes sociais digitais:

[...] é decorrente da definição aplicada para o perfil de cada usuário, e no caso do “Face”, o conteúdo postado pelo usuário é entregue de imediato a um percentual mínimo da rede de amigos do usuário, havendo um processo de crescente interação daquela postagem a cada visualização e curtidas realizadas pelos integrantes da rede, que possibilitam a sua expansão. No Instagram, por sua vez, a imagem postada é difundida com grande eficiência em virtude de sua base receptora ser muito superior à do Facebook, confirmando-se um maior engajamento pelos seguidores do usuário no “Insta”. (ALVES; MOTA; TAVARES, 2018. p. 28)

Ou seja, o Instagram é um espaço virtual que possibilita a troca de informação para um grande número de pessoas por todo o globo terrestre, além de ser ágil e atender as demandas do ciberespaço, que cada vez mais possibilita uma diversidade de identidades e culturas por meio da sociabilidade. Essa socialização possui uma rápida velocidade na transformação de sentidos e na produção de tendências sociais, que pode ser um espaço de aprendizagem colaborativa e interativa também por meio das ferramentas do insta:

[...] por meio da socialização de conteúdos e da produção de processos comunicativos mais dinâmicos e que produzam um maior engajamento da nova, e da não tão nova, geração de usuários, compatibilizando interesses mais empreendedores, o agendamento de publicações, a possibilidade de fazer enquetes sobre determinado assunto, e a utilização das demais funcionalidades e recursos que o Instagram proporciona, a exemplo do “saiba mais” no stories, dentre outros. (ALVES; MOTA; TAVARES, 2018. p. 29-30)

A plataforma Instagram fornece ferramentas que possibilita que o(a) professor(a) contemporâneo(a) utilize a plataforma como mecanismo de ensino-aprendizagem em sala de aula, uma vez que o ciberespaço é cada vez mais presente na educação e cotidiano de crianças e jovens. Segundo Coelho et. al. (2020) o aluno do século 21 é hiperconectado e digitalizado, ou seja, ele possui contato com inúmeros espaços virtuais de aprendizado, além de vídeos, áudios e

textos a sua disposição, desse modo, é importante que o professor(a) contemporâneo se atualize constantemente para que soluções híbridas sejam integradas em suas aulas.

Os docentes têm se preocupado com o envolvimento de seus alunos na sala de aula. Mantê-los atentos aos conteúdos ministrados é desafiador, pois vários são os mecanismos de distração. Os aplicativos se renovam a cada dia, ofertando várias ferramentas de lazer e entretenimento, assim sendo, conectá-los à sala de aula. Todos os dias, professores necessitam reciclar suas didáticas e profissionalizar-se; buscar programas de especializações, principalmente no meio informático, para conseguirem desenvolver projetos que envolvam seus alunos. (FERREIRA, 2021, p. 151)

O(a) professor(a) contemporâneo(a) não pode está focado apenas no modelo de ensino tradicional e sim adotar novos modelos de educação, uma vez que os(as) estudantes possuem acesso a uma vasta gama de informação nas mãos. Portanto, o(a) discente deve orientar os(as) estudantes a possuírem um pensamento crítico para filtrar as informações. A partir disso, Coelho (2020) destaca quatros pontos imprescindíveis ao aluno(a) cíbrico(a) no acesso dos conteúdos digitais: agilidade, assertividade, acesso fácil e mobilidade. Ainda seguindo o pensamento do autor, para que o(a) professor(a) atenda a demanda desses(as) estudantes, é fundamental que se pense em 5 elementos na criação de um perfil educacional no Instagram:

Estética: Descrição do perfil, layout da página; Conteúdo: Temas que serão trabalhados e periodicidade; Formatos: Formatos de conteúdo interrelacionados com as possibilidades de usabilidade da plataforma; Interação: Sistema de relacionamento entre o professor e a audiência e; Colaboração: Abertura para conversa e interação. (COELHO, 2020, p. 58)

A proposta do perfil TransInformAção no Instagram, surge como uma proposta educativa e informativa, por ser uma rede social de alcance global, acerca das vivências de transexuais e travestis no ambiente acadêmico, as ações afirmativas, afetivas e debates que circundam o cotidiano do supracitado grupo. Desse modo, a seguir será apresentada a estrutura do perfil segundo os 5 elementos propostos por Coelho (2020) na criação de um perfil educacional no Instagram, no entanto, é necessário afirmar que os espaços virtuais são extensões dos meios sociais, possuindo alguns limites para aqueles grupos que são considerados marginalizados, conforme Ribeiro (2017) apresenta:

Com todos os limites, o espaço virtual tem sido um espaço de disputas de narrativas, pessoas de grupos historicamente discriminados encontraram aí um lugar de existir. Seja na criação de páginas, sites, canais de vídeos, blogs. Existe nesse espaço uma disputa de narrativa, mas ainda alguém do ideal por conta das barreiras institucionais que impedem o acesso de vozes dissonantes. Como expressar-se não é um direito garantido a todos e todas, ainda há a necessidade de democratização das mídias e rompimento de um monopólio, a discussão sobre liberdade de expressão também não pode ser pautada unicamente no direito – não absoluto – de expressar opiniões. (RIBEIRO, 2017, p. s/p)

Pensando na criação de um ambiente inclusivo, agradável e atrativo para a estética do perfil no Instagram, elaborou-se a imagem do avatar do perfil com as cores da bandeira do Orgulho Transgênero⁸ com o nome “TransInformAÇÃO” centralizado na foto. A bandeira trans possui as cores: azul, rosa e branco. Sendo a primeira cor utilizada tradicionalmente para representar o gênero masculino, enquanto a cor rosa representa o gênero feminino, e desse modo, a cor branca representa as pessoas não binárias⁹.

Figura 1 – Avatar do perfil Trans informAÇÃO



Feita a imagem, a primeira ferramenta que foi utilizada do Instagram foi a BIO, que é a abreviatura de “biografia” e serve para que o usuário escreva em até 150 caracteres uma breve descrição, podendo fazer o uso de letras, números e ícones.

⁸A bandeira do Orgulho Transgênero foi criada em 1999 por Monica Helms, uma mulher trans estadunidense. Foi exibida pela primeira vez em uma parada de orgulho em Phoenix, Arizona, Estados Unidos, em 2000. A bandeira representa a comunidade TRANSGÊNERO e consiste em cinco faixas horizontais: duas azuis claras, duas rosas e uma branca no centro. (<https://diversitybbox.com/bandeiras/#:~:text=BANDEIRA%20TRANS,%2C%20Estados%20Unidos%2C%20em%202000.>)

⁹ Pessoas não-binárias são aquelas que não se identificam com nenhum dos dois gêneros (masculino e feminino).

Desse modo, a BIO do perfil @TransInformAÇÃO contém um ícone da bandeira trans seguida logo abaixo de uma descrição da proposta do perfil que sintetiza o objetivo geral da pesquisa. Logo depois será inserido um endereço eletrônico que direciona para o site do MPIES, onde o internauta encontrará a dissertação completa.

Figura 2 – Perfil do Instagram TransInformAÇÃO



A próxima ferramenta do Instagram que será utilizada com frequência serão os *storys*, um recurso que foi incorporado recentemente na plataforma e ganhou uma aceitação da maioria dos usuários por ser dinâmico, interativo e instantâneo. Segundo Coelho (2020, p.63) “O professor pode utilizar esse formato para comentar temas relacionados a disciplina, esclarecer dúvidas, realizar sugestões de livros, artigos, realizar enquetes e outras interações”. Cada *story* tem duração em média de 15 segundos e fica disponível para visualização apenas por 24 horas, depois expira, no entanto, há a possibilidade do *story* ser adicionado à outra ferramenta que são os “destaques”, onde o usuário seleciona os *storys* que ficarão disponíveis por tempo indeterminado no perfil, logo abaixo da BIO, como na imagem a seguir:

Figura 3 – Destaques do perfil do Instagram TransinformAÇÃO



Pensando no uso dos destaques do Instagram, selecionou-se cinco pontos importantes da pesquisa que merecem atenção especial na socialização e apresentação do perfil: **Percursos inicial**, cujo objetivo é apresentar o perfil da plataforma Instagram a partir da justificativa pessoal/profissional tendo como embasamento o capítulo 1; **Cotas trans: PPGSS/UNEB**, nesse destaque é apresentada a UNEB por meio dos documentos institucionais para a política de cotas de pessoas transexuais, travestis e transgêneros pertinentes ao capítulo 2; **Vivências acadêmicas de mulheres trans**, que trás os percursos das mulheres cotistas transexuais nos PPGSS da UNEB a partir das vivências e das análises do campo empírico, abordadas no capítulo 3 do trabalho; **Ações trans educativas e sociais**, no qual socializa algumas referências de leituras, chamadas públicas e editais de bolsas que auxiliam na permanência e nos percursos das mulheres transexuais na Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB, presentes no capítulo 4 e; **Diálogos trans interativos e inter instrucionais**, que será abordado os desdobramento da pesquisa. Segundo Coelho (2020):

Quando o docente contemporâneo transforma os conteúdos educacionais em conteúdos informacionais e interativos com a utilização desta plataforma, ele dá uma clara noção de seu compromisso com a educação dos seus alunos de forma empática e inovadora, realizando um grande contributo para universidade e sociedade. (COELHO, 2020, p.66)

Outra ferramenta do Instagram que será utilizada como mecanismo de informação e interação como proposta de conteúdos educacionais é o FEED, no qual é possível fazer postagens ilimitadas de até 10 imagens por *post*, seguidas de legendas, *hashtags* e *emojis*. Nas postagens do FEED tem espaço para os usuários curtir, comentar e compartilhar com outros usuários ou até mesmo compartilhar no *story* com seus seguidores, aumentando o engajamento e a circulação de informações. Desse modo, no FEED do perfil TransInformAÇÃO possui postagens que contempla o conteúdo dos destaques, além de postagens que tem relação com a proposta, a exemplo: dia da visibilidade trans, notícias sobre mulheres transexuais, travestis com destaque social, entre outras.

O FEED do Instagram também pode conter publicações de outras ferramentas, como por exemplo, o IGTV (Instagram TV), permitindo a criação de conteúdos de aproximadamente uma hora, com a proposta de ser uma televisão no

formato vertical. Ademais do IGTV, tem um recurso mais recente que é o REELS, possuindo a duração de no máximo 15 minutos que o usuário pode compartilhar vídeos engraçados e envolventes, para divulgar seu produto, fazer *memes*, danças, informações, curiosidades, instrutivos e até educativos.

Outro recurso que o perfil TransInformAÇÃO vai utilizar é o “ao vivo”, cuja ferramenta possibilita a realização de *live* de até 4 pessoas simultaneamente, tornando um espaço para debates. Nesse espaço a duração é de uma hora é possível que os seguidores que estão assistindo comentem através do *chat* que fica disponível na tela da transmissão, promovendo o diálogo com quem está transmitindo e entre os demais usuários que estão assistindo. Desse modo, essa ferramenta vai possibilitar a realização de *live* com outras mulheres transexuais visando a troca de vivências no âmbito social e educativo, a socialização de ações afirmativas, filmes e atividades culturais, além da transmissão de conteúdo educativo. É importante sinalizar que a disponibilização de informação na internet não fomenta a aprendizagem e nem substitui a professora, porém esses espaços virtuais contribuem para a educação formal e não formal de estudantes e as demais pessoas.

Durante a elaboração do Instagram TransInformAÇÃO foram realizadas diversas pesquisas acerca das vivências das mulheres transexuais e travestis, além da busca pelos documentos institucionais que contempla o referido grupo, entre outros materiais que contribuíram para a construção do trabalho. Desse modo, o produto da pesquisa contempla a justificativa pessoal e profissional que por sua vez dialoga com o objetivo geral e específicos da pesquisa e seus desdobramentos.

A socialização dos percursos das mulheres transexuais em Programas de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* na plataforma Instagram visou a difusão das vivências para o ciberespaço, incentivou a participação de mulheres trans na produção de ciência e promove a socialização entre elas por meio de debates fecundos, além de informar sobre transexuais perante as pessoas cisgênero e quem sabe diminuir o estigma social acerca do referido grupo marginalizado.

5. A INQUIETAÇÃO CONTINUA: (IN)CONCLUSÕES

A investigação teve enquanto objeto de estudo os percursos das mulheres transexuais cotistas no período dos últimos quatro anos (2018-2022) na Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade do Estado da Bahia. E em consonância com essa realidade, surgiu a seguinte questão de pesquisa: como as mulheres cotistas transexuais vivenciam e sistematizam ações dialógicas a partir dos documentos institucionais dentro da UNEB? Assim, se instituiu como objetivo analisar o percurso das mulheres cotistas transexuais nos últimos quatro anos na Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB. A questão de estudo do presente trabalho foi respondida com êxito uma vez que a pesquisa apresenta de forma detalhada como se estrutura a opressão social por meio de uma cultura patriarcal ocidental quando se fala de mulheres transexuais em um contexto de um país colonizado onde a desigualdade é gritante para os grupos marginalizados, como negros, índios, mulheres, LGBTQ, etc. Desse modo, as narrativas foram imprescindíveis para a criação do produto da pesquisa e os seus desdobramentos de cunho informativo e educacional.

Para isso, o estudo se constituiu em uma pesquisa de intervenção com abordagem exploratória, considerando as especificidades que circundam o desenvolvimento da pesquisa no Mestrado Profissional. Também, se utilizou da pesquisa documental e da História de Vida enquanto metodologia, através da categorização e análise de documentos e entrevistas como narrativas orais e análise autobiográfica. A participante foi uma mulher cotista transexual matriculada Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* na UNEB nos últimos quatro anos.

A escrita final da dissertação foi dividida em quatro capítulos, correspondentes a introdução, aos objetivos específicos da pesquisa e aos procedimentos metodológicos. No primeiro capítulo foi desenvolvida a introdução e a contextualização do objeto do estudo. No segundo capítulo abordou a UNEB e seus embasamentos legais/regimentais para a política de cotas concernentes a transgêneros, transexuais e travestis. A partir de então, no terceiro capítulo foi aprofundado nas vivências e análises do campo empírico das mulheres transexuais na condição de estudantes cotistas da UNEB nos PPGSS. E por fim, no quarto capítulo apresenta os percursos das mulheres transexuais na Pós-Graduação

Stricto-Sensu da UNEB a partir de uma sistematização dialógica no âmbito educativo e social por fim as (in)conclusões do trabalho. A pesquisa só foi realizada após autorização do CEP/UNEB sob número do Parecer: 5.080.636, em todas as fases, foram respeitadas e atendidas às normatizações das Resoluções nº 466/2012 e 510/2016, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

E como produto, construiu-se coletivamente um perfil na plataforma digital Instagram intitulado @TransInformAÇÃO que expressou a partir das vivências e dos documentos institucionais as sistematizações dialógicas no âmbito educativo e social.

Importante mencionar que os objetivos foram alcançados. Assim como, os achados da pesquisa, a relevância do estudo e os impactos obtidos no âmbito educativo e social; os possíveis desdobramentos e os resultados no contexto da difusão do conhecimento e as contribuições do estudo no contexto local, institucional, do Grupo de Pesquisa e do Programa encontram-se (in)concluídos nesse primeiro momento por entender que essa pesquisa será aprofundada em outro momento e que requer os desdobramentos, a exemplo da elaboração de artigos científicos para revistas e periódicos da área, a socialização do trabalho em eventos e a criação dialogada de um Coletivo de mulheres transexuais a partir das discentes da UNEB, que será pensado a partir das interações provenientes do perfil do Instagram, uma vez que o mesmo visa montar uma rede de debates interinstitucionais e interdisciplinar, visando a socialização de temas pertinentes as políticas públicas voltadas para mulheres transexuais, o que trará uma grande relevância e impacto social para o supracitado grupo.

A relevância desta pesquisa se dá pela constatação de que mesmo com políticas públicas e ações afirmativas, mulheres transexuais sofrem pela transfobia institucionalizada que em alguns casos se manifesta de forma velada, e em outros se torna bastante explícita. Desse modo, deve-se pensar além das políticas de cotas e permanência estudantil de mulheres trans e travestis, mas também pensar em formar de educar a comunidade acadêmica e a sociedade, com vistas promover a inclusão de fato dessas mulheres.

Portanto, esta pesquisa foi fundamental para romper com alguns estigmas que as mulheres transexuais sofreram por séculos, apresentando as mulheres trans como pesquisadora, mãe, filha, estudante e professora na sociedade contemporânea. Além de mostrar como essas mulheres vem lutando pelo seu

reconhecimento profissional ao mesmo tempo em que passa por situações de transfobia e de deslegitimação da sua identidade em uma sociedade pós-colonial, que tem em sua base o catolicismo, o patriarcado, o capitalismo e o conservadorismo, demonstrando uma perspectiva decolonial e de interseccionalidade.

Na condição de mulher transexual, professora de espanhol, militante e pesquisadora, que escreve sobre os percursos sociais e educativos a partir do meu local de fala, percebo a relevância do presente trabalho e dos desdobramentos no enfrentamento da transfobia institucionalizada que perpetua opressões para o grupo que pertença. Dessa forma, na busca por romper com a realidade em que as mulheres transexuais são condicionadas ainda na contemporaneidade, penso que a presente pesquisa mesmo (in)concluída momentaneamente, sinto-me instigada e permanecer nesse percurso para que as mudanças sociais e culturais sejam implementadas, visando a inclusão de transexuais de forma digna nos espaços educativos e sociais.

REFERÊNCIAS

ALVES, André Luiz; MOTA, Marlton Fontes; TAVARES, Thiago Passos. **O INSTAGRAM NO PROCESSO DE ENGAJAMENTO DAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS: A dinâmica para a socialização do ensino-aprendizagem.** Revista Científica da FASETE 2018.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A questão do território no Brasil.** – São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

ANTRA. **Nota da ANTRA sobre Cotas e Reservas de Vagas em Universidades Destinadas às Pessoas Trans.** Disponível em <https://antrabrasil.org/2020/12/17/nota-antra-cotas-universidades-pessoas-trans/>. Acesso em: 20/07/2022

ASSIS, D. N. C. de. **Feminismos negros e interseccionalidade no contexto norte-americano.** In: ASSIS, D. N. C. de. **Interseccionalidades.** Salvador: UFBA, 2019. p. 11-25. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/554207/2/eBook%20-%20Interseccionalidades.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2022.

BARBOSA, E. R. O. (2016). **A Presença da Universidade do Estado da Bahia nos Meios Locais: o perfil e a inserção profissional dos seus egressos licenciados.** Tese de Doutorado. Salvador: Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

BARRETO DE AMORIM, Ivonete. **La relevancia social y educativa de los productos listados en el marco del máster profesional interdisciplinar: reflexiones preliminares.** *Rev. Cubana Edu. Superior* [online]. 2021, vol.40, suppl.1, 11. Epub 01-Nov-2021. ISSN 0257-4314.

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 256 p.

BENTO, Berenice. **Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal.** DOSSIER Políticas Educativas, Paraná, v. 13, n. 2, p. 51-62, 2020 – ISSN: 1982-3207 61 Contemporânea, v. 4, n. 1, pp. 165-182, jan./jun. 2014.

BENTO, A. **Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas.** Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira), nº 65, ano VII, p. 42-44), 2012.

BOAVENTURA, E. M. **A Construção da Universidade Baiana: origens, missões e afro descendência.** Salvador, EDUFBA, 2009.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”.** 2019, p.2.

BUTLER, Judith. **Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução: Renato Aguiar. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1990.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: qual a vida é passível de luto?** Tradução: Sérgio Lamarão; Arnaldo da Cunha. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2015.

CARTILHA LGBT. **Conceitos, direitos e conquistas.** 2º Edição. Revista atualizada e ampliada. 2016. Disponível em <https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/Cartilha_LGBT.pdf> Acesso em 01.09.2022

CISNE, M. **Feminismo e consciência de classe no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2014.

CISNE, M. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social.** 2. ed. São Paulo: Outras expressões, 2015.

CISNE, M.; SANTOS, S. M. M. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social**. São Paulo: Cortez, 2018.

COELHO, Fernando; BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista. **O Youtube como instrumento de estímulo ao processo de aprendizagem nas universidades**. Revista Intersaberes, Uninter, v. 14, n. 31, 2020.

DA MAIA, Gabriela Felten; FORECHI, Marcilene; LOPES, Daiane D.; et al. **Comunicação e Psicologia**. UniRV: Grupo A, 2020. E-book. ISBN 9786581492960. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786581492960/>. Acesso em: 23 set. 2022.

DELPHY, C. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, H. et al. (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009. p.173-178. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario_critico_do_feminismo%202009.pdf. Acesso em: 26 out. 2021.

FANON, Franz. *The wretched of the Earth*. Tradução: C. Farrington. New York: Grove Weidenfeld. 1968:39. [ed. br.: **Os condenados da terra** (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979)].

FERREIRA, Stefany. **FESTA EM LOUVOR A SÃO JOSÉ EM MOSSÂMEDES – GO: PATRIMÔNIO E MEMÓRIA DE UMA CIDADE (2000 – 2020)**. Relatório técnico para apresentação à banca do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, Mestrado Profissional, da Universidade Estadual de Goiás - Campus Cora Coralina (PROMEP/UEG). 2021. Disponível em: <[Dissertação mestrado - Stefany \(1\).pdf](#)>

FLEURY, Maria T. L.; WERLANG, Sergio R. C. **Pesquisa Aplicada: Conceitos e Abordagens**. Anuário de Pesquisa. 2016 – 2017. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/apgvpesquisa/article/view/72796/69984>> Acesso em: 01 set. 2021.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GIL. Como **Elaborar Projeto de Pesquisa**. São Paulo: Atlas. 2002.

HAGUETTE, Teresa Maria F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Ed. Vozes. Vol. 4º. 1997.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, v. 26, n. 1. 2014.

INFOPÉDIA. **Dicionários Porto Editora**. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/percurso>. Acesso em: 20/09/2022.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>> Acesso em: 23.09.2022.

JOSSO, M. C. **Os relatos de história de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos socioculturais e projetos de vida programados na invenção de si**. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006, p. 21-40.

LEANDRO, M. E. Transformações da família na história do Ocidente. **Theologica**, [S.l.], v. 41, n. 1, 2006, p.51-74. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/70682503.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2022.

LEFEVRE, A. M. C.; CRESTANA, M. F.; CORNETA, V. K. **A utilização da metodologia do discurso do sujeito coletivo na avaliação qualitativa dos cursos de especialização**. "Capacitação e Desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde-CADRUH", São Paulo. 2002.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. O futuro da internet: na direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

LIMA, A. R. de. **Educação para mulheres na América Latina**: um olhar decolonial sobre o pensamento de Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper. Curitiba: Appris, 2019.

LIMA, P.; PORTELA, R. Mulheres na política: ações buscam garantir maior participação feminina no poder. **Agência Senado**. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/05/aliados-na-luta-por-mais-mulheres-na-politica>. Acesso em: 31 ago. 2022.

MATTOS, Wilson Roberto de. **Cotas para negros na universidade do estado da Bahia: histórico e breves considerações**. In: AFROUNEB: ações afirmativas, igualdade racial e compromisso social na construção de uma nova cultura universitária. Salvador: EDUNED, 2007.

MATTOS, Wilson Roberto de; MACEDO, Kize Aparecida Silva de; MATTOS, Ivanilde Guedes de. **10 anos de ações afirmativas na uneb: Desempenho comparativo entre cotistas e não cotistas de 2003 a 2009**. In: Revista da ABPN. V. 5. p. 83-99.2013.

MATTOS, Wilson Roberto de. **Ação afirmativa na Universidade do Estado da Bahia: razões e desafios de uma experiência pioneira**. 2003.

MATTOS, Wilson. **Ação Afirmativa na Universidade do Estado da Bahia: razões e desafios de uma experiência pioneira**. In: Educação e Ações Afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Disponível em: http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/educacao_acoes_afirmativas.pdf. Acesso em: 09.06.2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução Nº 1, de 19 de Janeiro de 2018**. Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno.

MORENA, Mariah, **A passabilidade e a política de embranquecimento**. Disponível em: [https://www.intrinseca.com.br/blog/2021/06/a-passabilidade-e-a-politica-de-embranquecimento/#:~:text=O%20termo%20passabilidade%20\(em%20ingl%C3%AAs,passar%20por%20cisp%C3%AAnera%2C%20por%20exemplo](https://www.intrinseca.com.br/blog/2021/06/a-passabilidade-e-a-politica-de-embranquecimento/#:~:text=O%20termo%20passabilidade%20(em%20ingl%C3%AAs,passar%20por%20cisp%C3%AAnera%2C%20por%20exemplo). Acesso em 30/08/2022

MPIES, Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social. **Apresentação do Programa**. Disponível em: <https://www.mpies.uneb.br/apresentacao/> Acesso em 20/07/2022.

NEDEL, Juno. **O Corpo como Arquivo — Tensionando Questões sobre História e Memória Trans**. Revista Eletrônica Ventilando Acervos, Florianópolis, v. especial, n. 1, p. 16-41, jul. 2020.

NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. de; ARAUJO, A. D. G.; PIMENTA, D. A. O. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del Rei, v.1 2, n. 2, p. 466-486, mai/ago, 2017. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/2454. Acesso em: 26 out. 2021.

PEREIRA, Antonio. **Pesquisa de Intervenção em Educação**. Eduneb. Salvador - BA. 2019.

QUINTEIRO, José Reinaldo.; SILVA, R. S. . **Sociabilidade, Saberes e Projetos de Inclusão na Conjuntura do Colégio Estadual da Polícia Militar em Rio Verde**. FRAGMENTOS DE CULTURA, v. 30, p. 624-637, 2021.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Programa AFIRMATIVA de Pesquisa e Extensão nos Campi da UNEB**. EDITAL Nº 073/2022 Referente ao aviso nº 112/2022, publicado no D.O.E. de 14/07/2022.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2017 – 2022**.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Regimento Geral da UNEB**. Aprovado pela Resolução CONSU nº864/2011 (D.O.E. 19/20-11-2011), homologada pelo Decreto nº 13.664, de 07-02-2012 (D.O.E. 08-02-2012). Aprovado pela Resolução CONSU nº864/2011 (D.O.E. 19/20-11-2011), homologada pelo Decreto nº 13.664, de 07-02-2012 (D.O.E. 08-02-2012).

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Resolução 1.339/2018. Aprova o sistema de reservas de vagas para negros e sobrevagas para indígenas; quilombolas; ciganos; pessoas com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades; transexuais, travestis e transgênero, no âmbito da UNEB, e dá outras providências**. Publicada no D.O.E 28.07.2018.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Resolução 1.406.2020. Regulamenta o Plano de Ação para o enfrentamento a pandemia COVID-19, no âmbito da UNEB**. Publicada no D.O.E. de 19-03-2020, p. 39.

OLIVEIRA, Carloney Alves de. **Entre processos formativos e imperativos: o whatsapp como espaço significativo na orientação e formação**. In: WhatsApp e educação: entre mensagens, imagens e sons. PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo de Jesus; CHAGAS, Alexandre de Meneses. (Org.). Salvador: EDUFBA, 2017.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Casa civil.1988.

RIBEIRO, A. I. M. Mulheres e educação no Brasil-Colônia: histórias entrecruzadas. **Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"**, Campinas, Faculdade de Educação – Unicamp. 2006. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos/mulheres-e-educacao-no-brasil-colonia-historias-entrecruzadas>. Acesso em: 25 mar. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

RODRIGUES, L.; CARNEIRO, N. S.; NOGUEIRA, C. Problematização do feminismo interseccional: o lugar das pessoas trans(gênero) no Brasil e em Portugal. In: **Seminário Múltiplas Discriminações - Projeto Memória e Feminismos**. Lisboa: UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta/Projeto Memória e Feminismos: múltiplas discriminações, p. 33-55, 2018.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1996

SANTOS, B. ALMEIDA FILHO, N. **A Universidade no Século XXI: para a construção de uma universidade nova**. 2008. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/A%20Universidade%20no%20Seculo%20XXI.pdf>. Acesso em: julho/2017.

SANTOS, Boaventura Sousa e Meneses, Maria Paula(Orgs.) **Epistemologias do Sul**.São Paulo: Cortez, 2010.

SAVIANI, D. **A Pós-Graduação em Educação no Brasil: pensando o problema da orientação**. In: BIANCHETTI, Lucídio. MACHADO. Ana Maria Netto. Orgs. A Bússola do Escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 2. ed. Florianópolis, Ed. da UFSC, São Paulo, Cortez, 2006.

SCOTT, Joan Wallach. **"Gênero: uma categoria útil de análise histórica"**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

SILVA, Sandra Célia Coelho Gomes da. **La importancia de la mujer y la perpetuación de la tradición de la Romería de Bom Jesus da Lapa: relecturas del contexto**. REVISTA CUBANA DE EDUCACIÓN SUPERIOR, v. 40, p. 1-13, 2021

SILVA, Valdélío. **Políticas de ações afirmativas na uneb: memórias de um acontecimento histórico**. Políticas de Ações Afirmativas na UNEB. Mujimbo. V. 1, N. 1, julho de 2010.

SIMPSON, Keila (Presidenta da ANTRA). **Sobre a ANTRA**. Disponível em:
<https://antrabrasil.org/sobre/>. Acesso em: 10/04/2022

VITORINO, César Costa; FERREIRA, E. M. O. . **LITERATURA NEGRA, CULTURA E FORMAÇÃO CIDADÃ ANTIRRACISTA**. Revista Alembra, v. 3, p. 32-50, 2021

APÊNDICE I

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Participantes: Mulheres trans cotistas do curso de pós-graduação.

1. Conte um pouco sobre você enquanto mulher trans e suas vivências no âmbito educacional, social e religioso.
2. Descreva o percurso relacionado a sua identidade, com a escolha do programa de pesquisa e o objeto de estudo?
3. Como você percebe as políticas de cotas dentro dos programas de pós-graduação da UNEB, sua aplicabilidade e sugestões.



ANEXO I

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DE SERRINHA - CAMPUS XI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO-SENSU NA
MODALIDADE DE MESTRADO PROFISSIONAL EM INTERVENÇÃO
EDUCATIVA E SOCIAL**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Participante: Thiffany Odara

Documento de Identidade nº: 0886967589

Sexo: F (x)

Data de Nascimento:

Endereço: Rua Mário Ogando da Silva

Complemento: nº 22

Bairro: Portão

Cidade: Lauro de Freitas

CEP: 42714190

Telefone: 71 9 9189 1570

II – DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: PERCURSOS DAS MULHERES COTISTAS TRANSEXUAIS NA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* DA UNEB: UMA SISTEMATIZAÇÃO DIÁLOGICA NO ÂMBITO EDUCATIVO E SOCIAL

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Paula Valentine Soares de Freitas
Cargo/Função: Discente do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social – (MPIES/UNEB) DEDC – XI – Serrinha/Bahia.

III - EXPLICAÇÕES DA PESQUISADORA AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o percurso das mulheres cotistas transexuais nos últimos quatro anos na Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB e construir coletivamente um perfil na plataforma digital Instagram que expresse a partir das vivências e dos documentos institucionais as sistematizações dialógicas no âmbito educativo e social. Apresenta-se de natureza aplicada com abordagem

qualitativa. Será uma ação direta com uma mulher transexual cotista do curso de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB, vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc/UNEB/DEDC-I). Realizar publicações de Artigos em Revistas Científicas; Elaboração de um documento referencial informativo que servirá de base para alimentar o meio de divulgação dos resultados obtidos na pesquisa; Para tal divulgação, será criado um perfil na plataforma *Instagram*, que será o produto final do projeto, na perspectiva de socializar as informações sobre mulheres transexuais no ensino superior e assim dar maior visibilidade à temática. Pois a pesquisa é a inovação a partir da investigação. Com isso, o Mestrado Profissional em Intervenção Educativa Social (MPIES), será fortalecido, a partir do desenvolvimento e conhecimento de novos contextos de aprendizagem e as contribuições sobre gênero e diversidade na Educação para o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde – GEPERCS. Em alguma situação, essa participante pode se sentir sensível ao responder as questões de ordem emocional, pode ocorrer a perda do autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos. Devido a isso, será reservado um ambiente tranquilo com a presença apenas da pesquisadora e participante, uma de cada vez, para que se sintam confortáveis e seguras ao falar. A universidade concederá suporte em todo período da realização da pesquisa, diante aos atendimentos necessários de ordem psicológica. No que se diz respeito aos critérios de inclusão da pesquisa, serão inclusas na pesquisa as mulheres transexuais na ingressas na condição de cotistas e que estão matriculadas no curso de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* da UNEB nos últimos 4 anos (2018 – 2021). Àquelas que não se enquadram no perfil da pesquisa, por não estarem na Pós-Graduação *Stricto-Sensu* por meio das cotas ou por não possuir documentos retificados, não estarão aptas à participar. A participante é egressa do Curso de Pedagogia UNEB/DEDC-I, vinculada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc/UNEB/DEDC-I). Ela terá total liberdade para participar ou não da pesquisa, também poderá desistir caso se sintam desconfortáveis no decorrer do processo. Como produto final, será a criado coletivamente um perfil na plataforma digital *Instagram* para subsidiar as mulheres transexuais provenientes da política de cotas da UNEB partindo das sistematizações educativas e sociais. Caso aceite, a Senhora será entrevistada e esta entrevista será gravada, pela aluna Paula Valentine de Freitas do curso do **Mestrado Profissional**

em Intervenção Educativa e Social - (MPIES/UNEB) DEDC – XI – Serrinha/Bahia.

Devido a coleta de informações a senhora poderá SENTIR DESCONFORTO AO REVELAR PRIVACIDADE. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto a senhora não será identificada. Caso queira, a senhora poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que a senhora apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileiras. A senhora tem direito a indenização caso seja prejudicada por esta pesquisa. A senhora receberá uma cópia deste termo onde consta o contato das pesquisadoras, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Paula Valentine Soares de Freitas

Endereço: Rua Pacheco de Oliveira, nº 40, **Bairro** Fazenda Grande do Retiro

Telefone: (71) 99310-6909, **E-mail:** pvsfreitas@uneb.br

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula.

Salvador-BA.CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2445 e-mail:cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEP 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pela pesquisadora sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa, **“PERCURSOS DAS MULHERES COTISTAS TRANSEXUAIS NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU DA UNEB: UMA SISTEMATIZAÇÃO DIÁLOGICA NO ÂMBITO EDUCATIVO E SOCIAL”**, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade como voluntária, consentindo que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e

assinarei este documento em duas vias, sendo uma destinada a pesquisadora e outra a via que a mim.

Salvador, outubro de 2021.

Assinatura da participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora discente
responsável (orientanda)

Assinatura da professora
(orientadora)

ANEXO II

La muerte de Madonna

Pedro Lemebel

Fue la primera que se pegó el misterio en el barrio San Camilo. Por aquí, casi todas las travestis están infectadas, pero los clientes vienen igual, parece que más les gusta, por eso tiran sin condón.

Ella sola se puso Madonna, antes tenía otro nombre. Pero cuándo la vio por la tele se enamoró de la gringa, casi se volvió loca imitándola, copiando sus gestos, su risa, su forma de moverse. La Madonna tenía cara de mapuche, era de Temuco, por eso nosotros la molestábamos, le decíamos Madonna Peñi, Madonna Curilagüe, Madonna Pitrufquén. Pero ella no se enojaba, a lo mejor por eso se tiñó el pelo rubio, rubio, casi blanco. Pero ya el misterio le había debilitado las mechas. Con el agua oxigenada se le quemaron las raíces y el cepillo quedaba lleno de pelos. Se le cala a mechones. Nosotros le decíamos que parecía perra tiñosa, pero nunca quiso usar peluca. Ni siquiera la hermosa peluca platinada que le regalamos para la Pascua, que nos costó tan cara, que todos los travestis le compramos en el centro juntando las chauchas, peso a peso durante meses. Solamente para que la linda volviera a trabajar y se le pasara la depre. Pero ella, orgullosa, nos dio las gracias con lágrimas en los ojos, la apretó en su corazón y dijo que las estrellas no podían aceptar ese tipo de obsequios

Antes del misterio, tenía un pelo tan lindo la diabla, se lo lavaba todos los días y se sentaba en la puerta peinándose hasta que se le secaba. Nosotros le decíamos: Éstrate niña, que va a pasar la comisión, pero ella, como si lloviera. Nunca le tuvo miedo a los pacos. Se les paraba bien altanera la loca, les gritaba que era una artista, y no una asesina como ellos. Entonces le daban duro, la apaleaban hasta dejarla tirada en la vereda y la loca no se callaba, seguía gritándoles hasta que desaparecía el furgón. La dejaban como membrillo corcho, llena de moretones en la espalda, en los riñones, en la cara. Grandes hematomas que no se podían tapar con maquillaje. Pero ella se reía. Me pegan porque me quieren, decía con esos dientes de perla que se le fueron cayendo de a uno. Después ya -no quiso reírse más, le dio por el trago, se lo tomaba todo hasta quedar tirada y borracha que daba pena.

Sin pelo ni dientes, ya no era la misma Madonna que tanto nos hacía reír cuando no venían clientes. Nos pasábamos las noches en la puerta, cagadas de frío haciendo chistes. Y ella imitando a la Madonna con el pedazo de falda, que era un chaleco beatle que le quedaba largo. Un chaleco canutón, de lana con lamé, de esos que venden en la ropa americana. Ella se lo arremangaba con un cinturón y le quedaba una regia minifalda. Tan creativa la cola, de cualquier trapo inventaba un vestido.

Cuando se puso la silicona le dio por los escotes. Los clientes se volvían locos cuando ella les ponía las tetas en la ventana del auto. Y parece que veían a la verdadera Madonna diciendo: Mister, lovmi plis.

Ella se sabía todas las canciones, pero no tenía idea lo que decían. Repetía como lora las frases en inglés, poniéndole el encanto de su cosecha analfabeta. Ni falta hacía saber lo que significaban los alaridos de la rucia. Su boca de cereza modulaba tan bien los tuyú, los miplís, los rimernber lovmi. Cerrando los ojos, ella era la Madonna, y no bastaba tener mucha imaginación para ver el duplicado mapuche casi perfecto. Eran miles de recortes de la estrella que empapelaban su pieza. Miles de pedazos de su cuerpo que armaban el firmamento de la loca. Todo un mundo de periódicos y papeles colorinches para tapar las grietas, para empapelar con guiños y besos Monroe las manchas de humedad, los dedos con sangre limpiados en la muralla, las marcas de ese rouge violento cubierto con retazos del jet set que rodeaba a la cantante. Así, mil Madonnas revoloteaban a la luz cagada de moscas que amarilleaba la pieza, reiteraciones de la misma imagen infinita, de todas formas, de todos los tamaños, de todas las edades; la estrella volvía a revivir en el terciopelo enamorado del ojo coliza. Hasta el final, cuando no pudo levantarse, cuando el sida la tumbó en el colchón hediondo de la cama. Lo único que pidió cuando estuvo en las despedidas fue escuchar un cassette de Madonna y que le pusieran su foto en el pecho.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PERCURSOS DAS MULHERES COTISTAS TRANSEXUAIS NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU DA UNEB: UMA SISTEMATIZAÇÃO DIÁLOGICA NO ÂMBITO EDUCATIVO E SOCIAL

Pesquisador: PAULA VALENTINE SOARES DE FREITAS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 52657321.0.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.080.636

Apresentação do Projeto:

O projeto é vinculado ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA SOCIAL-MPIES da UNEB de Serrinha na Bahia.

Desenho da pesquisa;

"A pesquisa possui enquanto objeto de estudo os percursos das mulheres transexuais cotistas nos últimos quatro anos na Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade do Estado da Bahia. E em consonância com essa realidade, surge a seguinte questão de pesquisa: Como as mulheres cotistas transexuais vivenciam e sistematizam ações dialógicas a partir dos documentos institucionais dentro da UNEB? Assim, se instituiu como objetivo analisar o percurso das mulheres cotistas transexuais nos últimos quatro anos na Pós-Graduação Stricto-Sensu da UNEB e construir coletivamente um perfil na plataforma digital Instagram que expresse a partir das vivências e dos documentos institucionais as sistematizações dialógicas no âmbito educativo e social. Para isso, o estudo se constitui em uma pesquisa de intervenção com abordagem exploratória, considerando as especificidades que circundam o desenvolvimento da pesquisa no Mestrado Profissional. Também, se utilizará da pesquisa documental e da História de Vida enquanto métodos de pesquisa, através da categorização e análise de documentos e entrevistas como narrativas orais.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.080.636

As participantes serão as mulheres cotistas transexuais matriculadas nos cursos de Pós-Graduação na UNEB nos últimos quatro anos. Como forma de análise e apresentação dos resultados, será utilizado o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), analisando as narrativas das mulheres transexuais. Posteriormente, se construirá diálogos embasados nos documentos legais da UNEB, desenvolvendo novas reflexões a partir das questões vivenciadas por essas mulheres que forem sendo apresentadas no decorrer da pesquisa. Para isso, a escrita final da dissertação será dividida em quatro capítulos, correspondentes a introdução, aos objetivos específicos da pesquisa e aos procedimentos metodológicos. No primeiro capítulo será desenvolvida a introdução e a contextualização do objeto do estudo. No segundo capítulo será abordado a UNEB e seus embasamentos legais/regimentais para a política de cotas para transgêneros, transexuais e travestis. A partir de então, no terceiro capítulo será aprofundado nas vivências e análises do campo empírico das mulheres transexuais na condição de estudantes cotistas da UNEB. E por fim, no quarto capítulo serão apresentados os percursos das mulheres transexuais na pós-graduação stricto-sensu da uneb a partir de uma sistematização dialógica no âmbito educativo e social e conclusão".

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar o percurso das mulheres cotistas transexuais nos últimos quatro anos na Pós-Graduação Stricto-Sensu da UNEB e construir coletivamente um perfil na plataforma digital Instagram que expresse a partir das vivências e dos documentos institucionais as sistematizações dialógicas no âmbito educativo e social.

Objetivo Secundário:

- Apresentar a Universidade do Estado da Bahia e os seus embasamento legais concernentes a política de cotas de pessoas transexuais;
- Contextualizar o percurso acadêmico das mulheres transexuais na UNEB nos últimos quatro anos, na Pós-Graduação Stricto-Sensu, com base nas vivências e nos documentos institucionais;
- Elaborar coletivamente um perfil na plataforma digital Instagram para subsidiar as mulheres transexuais provenientes da política de cotas da UNEB partindo das sistematizações educativas e sociais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e Benefícios informados conforme orienta a Resolução nº 466/12.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.080.636

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e exequível.

A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto. Ainda assim, sugerimos cautela e discricção na abordagem da população estudada e na divulgação dos achados da pesquisa para não acentuar as dificuldades da referida população, promovendo a informação e o cuidado com esse segmento da população.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na perspectiva da eticidade, conforme segue:

- 1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: Consta no protocolo em conformidade;
- 2 – Termo de confidencialidade: Em conformidade;
- 3 – A autorização institucional da proponente: Encontra-se adequada;
- 4 – A autorização da instituição coparticipante: Em conformidade;
- 5 - Folha de rosto: Em conformidade;
- 6 – TCLE: Precisa adequar a edição para o convite as participantes, mas as informações dão conta da eticidade;
- 7 - Termo de Concessão: Encontra-se adequado;
- 8 - Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: Adequado;
- 9 – Declaração de concordância com a execução do projeto de pesquisa: Em conformidade;
- 10 - Termo de autorização para uso de depoimentos: Inadequado e não deve ser utilizado, tendo em vista que os depoimentos são para análise e não para publicação, além do TCLE ser o instrumento formal de doação dos dados da pesquisa.

Recomendações:

Colocar o TCLE como convite sem alterar as informações; Não utilizar o termo de autorização para uso de depoimentos por contradizer a confidencialidade. O TCLE é o documento formal/oficial de doação dos dados.

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.080.636

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Vale destacar que as pesquisadoras/es devem ler o parecer por completo antes de executar o protocolo de pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.52657321.0.0000.0057

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1822807.pdf	18/10/2021 15:56:08		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO.pdf	17/10/2021 17:10:25	PAULA VALENTINE SOARES DE FREITAS	Aceito
Outros	TERMO_DE_AUTORIZACAO_INSTITUCIONAL_DA_COPARTICIPANTE.pdf	17/10/2021 17:01:40	PAULA VALENTINE SOARES DE	Aceito
Outros	TERMO_DE_AUTORIZACAO_INSTITUCIONAL_DA_PROPONENTE.pdf	17/10/2021 17:00:28	PAULA VALENTINE SOARES DE	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_DO_PESQUISADOR.pdf	17/10/2021 16:59:21	PAULA VALENTINE SOARES DE	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_PARA_COLETA_DE_DADOS_EM_ARQUIVOS	17/10/2021 16:58:32	PAULA VALENTINE SOARES DE	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONCESSAO.pdf	17/10/2021 16:57:26	PAULA VALENTINE SOARES DE	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.pdf	17/10/2021 16:56:50	PAULA VALENTINE SOARES DE	Aceito
Outros	TERMO_DE_AUTORIZACAO_DO_USO	17/10/2021	PAULA VALENTINE	Aceito

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 5.080.636

Outros	DE_DEPOIMENTOS.pdf	16:55:58	SOARES DE	Aceito
Outros	DECLARACAO_DE_CONCORDANCIA_COM_O_DESENVOLVIMENTO.pdf	17/10/2021 16:54:43	PAULA VALENTINE SOARES DE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf	17/10/2021 16:51:40	PAULA VALENTINE SOARES DE FREITAS	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_PARA_PESQUISA_ENVOLVENDO_SERES_HUMANOS.	17/10/2021 16:50:15	PAULA VALENTINE SOARES DE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 05 de Novembro de 2021

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br